

caxangá

revista de arte e crítica - v. 3, n. 1, abr/2021



C
a X
a
h g
á

revista de arte e crítica

v. 3, n. 1, abr. 2021

Caxangá revista de arte e crítica

Editores

Ana Luíza Drummond

Jorge de Freitas

Ranielle Menezes de Figueiredo

Pareceristas

Cristiane Navais

Jean Dyego Soares

João Paulo Xavier

Márcio Oliveira

Patrícia Ramos

Thiago Mattos

Virgínia Mota

Capa

Daniel Grimoni, fotografia de Gisele Carvalho Reginatto.

Projeto gráfico, editorial

Érica Cristina Pereira de Souza

Ranielle Menezes de Figueiredo

Caxangá: Revista de arte e crítica, v. 3, n. 1, Abr- 2021. - Poços de Caldas, MG.

Semestral.

ISSN: 2675-7966

1. Historia- 2. Arte. 3 Cultura.

Sumário



Apresentação	13
<i>Alan da Silva Vieira</i>	15
Tudo bem.....	16
<i>Albertina</i>	19
Ópera	20
Passante.....	22
Terremoto	23
<i>Aline Bischoff</i>	25
A Poesia na Selva de Pedra.....	26
<i>Amanda Malerba</i>	27
Entre Abutres e Milhafres- O Equívoco de Freud sobre Leonardo a Vinci	28
<i>Ana Yanca Maciel</i>	35
Primeiro verso.....	36
Segundo verso	37
Terceiro verso.....	38
Quarto verso.....	39
Êxtase divino	40
Lágrima de Eros.....	41
Leite da carne	42
<i>Ana Areias</i>	43
O birô	44
Três pontas.....	50
<i>Anderson Costa</i>	55
A Porta	56
<i>André Pinto</i>	62

Dia da consciência negra	63
Dia da consciência negra	64
Dia da consciência negra	65
<i>Antônio Gil</i>	66
AH!.....	67
Solilóquio	68
Refúgio.....	70
Sentinela	71
Pastiche.....	73
Imagem.....	75
<i>Atlas Hutton</i>	76
Monte das Almas.....	77
<i>Bianca Senna Krawczyk</i>	81
As aparências enganam.....	82
O que não foi.....	84
<i>Brenda Sampaio</i>	86
Esconde esconde.....	87
Mulher do sertão.....	88
<i>Carlos Amorin</i>	91
Golpe de Sorte	92
<i>Cesar Casella</i>	96
A CRÍTICA À LÓGICA CAPITALISTA EM QUINCAS BORBA.....	97
<i>Ciro Julio Cellurale</i>	102
O garoto de Berlim.....	103
Olhar do Pesquisador Com Francesco Rossi Lena num estudo de cintilação de diamantes	104
<i>Cleber de Araújo</i>	105
INSÓLITA TROCA.....	106
<i>Cristina Castilho</i>	109



A sombra.....	110
O poder de um rebuçado	112
<i>Deivid Junio</i>	114
Horário de almoço	115
Necrópole	116
São Francisco de Assis de Ouro Preto.....	117
Simples	119
<i>Denis Scaramussa Pereira</i>	120
Réu-niã (22/04/2020)	121
Desconvide-se	122
Colônia.....	124
Um preso-e-morto.....	125
Uma Flor para Michelle.....	126
Saudade	129
Rês-pira a pátria.....	130
Epitáfio.....	131
Choro das águas	132
Soneto da quarentena.....	133
Ré-tomada	134
Oração	135
Meu Xá.....	137
<i>Diana Krüger</i>	138
Escamas	139
<i>Edileuza Longo</i>	140
O QUE FAZER NO JANTAR?	141
<i>Eduardo Martins</i>	147
A sorte escolhe suas vítimas	148
<i>Evandro Valentin de Melo</i>	151
No fim, um torcicolo.....	152

<i>Everton Pereira</i>	154
Derreteu-se	155
Ira	156
Mateus viu Carolina	157
Tá todo mundo meio perdido	161
Um escuro no silêncio	162
<i>Fabiola Ribeiro</i>	163
Os Meninos	164
<i>Felipe Cavalcante</i>	166
Safo	167
<i>Fernando Aquino</i>	168
O reencontro	169
<i>Fernando Brito</i>	172
A triste canção	173
<i>Gedeane Costa</i>	174
LAVADEIRA	175
<i>Gilda Portella Rocha</i>	177
I	178
Eus	180
Horta	181
Meus ancestrais são Rainhas e Reis	183
Meus ancestrais são Rainhas e Reis II	184
Meus ancestrais são Rainhas e Reis III	185
Meus ancestrais são Rainhas e Reis IV	186
Meus ancestrais são Rainhas e Reis V	187
<i>Gisela Peçanha</i>	188
Eu lhe prometi um jardim de rosas	189
Trans-anima	191
<i>Gisele Carvalho Reginatto</i>	193



Primeiro verso	194
Segundo verso	196
Terceiro verso	197
Foto I.....	198
Foto II	199
Foto III	200
Foto IV.....	201
Foto V	202
<i>Gladiston Coelho</i>	203
O ipê.....	204
O jogo.....	205
Vejo a cidade.....	206
<i>Guilherme Cavalcante</i>	208
Angústia	209
Aos que me comem,	211
Manifesto do prometeu pós-moderno.....	212
Talk show com drummond	213
<i>Herena Barcelos</i>	214
O PERTENCIMENTO DE JÚLIA.....	215
<i>Igor Aoki</i>	220
Colagem.....	221
<i>Isabel Furini</i>	222
Horas de neblina	223
Mundo louco.....	224
O Arlequim	225
<i>Isabela Casseattari</i>	226
Rosa Colombina.....	227
<i>Isi de Paula</i>	229
O Nobel, a Academia e as mulheres.....	230







<i>Jean Sartre</i>	235
Nereu	236
<i>João Paulo Hergesel</i>	237
Análise estilística: o que é e como realizá-la? - com aplicabilidade na obra de Bruno Molinero	238
<i>Jorge abreu</i>	250
À beira do rio.....	251
<i>Josafá de Orós</i>	252
Ariano Suassuna.....	253
Borges cego e visionário	254
Ivan Turguêniev	255
Marcel Proust	256
Nietzsche	257
Olhar de Baudelaire.....	258
Olho de Garcia Lorca	259
12 lições para homens em condições de voo.....	260
A máscara	262
Dentro do vestido azul	264
<i>José Carlos Vaz</i>	266
AS PRIMEIRAS NOITES DE UMA MULHER.....	267
<i>Josemar dos Santos Ferreira</i>	271
Semelhança	272
<i>Julia Dantas</i>	274
01 de Janeiro.....	275
1º domingo de maio.....	281
<i>Juliana Moroni</i>	285
NÃO-PESSOA	286
SINAIS IRRECONHECÍVEIS	289
<i>Kelly Coelho</i>	291



Arranha céu. Guriú - Ce. 2020	292
Tons em faixas de um céu azul sem estrelas	293
<i>Luís Palma</i>	294
«O DESTINO»	295
O mulato (Crónica)	298
<i>Luiz Henrique Soares</i>	301
o brasil vende tudo	302
<i>Marcos Almir</i>	304
A árvore torta	305
O amigo político	307
<i>Marcos Andrade</i>	308
A escrita subversiva de escritoras negras: uma conversa com Carolina Maria de Jesus e Maria Toinha	309
<i>Maria Catarina Correa Gestina</i>	314
Cidade	315
Linhas	316
Razão	317
Restos de Carnaval	318
Samba	319
<i>Paulo Sergio</i>	320
Sexta-feira Santa	321
<i>Pedro Caroca</i>	330
LIVRO-ME	331
<i>Pedro diniz Franco</i>	333
Conto	334
<i>Pedro Monir Rodermel</i>	342
Primeiro verso	343
Segundo verso	344
Terceiro verso	346



<i>Phillipe Sakai</i>	348
espirometria	349
<i>Rafael Crestani</i>	350
Flor de Papel.....	351
Escritores de Brasílis.....	353
<i>Raphael Carmesin</i>	354
Beijo de Vó	355
<i>Renato Passos de Barros</i>	358
Antes do circo, o pão	359
Eu não nasci ontem pra tentar não entender.....	361
Somos nós nossos heróis.....	363
<i>Renato Soares de lima</i>	365
Socialização	366
Tem Leite?	369
<i>Rhalija Zaccaron</i>	372
Sonho 2 - Esfolado.....	373
<i>Rodrigo Briveira</i>	375
A utopia do corpo dos fluidos e das sensações	376
Oh estrela em minha transparência.....	378
Fruta-lâmina.....	379
<i>Santos Santos</i>	382
A verdade arrebatadora dentro de nós.....	383
O desabaraço e suas outras quimeras.....	384
Statement político	385
<i>Salomão Vieira</i>	386
Cine Astor.....	387
<i>Sammis Reachers</i>	391
A ilha	392
Carta a cidade engrandecida	395



Carta à praça.....	397
<i>Sergio Shargel</i>	398
Plágio	399
Procrastinação.....	400
<i>Thamires Andrade</i>	401
Mundo grande	402
Para nenhum fim	404
Ouro	405
Urgente.....	406
<i>Thiago Batista</i>	407
Crônica	408
esse nosso destino	409
salto para a vida.....	410
toda derrota.....	411
<i>Thiago Gonçalves</i>	412
Balada do cidadão de bem diante do catador de latinha.....	413
Faz cinza no dia de sol.....	414
Canção da vendedora	415
<i>Tiago Figueiredo de Sousa</i>	416
A ostra	417
<i>Ubirajara Gomes</i>	418
O Jantar Com Uma Amiga.....	419
<i>Vanderlan Santana</i>	425
EU O PAPAÍ E A MAMÃE	426
<i>Vinícius Oliveira</i>	429
CERRAÇÃO BAIXA	430
<i>Yara Coelho</i>	436
Lá no quintal.....	437



Apresentação

Por que lançar uma revista de arte e crítica quando arte e crítica
arecem não ter lugar na ordem do dia?
Por que lançar uma revista de arte e crítica nestes dias?

Por que lançar uma revista de arte e crítica?

Por que lançar uma revista?

Por que lançar?

Lançar para quem? O que se lança? Quem recebe o lance? Que lance?

Sabemos, com Mallarmé, que o lance JAMAIS abolirá o acaso. Abolir o acaso.
Abolir.

Acaso a crítica poderia desabolir? Deslançar o que não se lança, o que não se
alcança?

E a arte?

Acaso o que está na ordem do dia de hoje não poderá ser estropiado do dia de
amanhã por um lance? De dados, de cartas, de cliques, talvez até de poesia?

Por que lançar? Talvez, para não abolir o acaso. Para fazer do acaso a possibilidade
de um amanhã que não seja um hoje, nem em sua negação nem em sua afirmação.

Um amanhã do acaso, imprevisto, inútil, torto,
esquisito, esquivo, amanhã. Um amanhã que não
terá um “Fora!!!!”, por que não haverá do que sair.
Não haverá quem sair. Já não será. Terá sido -
inevitavelmente?

Os textos que compõem o v. 3, n. 1 da *Caxangá: revista de
arte e crítica* estão lançados. Com atraso, se é que isso
existe. No tempo que o tempo presente permitiu.

Do modo possível, estão aqui. E, talvez mesmo pelo
acaso, pelo atraso, valem cada lance de leitura e apreciação.

Os Editores.



Alan da Silva Vieira

Graduado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, encontrou nos livros a beleza que custava a enxergar no mundo. Nasceu em 21 de fevereiro de 1998, tem raízes na periferia e escreve porque a palavra é viva e singra o mar dele mesmo.

Tudo bem

Está tudo bem. Lara repetia insistentemente as palavras para si mesma depois de ser enxotada. Perdera o emprego, mas está tudo bem. O pai das quatro crianças não dava um telefonema há meses. Tudo bem. Seu filho estava doente. Tudo ficará bem.

Lara tinha uma força ancestral que lhe amparava quando as reservas humanas de energia lhe escapavam por entre os dedos ou eram roubadas pelas roupas, pelos patrões e pelos filhos, a quem nunca economizara a vida correndo-lhe pelas veias. Mais difícil era quando não conseguia dormir por conta da festa da vizinha ao lado, a celebrar com fervor as poucas doses de felicidade, ou por conta da dança tempestuosa de seus pensamentos. Havia dias em que não lhe restava mais nada além das rezas e súplicas acolhidas no sobressalto da madrugada, ou na condução até o outro lado da cidade.

A dona da casa onde trabalhava havia chegado de viagem há alguns dias e, como de costume, depois de passar pela porta e despejar ordens à empregada, abriu metodicamente os armários, refrigeradores e guarda-roupas a fim de conferir se nenhum de seus pertences havia se perdido pelas ágeis mãos de Lara. No começo, a jovem de vinte e seis anos se sentia desconfortável com a situação e involuntariamente levava as mãos aos bolsos para checar se nada caíra ali enquanto engomava os vestidos de seda e paletós. Vazios, a não por algumas moedas do troco da condução. Respirava, aliviada. Era preciso lembrar-se de sua inocência; o vazio era sempre a prova.

Ao retornar de Paris, porém, algo diferente brilhava naqueles olhos de mar. Uma sede, uma revolta. Ondas de ódio contorciam-lhe a face. As portas a abrir com

um zunido provocado pelo vento e a fechar com um estrondo. Algo estava errado. A última vez que vira a patroa em tamanho incômodo foi ao beber um copo de água depois de finalizar a grama do jardim. No sol, gotículas brilhantes pululavam em seu rosto como estrelas no céu escuro. O copo de água seria um fresco para aquela tarde laboriosa, mas fora interrompida antes de o primeiro gole completar seu caminho pela garganta. “O que está fazendo, Lara, querida?”, a voz, forçadamente calma, era fina e alta. A partir de então, Lara levava sempre uma garrafa de água em sua mochila, junto com sua marmita - nos dias de fartura comedida.

Seu filho estava doente. Dias antes apareceu com uma febre vinda em tempos inoportunos. Onde estaria seu pai? Criança mirrada e brincalhona, o filho mais novo não queria mais construir pipas com sacos de lixo ou jogar buraco com as bolinhas de gude preferidas, presentes do último aniversário. Seu corpo incendiava por dentro, mas ficaria tudo bem. Lara pediria à patroa para trabalhar mais horas no dia e poder pagar pelo remédios do menino. Chegaria tarde, mas a avó das crianças poderia colocá-las no sono.

Sem ter tempo de conversar com a Dona, a jovem se perguntava o que estaria a patroa procurando; ela ainda fazia uma busca minuciosa pelos cômodos. Lara sabia que a senhora tinha perdido algo pois o vazio lhe tirava a essência. Um quê a menos e perdia-se sem saber quem era. Irreconhecível. O que sobraria sem as joias, maquiagem e roupas de grife? “Não está em lugar algum! Eu tinha certeza de que isso aconteceria. Depois de anos, querida. Anos nesta casa!”. Lara ficou confusa e checkou os bolsos. As moedas para o remédio do filho, apenas. Um alívio prematuro a invadiu. “Inadmissível! Fora, fora!”. O dedo da senhora se estendia pelo ar em direção à porta. Lara abriu a boca, mas nada se ouviu. A meia palavra

custava-lhe a se libertar, sua voz, inaudível, prendia-se às paredes de seu interior. A sentença parecia irreversível. Com esforço, a empregada colocou sua mochila nas costas e fechou a porta cambaleando pelo caminho que levava ao ponto de ônibus a alguns minutos da mansão.

Não chorou, não havia tempo. Precisava ser forte. Tudo bem. As palavras eram um lugar de conforto, mesmo que não acreditasse nelas. Encontraria outra casa. Aquele bairros estava cheio de ricos e casas para serem limpas. Tudo bem. Enquanto a paisagem se avultava nos cantos dos olhos na janela do ônibus, repetia para si mesma como se fosse um mantra. Tudo bem. Tudo bem. Trabalhava com a Dona desde os dezessete anos. Ela entrara na casa já com o coração dominado pela raiva, provavelmente discutira com o marido e procurava alguém sobre quem pudesse descarregar sua ira, alguém que pudesse culpar pela falta sentida de algo que nunca tivera. As mão do universo sempre recaem sobre os mais frágeis. Dizem que ele é um grande nada, vazio como seus bolsos. O universo também preenche seus espaços com moedas?

De volta a seu lar, a moça encontrou três filhos brincando na rua. O outro menino estaria na cama, escutando as histórias que a avó inventava para aliviar seu sofrimento e tédio por não poder juntar-se aos irmãos na algazarra. Ao avistar a cama, porém, Lara viu a avó não contando as bravuras dos heróis de nossa terra. Com as mãos cobrindo o rosto, a anciã jorrava tristeza e sal. Seus soluços faziam as paredes estremecer. A seu lado, o menino dormia. Tão pacificamente que nem parecia respirar. Está tudo bem.

Albertina

Professor, mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e doutor em Teoria Literária, desenvolve pesquisa com foco na poesia e na crítica literária produzidas a partir da década de 1940. Fora dessa área, tem se dedicado a refletir sobre a cultura amazônica, especificamente sobre identidades em contextos de migrações. Como escritor, escreve poesia, contos e literatura infantil.

Ópera

a vida, senhores,
é uma persuasão algodoadada
: tece rendas elocutórias,
disfarça o limbo,
 o mofo,
sofre acidentes terríveis!
e continua sendo vida.

Sequestro todas as memórias
passivas de ressurreição,
guardo a garrafa de whisky,
as amarras da face,
mas a vida, senhores, quando trinca,
tem faro débio e insano
eclipsando amanhã.

a vida não bebe e não lembra,
não arquiteta a insônia,
não planeja órbitas razantes,
mas há vidas,
 Senhores,
carregadas sob o busto, o susto...
 : (como lenço
 ou carta suicida)
e amadurecem no carbureto
do pavor.

assim, têm sempre uma locação para o insulto,
e é inútil lutar,
quando se dá à vertical.

os amantes têm vocação para o tumulto,
os amores quando ressuscitam do limbo
têm mesmo tal locação;
assim, a vida trava batalhas terríveis,
leva três tiros no peito,
o velho punhal de prata,
a estaca de lobisomem,
três bofetadas certeiras
no fantasma rastejante
e mesmo naquelas horashoras cruéis e longas de tumulto
continua, senhores, sendo vida
: presto! allegro!
allegro moderato, o risoluto!
ma allegro!

Pseudônimo: **Albertina**

Passante

o homem passa
a carroça passa
o cachorro passa

param todos, no mesmo
lugar

a carroça no ferreiro
o homem na amante
o cachorro na lata

e a hora passa
o dia passa
a semana passa

param todos, num mesmo
lugar

uma hora na outra
um dia no outro
a semana num mês

e o mês passa
o ano passa
a vida passa

a história fica
& não
passa.

Pseudônimo:
Albertina

Terremoto

1. nosso século. Brasil. 19 de setembro. quarta-feira. 1985.
o Folha de São Paulo está nas bancas

em Nova Iorque mais uma edição do International Herald Tribune
em Londres o Times
em Paris o Le Monde
em Roma, Corriere Della Serra
em Madri, El País
The Sun está posto na Inglaterra.

o sol está branco em el México

2. quarta-feira. dia de guerra. duas horas da tarde.
no instituto do coração uma descoberta
: separaram o vírus do isso. isolado o vírus da coisa.
guardados os tubos de ensaio. alguma coisa vai acontecer...
e a guerra continua.
(está tudo normal). o México sorri com cara de bobo.

cidade do México vai morrer amanhã.

3. "tristes olhares tristes de olhos tristes",
sete vírgula oito graus de tremor e a febre
que virá amanhã.

treme o nosso espírito - dispara a escala richter, o frêmito...

?o frusto viria nosso
ou das paredes caídas?

4. há horas que os olhos não vêem. que bocas não falam
sob o solo
a morte

emplaca
in placas tec-tô-nicas
: tão simples a teoria
tão mortal
quão fatal

: tão débil o tempo que o instante
inexiste.
... a esperança?

5. a esperança varrerá o pó
e plantará ramos nos parques.
e casa e casa e casa brotará após casa
e haverá meninos sobreviventes. haverá.
e meninos que de novo plantarão o panteão novo
: a nova cidade nova...
está escrito que pedra
sobre
pedra
res/sucita (rá)

Pseudônimo:
Albertina

Aline Bischoff

Aline Bischoff é natural de Paraíso, São Paulo. Na literatura, a sua preferência é pela poesia e prosa poética. Possui obras publicadas em blogs, revistas, jornais, antologias, veiculadas por emissoras rádios e transformada em letras de música. Recebeu, em 2019, o Prêmio FENAPO - Festival Nacional de Arte e Poesia/Osasco-SP e recentemente, em 2020, o 3º lugar, na Categoria Nacional, no XXXI Festival Nacional de Poesias "Eunice Maria de Oliveira", da Academia Rio-Pombense de Ciências, Letras e Arte, além de menções honrosas, como no Concurso Internacional de Poesias Cataratas: Maravilha Natural, do Parque Nacional do Iguaçu e de diversas revistas literárias.

A Poesia na Selva de Pedra

Como uma audaciosa flor desabrochando,
Por entre a indiferença do voraz concreto,
Em frestas improváveis, vai desapontando
Irrisoriamente, uma poesia nua e sem teto.

Cercada por arranha-céus imensos e frios,
Por mudos corações, de quem já tanto faz,
De seres-humanos empedernidos e vazios,
Endurecidos como o rude cimento mordaz.

No entanto, eis que dentre a multidão esvaecida,
Surge um poeta ainda com forças para declamar,
Fazendo-nos lembrar da verdade já amarelecida,
De que nessa vida, tão somente nos cabe sonhar.

Agora mais do que nunca, é preciso ressignificar.
Dentro da caótica selva de pedra, resiste a poesia,
Em solo cáustico, claustrofóbica a se multiplicar,
Expondo lúcidas epifanias da aspirada harmonia.

Amanda Malerba

Amanda Malerba nasceu na cidade de São Paulo em 1995. Desenvolveu carinho especial pelos livros ao se refugiar na biblioteca da escola durante os recreios. Desde então, passa a maior parte de seu tempo livre tentando quebrar seus próprios recordes de leitura. Graduada e mestranda em Filosofia pela UNIFESP, também escreve contos de terror e poesia. Email: unifesp.amanda@gmail.com

Entre Abutres e Milhafres- O Equívoco de Freud sobre Leonardo a Vinci

I. Um gigante chamado Freud

Especialmente dentro do ambiente acadêmico, muito se fala e discute sobre as obras mais conhecidas de Sigmund Freud e, até mesmo em conversas casuais, são utilizados fluidamente conceitos que provêm da psicanálise, como “narcisismo”; “repressão” e “ego”. Freud, um dos poucos intelectuais cujo rosto é conhecido pelas massas e até convertido em um ícone pop, é visto como um gigante da erudição, responsável por fundar nada menos que uma teoria que investiga a mente humana.

A construção de tal imagem comumente leva a crer que Freud não cometeu erros ou deslizos em suas produções. A partir de uma simples busca na internet, qualquer pessoa pode ter conhecimento de críticas que foram feitas às suas obras por outros psicanalistas, filósofos e jornalistas de sua época e, em especial, a discordância do movimento feminista com muitas de suas idéias tem recebido atenção considerável nos últimos tempos.

Difícil, porém, é ter acesso a erros cometidos pelo próprio Freud. Em uma Era de Pós-Verdade, é um caminho árduo provar que alguém cometeu um erro - afinal, deve-se sempre levar em conta os infinitos contextos em que tais informações podem ser relevadas. Mas, torna-se uma tarefa inadmissível tentar fechar os olhos quando alguém, mesmo um gigante, comete um erro de tradução capaz de desmoronar todo um raciocínio e questionar a relevância da obra em questão.

II. Leonardo da Vinci por Sigmund Freud

Em meio a seus esforços para ampliar a atuação da psicanálise, Freud decidiu transformar a biografia em um de seus domínios. O personagem escolhido por Freud foi Leonardo da Vinci, um artista de extrema importância pra a História da Arte e muito admirado por ele, sendo especialmente oriundo de sua adorada Itália. A obra *Leonardo da Vinci e Uma Lembrança de Sua Infância* tornou-se uma obsessão para Freud, conforme foi confessado em algumas cartas para amigos íntimos, por se tratar de uma temática, ambientação e um protagonista que ele muito estimava.

Embora a linguagem utilizada fosse menos imperativa que em suas demais obras, Freud talvez influenciado involuntariamente por algum karma ou outra lei de ação e retorno, retratou Leonardo como seus biógrafos um dia o retratariam: um homem com muita dificuldade para terminar suas obras e projetos que dedicou sua vida à ciência e a arte, provavelmente um homossexual reprimido.

Para chegar a tais conclusões, o psicanalista baseou-se na única lembrança da infância que Leonardo escreveu em seus diversos livros de anotações: o artista conta brevemente que quando era apenas um bebê um abutre pousou em seu berço e o golpeou nos lábios diversas vezes com sua cauda. Ora, para Freud tal relato extraordinário assemelhava-se muito mais a uma fantasia infantil do que a uma memória.

Carregado de referências, Freud disserta longamente sobre a figura do abutre e seus significados simbólicos e mitológicos, os quais remetiam à figura feminina e materna. Ele conclui que a menção à ave é uma referência à mãe de Leonardo: uma

jovem mulher que fora abandonada ao engravidar e passou a criar sozinha o seu único filho.

Leonardo se torna uma “criança-abutre”, isto é, uma criança que possui os cuidados e atenção apenas da mãe. Sua lembrança, ou melhor, fantasia, evidencia para Freud um momento de amamentação ao mesmo tempo em que também evoca um sugar passivo homossexual, já que para ele todos os homens homossexuais apresentam imensa afeição pela mãe na infância corroborada com a ausência da figura paterna.

Assim, a partir de sua leitura e interpretação da lembrança do abutre, já está pronto o quadro pintado por Freud sobre a vida psíquica de Leonardo da Vinci: um filho bastardo cujos cuidados maternos influenciaram-no à homossexualidade, “os meninos que ele agora ama à medida que cresce são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante a infância - meninos que ele ama da maneira que a sua mãe o amava quando ele era uma criança”.

III. Um Abutre que Nunca Esteve Lá

Freud já sabia que seria um desafio escrever sobre Leonardo, pois as distâncias temporais e físicas apagaram pistas e relatos que ele poderia seguir. Havia pouco material de consulta, mas é possível entender as linhas de raciocínio e conclusões em que o psicanalista chegou - por mais que se possa e se deva questioná-las e criticá-las.

No entanto, por mais frágil que fosse a sua argumentação, seria um erro de tradução que faria toda a sua estrutura argumentativa desabar.

Em suas leituras dos cadernos de anotação de Leonardo, Freud utilizou a tradução alemã que traduziu equivocadamente o termo “*nibbio*” por abutre, sendo que este é o termo italiano que se refere ao milhafre, uma ave comum que não carrega nenhum significado simbólico.

Por não existir abutre algum nas lembranças ou fantasias infantis de Leonardo da Vinci, ele deixa automaticamente de ser uma “criança-abutre”, torna-se um simples bastardo como já afirmavam seus biógrafos anteriores. Também já não é mais possível traçar linha qualquer entre a sua vida infantil e a sua sexualidade, pelo menos não mais se baseando em uma fantasia com a figura materna.

Freud gastou muitas páginas e um bom repertório inutilmente devido a um simples erro de tradução que o levou a caminhos errados. Talvez o episódio narrado por Leonardo ainda possa se relacionar à amamentação, à homossexualidade e ao vínculo entre as duas - a sua primeira infância sem a figura paterna com a sua posterior homossexualidade -, mas a base arquitetada por Freud para constatar tal ligação não seria mais confiável.

Embora estivesse disposto a rever muitos de seus conceitos durante a sua vida, Freud nunca fez nenhum comentário a respeito do deslize que cometera na obra que lhe fora mais querida, tendo sido questionado sobre tal lapso pela primeira vez treze anos após a sua publicação.

IV. Ars Est Celare Artem

Conforme foi dito anteriormente, de fato muito se conhece sobre Freud e suas obras. No entanto, poucos sabem sobre tal descuido cometido por ele, que culminou no questionamento sobre a veracidade e relevância de sua obra.

Até mesmo estudantes de psicologia e psicanálise muitas vezes não aprendem ou acessam esse episódio, o que levanta a questão sobre a razão de tais acontecimentos não serem mais comentados, e talvez até celebrados, dentro do ambiente acadêmico.

Ao tratar sobre a teoria freudiana, que busca aprofundar-se nos impulsos e desejos humanos mais intensos e desconhecidos para nós mesmos, não seria uma opção viável apresentar o próprio Freud, não como um gênio dono de um intelecto e erudição impecáveis, mas como um homem sujeito a cometer erros? E não apenas erros teatrais e épicos, mas erros bobos, como confundir um abutre com um milhafre?

Freud buscou dissertar sobre as lutas internas dentro dos indivíduos: a luta entre o que queremos e devemos fazer; a luta entre a vontade de liberdade total e o desejo de sentir-se seguro; a luta do próprio desejo em fazer-se consciente. Sua vida também foi marcada por lutas: a luta em busca de reconhecimento de suas teorias pela comunidade médica; a luta por conseguir sustento através do seu trabalho; a luta para conseguir falar sobre sexualidade em uma sociedade conservadora e, por fim, a luta contra o antissemitismo.

A própria escrita psicanalítica ocorre através da luta, escreve-se defendendo e atacando e não apenas narrando e expondo. Então, por que não apresentamos desde o início da formação de psicólogos, psicanalistas e filósofos a luta de um homem contra si mesmo?

Afinal, para aqueles que desejam estudar as profundezas da mente humana, é desejável saber não apenas a biografia de gigantes que lutaram contra os costumes das sociedades em que viveram, mas também histórias que mostrem como estas pessoas também cometeram erros e nem por isso abandonaram a produção e o ambiente acadêmico. É necessário que contemos histórias como a do erro de tradução cometido por Freud para que normalizemos o errar, para que retiremos autores dos pedestais em que foram colocados.

São pequenos detalhes como esses que fazem com que possamos continuar escrevendo e vivendo como seres humanos em um mundo que parece requisitar a inspiração de grandes gênios e a precisão das máquinas que nos cercam. Devemos introduzir os erros dos autores dentro da academia e encará-los como seres humanos, aprendendo sobre histórias como a do homem que tentou entender um artista com quem se identificava e acabou sendo atacado por abutres, ou teriam sido outros pássaros?

Referências bibliográficas:

FREUD, Sigmund. Obras Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. Freud: Uma Vida Para o Nosso Tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MCGUIRE, William. The Freud/Jung Letters: The Correspondence Between Sigmund Freud and C. G. Jung. Princeton: Princeton University Press, 1994.

Pfeiffer, Ernst. Sigmund Freud and Lou Andreas-Salomé Letters. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1985.

Ana Yanca Maciel

Ana Yanca Maciel (Porto Velho) é poeta, também graduada em Letras Português e mestranda em Estudos Literários. Através de uma idealização coletiva-feminista, criou o @clubedasescritorasro; que visa divulgar a produção literária de autoria feminina em Rondônia. Poeta com poemas selecionados que integram antologias digitais e impressas. Participou do Circuito Grude - circuito de livre trocas de lambes, via correios, entre artistas independentes para além do Brasil. Também teve poemas publicados em revistas digitais, blogs e jornais. Para contatar: @ana.yanca ou anacmaciel3@gmail.com.

Primeiro verso

A mulher que sou
é de tutano e outras suculências
trago na virilha umas fibras aveludadas
ovário envolto a urucuns chamuscados
pulso urge esgarçado
como quem escapasse
dessa casa que é o corpo
de carne ou palavra
esse que inflama quem o adentra
sarça ardente atravessando a noite
e corre insubordinado
fabulando outros corcéis

Segundo verso

Espero na sombra
uma palavra que
se despregue
das paredes
do poema
e me atinja
como sol
dinamitado
espero a vida ávida
da palavra-lâmina-lamparina
lacerando a carne
bifurcando a língua
e fotografe o tempo
esse agoraprolongado
daqui da sombra
vejo a fosforescência:
germina um corsário

Terceiro verso

Eu, que engolia o corpo de deus
para que me tocasse a carne
e me fizesse nascer poeta.

Deus, aquele que me excomungou de sua casa
e colocou o sol como sombra do meu corpo
para que me construísse poeta.

Fiz do tropeço caminho
nas curvas dei o ritmo
persigo o pulso do signo
sou Minotauro inventando labirintos

Quarto verso

Foi sob sol que fiz pão
pra no bairro vender em toda casa

Desde lá, cultivo
a aridez do deserto na língua

Com a fome caminhei

Descalça na brasa do asfalto de meio-dia atravessei

Então
se tua ânsia não for
a da lâmina abrindo
alfarrábios e artérias

não me procure

Êxtase divino



Lágrima de Eros



Leite da carne



Ana Areias

No início dos anos 2000 Ana Areias iniciou sua trajetória artística cantando, em São Luís (MA). Em meados dessa década, mudou-se para Recife (PE) onde continuou nos palcos musicais e também começou a sua produção literária. Em 2008, passou a publicar seus escritos no blog Café com Leite. Alguns anos depois, começou a levar suas narrativas ao público também pelas redes sociais, ao mesmo tempo em que retomou sua carreira de cantora, agora escrevendo letras e criando canções em parceria. O livro “Aveso da Saudade” é sua estreia no mundo impresso e sua primeira incursão na poesia.

O birô

Depois de alguns muitos dias dentro da mesma casa, encarando as mesmas paredes e objetos, se aprende a personificar tudo que há por dentro e por perto e a fazer pequenos desvios de rota para amplificar os sentidos e alimentar pequenos afetos no tempo de quem vive as horas que não contam os segredos do lado de fora.

Hoje acordei cedo, mas adiei o levantar. Permaneci na cama percebendo o que havia em volta, tentando me assistir deitada pelas coisas todas que me rodeavam. Pensei nos objetos espalhados pela mesa, que me servia de penteadeira e birô de trabalho, e deu preguiça porque lembrei da poeira que, embora limpe com frequência, insiste em voltar sem falta ao mesmo lugar. De onde vem todo esse pó? Do quintal para o oitão da casa e daí pela janela que passa o dia inteiro aberta, com certeza. Não gosto de ar preso. Talvez seja algo bom, a poeira. Ainda ontem limpei essas coisas todas que estão sobre a mesa e que daqui da cama vejo. Com certeza devem estar cobertas de pó novamente. Uma poeirinha fina recém pousada em tudo. Quase limpo ou quase sujo. Quando estiver mais sujo eu limpo.

Continuei olhando a mesa e seus objetos quase empoeirados e pensei que devia guardá-los em alguma caixa ou armário fechado. A maioria deles não tenho

usado de fato. Batons, espelinhos, frascos com algodão, latinhas com bijuterias, potes e organizadores que só desorganizam e juntam sujeiras em cantinhos inalcançáveis de limpar. Pronto. Tiraria o pó com cuidado mais uma vez e guardaria tudo. Que perdessem a validade sozinhos em outro lugar. Ou quem sabe os resgatasse um dia se quisesse precisar. Olha, nem lembrava de você, que limpinho que você está! Quase novo! Quem sabe. Por ora deixaria na mesa apenas o computador, os papéis, o porta-lápis e só. Nem a agenda está valendo a pena. Os tempos mudaram de dias e as horas não contam mais direito. Talvez trouxesse uma pequena planta do jardim e ponto. E a mesa seria apenas birô. Honesto e bem feito para trabalhar.

E falando em trabalho lembrei que precisava terminar dois textos e começar um terceiro e senti desânimo. De corpo e alma. De novo. O mesmo e conhecido desânimo de todas as manhãs que insiste em se colocar entre os primeiros pensamentos empoeirados e a primeira xícara de café. Como conseguirei trabalhar? Nesse momento me parece algo tão absurdo e inalcançável. E quase me sinto livre de culpa. Estamos todos presos dentro de casa, não estamos? Antes não havia desculpa, mas agora o meu desânimo, que aliás sempre houve, está momentaneamente perdoado. Oh, que fraude! Fico imaginando se o vizinho do lado tem trabalhado o bastante, mais ou menos do que antes. Mais que o bastante provavelmente. Não, não sentirei culpa de coisa nenhuma. É inútil. O tempo que

me anda sobrando em dias, horas e minutos não dá conta da dormência generalizada que sinto. Talvez, quem sabe, se eu arrumar mesmo a mesa, eu me sinta mais disposta. Sem os objetos empoeirados para furtaar minha atenção com os projetos antecipados dos cálculos de limpeza, mais ou menos poeira, cantos e quinas inalcançáveis, quintal, oitão e janela, quem sabe... Ou devesse ir mais direto ao ponto e trabalhar. Sentar à mesa empoeirada, afastar um pouco os objetos e trabalhar simplesmente. Mas ouvi dizer, e quero acreditar, que a organização potencializa a produtividade. Assim vivo a arrumar tudo com zelo como se a qualquer momento fosse receber um telefonema com a maior das incumbências de trabalho já vista na humanidade. Sim, senhora! Estou pronta, está tudo pronto. Estou abrindo aqui o meu computador que por sinal está limpinho e já estou anotando tudo. Que alegria! Vamos lá. E trabalharia muito e sentiria quase afeto pelo meu trabalho e um conforto humanizado pelo meu birô impecável com seu jarrinho de planta do jardim.

Senti fome e gostei da sensação de vazio de dentro do estômago. Como quem corporifica de fato por se perceber corpo vazio que sente os pedaços que lhe incomodam. Lembrei do polegar queimado que me faz lembrar que tenho um dedo específico por dois dias já. Agora lembrava do dedo e do estômago e pensei que somos vários dentro de nós. Não filosoficamente, espiritualmente ou psicologicamente, mas corpologicamente mesmo. Órgãos com vontades próprias,

chateações, euforias e até vozes. Pensei no meu estômago como se fosse um gatinho ronronando dentro de mim. Ele não vai parar simplesmente por que quero. É quase um não-eu. Para! Não consigo. Não dá. O gato, o estômago e o dedo. Eis o resumo de mim agora. O resto permanece adormecido como normalmente é. Exceto o que acontece dentro da cabeça que é difícil fazer adormecer. Aí, sim, tenho certeza que somos vários e muitos e outros. A cabeça é uma bagunça, mas a gente minimiza as janelas das angústias e problematizações todas e ficam só aquelas abinhas lá embaixo nos lembrando: ei, você não nos vê, mas nós existimos. Ou você nos vê, mas finge que não existimos. Ou enfim, estamos aqui.

Esqueci a poeira, o birô, a cabeça e o trabalho e levantei com o estômago e o dedo polegar. Fui direto coar um café. Essa é uma rota que não dá pra desviar. Café coado, puro, despertando o resto do corpo e fazendo por alguns minutos o coletivo que mora na cabeça refém de uma única sensação, é o próprio deboche à rotina que não se ousa modificar. Eu não me importo em pensar que tomarei café amanhã novamente. E depois de amanhã e depois e depois. Talvez eu seja feliz. Não sei. Na verdade, nesse momento nada importa de fato. Nem ao gato. O que ainda reclama dentro de mim. A cozinha abre apenas as boas janelas da cabeça. Lembro do meu avô e de seu mingau de aveia diário. O cheiro do mingau com uma fina camada de canela em pó por cima esfriando sobre a mesa. E o cheiro do meu avô. E tinha a avó, a mãe, a tia, a irmã e a prima. E seus gatos todos mansos e

calados. Não que a cozinha seja coisa feminina. Tinha o meu avô, lembra? E as melhores conversas eram e são sempre lá. Mesmo as de uma pessoa apenas. Como agora. E depois tudo vira vapor, voa de mansinho e gruda nos azulejos. Na memória afetiva e gordurosa dos azulejos. As cozinhas são sempre um pouco úmidas e quentes e amareladas. Pelos menos as boas de afeto. Quase não entra poeira porque estamos sempre molhando tudo nela. Depois de alguns meses que parecem mais que um tempo que se possa medir dentro de casa posso dizer que tenho passado boas horas por aqui abrindo janelas enquanto lavo as louças e preparo receitas. Não é que não frequentasse essa parte da casa antes, sempre foi minha preferida. Mas é que agora não há lugares preferidos do lado de fora para competir. Então venho sempre aqui. E percebo que ela anda mais úmida e amarelo-reluzente ultimamente. Ou é só o sol mesmo. Não sei. Talvez esteja apenas valorizando o que me tem sido permitido e permanente. Enfim, se fosse arquiteta seria arquiteta de cozinhas e pensaria em azulejos amarelos e vapores para as casas alheias. Lembrei que preciso trabalhar. Antes mais uma xícara de café.

Volto ao quarto carregando a xícara de café. Suspiro ao sentar na cama que fica encostada a uma parede contrária à da mesa empoeirada. Suspiro novamente. Se me inclinasse um pouquinho mais que fosse deitava novamente. A mesa me olha insistente. Eu juro que vou jogar essas coisas fora. Sem guardar em caixa, sem reencontros, sem pensar na poeira, sem nada. Depois dou uma

espanada bem dada e deixo tudo suspenso no ar. Assim como estamos agora. Partículas soltas ao sabor do vento. Suspensas. Sem sabermos quando e onde iremos repousar. Mas voaremos incansavelmente sem jamais nos desfazermos já que somos em maior e menor medida grão. Seremos ainda e sempre. E também depois de algumas muitas semanas dentro de casa, se repara no que nos empata de ter mais espaço de circulação. Isso no cárcere mais ou menos voluntário, mais e muito solitário. Jogarei tudo fora! Que o ar circule livremente e leve a poeira aonde bem entender. Terei mais tempo ao amanhecer para pensamentos desanuviados antes do café.

Três pontas

Clarinha corria pelo quintal da casa que não lhe pertencia, mas que lhe serviria como lar por tempo indeterminado. A grama estava verdinha e bem aparada e havia um caminho de pedras que escondia um mundo inteiro de seres minúsculos por debaixo delas. Assim pensava Clara, a mais nova, sete ou oito anos, enquanto pulava pelas lajotas contando uma a uma e calculando os saltos para que os pés não tocassem a grama.

Guilherme, ou Francisco, tenho quase certeza que era Guilherme seu nome, sentia o sol aquecer seu corpo deitado no batente da varanda e, ainda que tivesse mostrado resistência a essas férias forçadas e à casa que não era sua, como se espera de todo pré-adolescente com seus onze ou doze anos, pensou que não seria de todo mal ficar um período longe da escola e de todos os conflitos, testes e tarefas que considerava desnecessários e inoportunos e que não passavam de perda de tempo. Verdade seja dita sentiu quase alívio, mas manteve a cara amuada para todos os efeitos e continuou no mesmo canto sem dar cabimento para muita conversa.

Maria Lúcia, professora ou veterinária, não tenho certeza, guardava as compras e arrumava o quarto que dividiria com seus dois filhos de agora em diante sem pensar muito em si ou no resto do mundo. Guardava e arrumava, contando os itens e fazendo cálculos rápidos sobre a duração do estoque ou sobre como organizaria as refeições. Estava pausada da vida e tinha esperanças de retornar em breve ao ponto justo da pausa, quando voltaria a ser Maria, a professora ou a veterinária, sem economia de pensamentos, questionamentos e energias, sendo vida que não se percebe viver.

Maria, Clarinha e Guilherme eram três mundos isolados juntos. Três fronteiras ligadas pelo afeto, mas separadas por uma percepção completamente diferente do que seriam aqueles dias, ou meses, vivendo em confinamento naquela casa que ironicamente não era, mas não poderia ser mais deles do que qualquer outra moradia.

Clara era o país da leveza, cultivando sem perceber toda a poesia que a infância permitia, explorando cada pequeno recanto do jardim e imaginando mil e um roteiros percorridos entre o oitão da casa que ligava o portão da frente ao fundo do terreno. Para a pequena havia muitas esquinas, retas e esconderijos naquela morada cheia de novidades. Era bom acordar e sentir o cheiro daquele lugar tão diferente da antiga casa, poder explorar, se perder e se achar pelos novos

espaços, sentindo o coração bater forte com as surpresas dos detalhes descobertos a sua volta diariamente.

Guilherme se isolava e mal se movia, mas trazia o mundo de fora pelas notícias e relatos dos conhecidos e dos desconhecidos que lia no celular, o que irritava profundamente Maria Lúcia que tentava ao máximo se manter alheia a tudo para seguir no automático cuidando do funcionamento do que seria seu limitado mundo e o das crianças.

Guilherme narrava com frágil preocupação sobre a quantidade de doentes mundo afora, o colapso econômico e o esvaziamento das mercadorias nos supermercados do país e do mundo. Às vezes lia em voz alta trechos dos textos pouco confiáveis que encontrava em suas redes sociais. Números, taxas, depoimentos e previsões assustadoras sobre o que iria acontecer na próxima semana, no próximo mês ou dentro de um ano. Maria Lúcia sabia que grande parte era verdade, mas filtrava partes. Imaginava que ainda outras podiam ser piores porque sempre acreditou em subnotificações sobre tudo no mundo. Não que fosse pessimista, não era. Mas gostava de se proporcionar pequenos alívios pelo cálculo com sobra dos reveses. Assim, no final das contas, nada seria tão ruim assim. No entanto, presentemente, tem sido. Bem ruim. Mas mudava de assunto, falava que o almoço estava pronto, reclamava da bagunça e lembrava que todos deviam fazer sua parte para manter a casa em ordem.

Clarinha puxava sem sucesso uma brincadeira com o irmão, falava dos bichos do jardim e propunha um banho de mangueira. Estava calor, tanto calor que por mais que Maria não quisesse pensar em nada, o calor pensava por ela e virava tema em sua cabeça. O que fazer com esse calor todo? Clarinha abraçava a mãe. O carinho da menina era tão verdadeiro quanto aleatório. Era do tipo que dizia “eu te amo” e distribuía beijos e carinhos a qualquer momento e independente de cabimento. Era amor expresso que equilibrava o que não se falava na casa. Maria e Guilherme agradeciam intimamente a presença barulhenta e sorridente de Clarinha. Espantava as densas nuvens de silêncio reticente.

Guilherme tentava interpretar os abismos à sua volta como se ele próprio não fosse parte do desmantelo. Achava graça da mãe negando os fatos e se divertia com a desinformação da irmã mais nova. *Vocês viram isso? O vírus já chegou a todos os países do mundo!* Apesar do impulso e pretensa coragem de adolescente, o menino se sentia seguro com a mãe e a irmã dentro daqueles muros e não se colocava no contexto das notícias que lia. Estava a salvo para sonhar e fantasiar com o mundo de antes quando quase sempre madrugada dispensava o telefone e se deitava na cama.

O dia seguia, como seguiriam muitos outros ainda, com as bordas sensíveis daqueles três a se tocarem como num equilíbrio torto que faz um segurar o outro,

como escultura estranha que nos admira não desmoronar. Cada qual que buscasse ou a realidade, ou o sonho ou a certeza de que não vale a pena realidade ou sonho.

Exceto quando já era tarde da noite e as crianças dormiam e Maria Lúcia se permitia ser algo além da integridade por um fio, como quem segue dando corda para que o relógio daquela frágil sobrevivência não parasse, para se vivificar, sentir as dores, os medos, e pensar na vida além das refeições e arrumações, chorar pelas incertezas e sorrir com ternura pelas trelas carinhosas de Clarinha e pelos boletins informativos de Guilherme, que se fazia quase crível fortaleza. Maria Lúcia, enfermeira ou veterinária, chorava até dormir sentindo que não havia fronteiras dentro daquele quarto e que no dia seguinte ela voltaria ao automático até que tudo passasse e ela voltasse a ser a Maria inteira.

Anderson Costa

Anderson Borges Costa, escritor, é autor dos romances “Rua Direita”, “Avenida Paulista, 22” e do livro de contos “O Livro que não Escrevi”, além das peças teatrais “Quarto Feito de Cinzas” (traduzida para o italiano para ser apresentada na Itália), “Elevador para o Paraíso”, “Três por Quarto” e “Baú de Tranqueiras”. Premiado no Prêmio Guarulhos de Literatura e no Concurso Literário do Instituto Federal São Paulo. É professor de Português e de Literatura na escola internacional Saint Nicholas, em São Paulo. É professor de Inglês no curso Cel Lep. Formado e pós-graduado pela Universidade de São Paulo em Letras.

A Porta

Pisou a pedra sobre o paralelepípedo, que, por sua vez, também era uma pedra. Pisou a pedra sobre a pedra. Pisou com passos apressados a rua que o conduzia a uma grande porta de vidro, que parecia um pôr do sol de tão cedo que era naquela manhã de segunda-feira.

Olhos fixos no horizonte que era o fim da rua. Os paralelepípedos empedravam seu olhar castanho sob um par de sobrelanceiras cabeludas, que bloqueavam qualquer possibilidade de fingir bom-humor a quem por ele passasse no início de mais uma semana.

A semana começava com o toque pesado do punk rock que saía da caixinha de som ao lado da cama, sobre o criado-mudo que anunciava o fim do sono, o fim dos sonhos. Invariavelmente, seu sono era pesado. Dormir se transformara no momento mais aguardado do dia, pois, entregue sem disfarces a Morfeu, ele se desnudava da camuflagem que usava no escritório. Morfeu era a sua forma natural. Fora do sonho, ele se escondia na realidade.

Passos passados por paralelepípedos petrificavam o seu olhar. Ir ao trabalho era uma tortura que ele traduzia por uma séria segura no olho. Sua vista era objetiva, e seu objetivo era obter a promoção, era a ascensão profissional. O elevador do prédio, às vezes, não funcionava. Alfredo subia a rua com passos secos.

Abriu a porta de vidro, e o semblante sério e preocupado se transformou na fisionomia aberta e sorridente que adentrava a semana no escritório da CEA Imóveis. Antes, o elevador, o botão no painel, o hall do sétimo andar, o piso de cerâmica, a porta de vidro da empresa onde ele trabalhava havia sete anos. Ele tinha sete andares para incorporar o disfarce de gerente. Às vezes, Alfredo precisava se transformar antes: na entrada do prédio, ainda na calçada. Às vezes, a fantasia o dominava a um quarteirão da CEA. Os paralelepípedos de seu rosto eram asfaltados pelo petróleo do terno preto que engravatava a sua manhã.

Após a violenta despedida de Morfeu, o punk rock o levava ao banheiro e ao terno preto. Enforcava seu disfarce profissional com uma gravata. Alfredo se enforcava

para criar forças para subir sete andares de um elevador que se iniciava na pedra de paralelepípedo asfaltado, na calçada, no piso térreo da porta de vidro, nos passos do office boy em que se disfarçara em sua primeira manhã na CEA.

Office boy, escriturário, contador, gerente. Os passos eram meticulosamente desenhados para que não deixassem vestígios no assoalho. Pisando as pedras da contabilidade, ele agora almejava estacionar no cargo de diretor. Um diretor para seis gerentes. Cada gerente para três contadores, dois escriturários e um office boy. Alfredo olhava para cima dentro do elevador. E simulava um sorriso para Selma, a secretária do diretor. Apertava a mão de Donato, o diretor de quem almejava herdar o cargo. A mão de segunda-feira oferecia um cumprimento mais cálido.

Piscou para Selma um bom-dia que se transformou no convite para uma reunião a sós na sala redonda. A manhã se arrastou em e-mails recebidos no final de semana e respondidos com alguma pressa em quarenta minutos pouco inspirados. A segunda-feira de manhã foi recheada por três cafezinhos e uma *conference call* da qual também participou Donato. Intercalava mensagens, relatórios e reuniões com sorrisos que apertaram a mão do homem cujo cargo o terno preto aspirava. A promoção era uma peça teatral da qual Alfredo tentava ser o protagonista.

A reunião com Selma era parte do espetáculo. A agenda improvisada foram duas solicitações. Alfredo sabia improvisar com muita convicção. A primeira solicitação foi uma pesquisa de mercado sobre o potencial imobiliário de um bairro afastado na zona sul da cidade. Traçou aleatoriamente uma região delimitada por três quarteirões e pediu para Selma avaliar a presença de escolas, comércios e fábricas nas redondezas. A segunda solicitação foi a listagem de quatro restaurantes de alto nível em um arco que ligava a sede da CEA à casa de Selma.

A escolha do restaurante e do cardápio - a entrada, o prato principal e a sobremesa - se transformou no convite para um jantar para os dois na sexta-feira. Alfredo iniciava a semana planejando o fim de semana. O começo e o fim, decididos, permitia que o recheio, no meio, pudesse ser escolhido a dedo. Alfredo gostava muito dos meios. O fim de semana se iniciaria no jantar de sexta-feira.

Vinho, sobremesa. Um leve beijo de despedida. Na boca da Selma. Bom fim de semana. A maquiagem poderia ser retirada até segunda-feira. Mas não foi, pois um telefonema exigiu que Alfredo se mantivesse dentro do personagem que criava por mais um dia. O convite de Selma era direto: chá da tarde, com direito a jantar e café da manhã no domingo cedo. Tudo na casa dela. O emoji de uma carinha sorrindo mais um par de lábios vermelhos pelo WhatsApp foram a resposta que o personagem enviou, de acordo com o roteiro que escrevia.

Às cinco horas da tarde o sábado testemunhou os passos de Alfredo sobre a calçada que levava à casa de Selma. Pisos em preto e branco no formato de triângulos de pedra; retângulos de cimento; quadrados vermelhos. A ausência de padrão era a medida de cada passo dado. Alfredo calculava os passos e os deixava mais concretos à medida em que o portão da casa de Selma se tornava mais visível. O personagem se mantinha em cena em uma *mise en scène* que durava dias. Era difícil para Alfredo se despir do personagem que criara para si para voltar a ser simplesmente o homem que ele recusava mostrar-se na CEA. A promoção exigia o disfarce.

Para se manter na ficção que criava, imaginava que a casa de Selma era o escritório da CEA. Imaginava brancas as paredes verdes da casa, pois brancas eram as paredes da CEA. A sala de estar era a sala de reuniões. A sala de jantar era o refeitório. O quarto era o bônus anual que receberia como diretor.

A porta da sala se abriu com um rosto maquiado de batom vinho que lhe tocou os lábios com suavidade. O perfume de Selma o convidou para se sentar no sofá. O copo de vinho tinto tingiu a lasanha à bolonhesa que saiu do forno direto para a torta de amora, direto para o quarto, para a roupa que Alfredo tirava sem se despir da ideia que penetrava Selma até o suco de laranja, o pão com manteiga, o café com leite do domingo, que fechou a porta da sala em um adeus, até amanhã, meu amor.

A segunda-feira voltou com a remela mal-dormida em reuniões com café amargo e um orçamento apertado como o abraço na Selma depois do expediente. A diretriz que Donato passara na quarta-feira colocava Alfredo em novo patamar: “Durante minha viagem para a matriz da CEA, em Berlim, vocês podem se reportar ao

Alfredo, que me substituirá nestas três semanas”. Os gerentes olhavam Alfredo como um igual acima dos iguais. Pijama e escova de dentes de Alfredo receberam uma gaveta no guarda-roupa de Selma.

Na volta de Donato da Alemanha, Alfredo saiu da sala comum aos gerentes e ganhou um espaço privado. Um quadro de Miró decorava a parede que separava a nova sala do escritório da diretoria. Alfredo era o gerente dos gerentes. Caprichou na maquiagem e deu uma borrifada extra de desodorante nas axilas. Exalava o cheiro de quem se aproximava de uma promoção. Os jantares na casa de Selma se esticavam com mais frequência em cafés da manhã que exigiam uma encarnação diuturna no personagem que gerenciava dentro de si.

Um bônus extra no fim do ano contábil deixou Alfredo mais perfumado, e Selma ganhou um buquê de rosas que decoraram a noite passada juntos na casa de Alfredo. Do escritório para a casa de Alfredo. Da casa de Alfredo para a CEA. Da CEA para a casa de Selma. Da casa de Selma para o escritório. Do escritório para a casa dos dois. Da sala do gerente para a diretoria. Donato virara vice-presidente da CEA, e deixara a sua sala aberta para Alfredo.

Selma continuava a secretariar o Donato e se transferira com ele para o décimo andar. Alfredo, ainda no sétimo, tomava o cafezinho quente servido por Maura, a morena que arquivara a função de Selma e saudava agora o novo diretor contábil da CEA. Alfredo, três andares abaixo de Selma, agendava um almoço com a secretária no novo empreendimento que abria na zona oeste de seu coração camuflado.

Uma artéria de Alfredo apontava para Selma, mas havia, em seu músculo cardíaco, veias abertas que eram infladas pelo cheiro doce do café que os cachos de Maura lhe serviam. Alta e sempre com elegantes *tailleurs*, a morena entendera logo que no décimo andar havia uma conexão com Alfredo que exigiria algum malabarismo de sua parte. Ela sabia que a silhueta tinha combustível suficiente para engrossar o pó do café que servia e abusava de gestos sensuais em investidas para o chefe. Alfredo deixava-se seduzir, mas não tirava a maquiagem. Criava, ao contrário, um novo personagem para Maura.

Ao personificar diferentes protagonistas, dependendo do palco em que atuava, Alfredo aprendera a se tornar invisível quando dois personagens precisavam estar em cena ao mesmo tempo. Assim, Maura e Selma não enxergavam o mesmo homem nos personagens desempenhados pelo sedutor Alfredo. Café da manhã com Selma, bom-dia, amor; reunião com os gerentes para pautar a semana; relatório de novos empreendimentos; almoço com Donato; aprovação do orçamento; café da tarde com a fragrância do xampu de Maura. Em sua sala, porta fechada, a saia de Maura logo acima do joelho, pernas lisas à mostra, sentada em seu colo, mãos acariciando a barriga, desabotoando botões, contas a pagar, despachos que precisavam ser realizados ainda hoje, beijo quente, cachos na boca, esperar por Selma, descer sete andares pelo elevador, um demorado banho em casa, carregar o celular na tomada, retocar a máscara de Alfredo sem ser Alfredo fingindo sê-lo. A vida era um cotidiano de estratégias em busca da promoção. Donato mesmo se encarregara de lhe dizer que Alfredo seria o novo Presidente da CEA após o Natal.

A ceia no dia 24 de dezembro foi uma noite romântica à mesa e à cama com Selma. Peru assado, maçã na boca, batom nos lábios, champanhe no travesseiro, bom-dia, feliz Natal. No dia 25, foi, para Selma, à tarde na padaria, foi à tarde no escritório, assinar papéis pendentes. Foi a tarde inteira com Maura, entre cachos sedosos e beijos de secretária. Alfredo presidia as duas mulheres calculando ativos e passivos em uma promoção que selaria o novo ano.

Dia 31 de dezembro, meia-noite, o relógio empurrou o tempo para o ano seguinte. Alfredo se preparava para mais 365 dias de um cosmético cotidiano. Já promovido, dava passos calçados com sapatos na calçada de cimento que cimentava sua caminhada para uma vida dupla de duplas mulheres, duplas jornadas, duplos abonos, duplos aromas, hálitos, xampus, desodorantes, vocativos amorosos, duplos e distintos orgasmos em múltiplos Alfredos.

Alfredo, no entanto, tomara uma súbita decisão para o ano novo: tiraria a duplicidade maquiada em sua face e, como presidente de seus instintos primais, passaria a apontar a flecha de seu coração decorado para o único destino para quem realmente quis se desnudar desde que aprendera a andar como Office boy. Agora Presidente, pintava seus lábios de vermelho para beijar a boca de Donato, na

vice-presidência do percurso sobre um passeio no qual não cabiam mais passos em falso. Feliz ano novo, bom dia, você fica mais bonito sem a gravata.

André Pinto

André Pinto, fotógrafo, músico e poeta. Começou a escrever em 1992 quando montou uma banda com os amigos. Em 2018 ficou em primeiro lugar, na categoria poesia, do VI Prêmio Campos do Jordão de Literatura. Em 2020, escreveu o livro cartonera de poesia “Múltiplos”. Também em 2020, teve um poema selecionado para o prêmio OFF Flip. Em fotografia, desenvolve projetos documentais, fotografia de rua, oficinas de fotografia ministradas em unidades do Sesc. Em 2015 cria o projeto “Retrato na Praça”.

Dia da consciência negra



Dia da consciência negra



Dia da consciência negra



Antônio Gil

Antonio Gil Neto, nasceu em Taiacu, interior paulista, em 1950. Graduou-se em Pedagogia e Letras. Mudou-se para São Paulo onde vive e construiu sua carreira profissional na área da Educação. Atuou em projetos de formação de educadores, é autor de obras didáticas vinculadas ao ensino da nossa língua. Escreveu e ilustrou livros de literatura juvenil: “A flor da pele”, “Cartas Marcadas”, (Ed. Cortez, SP). É organizador de “A memória brinca: ciranda de histórias do ensino municipal paulistano”, (Imprensa Oficial, SP). Aposentado, dedica-se a viajar pelo mundo afora e ao imprescindível das leituras. E a (re)escrever poemas e contos com renovada alegria.

AH!

**adversos
vários versos
dispersos
avessos reversos
diversos rios
esvaem-se
desvelam-se

desvarios**

inaugurando melodias.
Acordo palavras
impuras poesias.

(Por que guardo perguntas quase sem respostas?)

Refúgio

Na humanidade
 seus labirintos
inauguro sentimento que de mim brota,
alcança o alvo:
 lâmina certa,
vertigens.

Sou domado pelo afeto,
isso sei.
Em buscas
 me desenho
 no agora.
Há o que está por vir.

Subirei montanhas
travessias tingidas de silêncios.

Algumas palavras a explodir
crisálidas:
 nascerão poesia.

Sentinela

O que nos leva
de espera, esperanças mínimas?
Evocações, a magia que enleva,
ocupa lugar do corpo.

O que faz a passagem, a estrada?
Sonâmbulos de futuro, quase nada,
somos ardentes de sonho,
sem saber ao certo
o porto.

O zoom da memória:
a Terra aparentemente invencível.
(ainda)
verde, em parte,
em outra, azul.

Buracos, crateras, feridas,
fogo e fuligem a olhos nus.
Mãos que tecem perigos, ásperos dias
e tempo a dançar, a dar corda
ao mais humano.
Mas, os olhos das crianças brilham
abrigos,
miúdas fantasias (pequeninos pecados).

Estopins,
corações esfarelados.

Um mar de olhos, estrangeiros, vigilantes, mascarados
Engolem tecnologias vorazes.
As telas em volúpia, alegrias mínimas,
Todas as frases:
solidão.

Águas e verde (esquecida matéria).

Lágrimas umedecem algum mísero pedaço de pão.
Tantos corações na geografia sem pátria
(labirintos de dor).

Quanta morte:
desamor.

Nas entrelinhas, agora,
fome de futuro:
um biscoito da sorte.

Sou dos que vivem de olho em esperança.
Perplexo com o inimaginável,
me planto
ao chão de todo dia.

Esmoreço,
como quem canta sem alegria:
um sonho a reviver do seu avesso.

Pastiche

Aromas vermelhos no amarelo crepom.
Vertigem, um bolero -
miragem.

A música dança
sem sapatos, pés descalços, nus.
A lâmina prata, o flamenco horizonte alcança
irresistível ponte:
 gravata e brinco (neon, meia-luz).

O bigode flameja, corisca, lança uma rosa
se arrisca,
arrebata,
 lança outra,
 outras mais,
capa e espada,
 faísca,
serenata de sinais.
(sua prosa)

Carmen,
sua marca, seu espaço poema.
Às mãos, a geometria do afeto,
o esquema:
 seta rubra e laço,
 jogo secreto.

Rubi e gardênia,
o dueto:
 beijo e abraço.

Com (passos), rodopios:
 sorte e destino
o amor se fez,
se faz bailarino,
uma vez,
outras mais.

Devaneios, enlevo e paixão.
Depois,
 um talvez,
 sombras - o não.
Desatino, solidão:
 o revés.

O golpe de fel.
Um brinco branco que cai,
algum desdém, desavim.
 desalinho e desamor.
Nunca mais lua e mel,
Colombina e Arlequim,
nem Bolero de Ravel:
 abandono, tanta dor!

O olhar se esvai.
Pétalas, sangue e cetim,
o que esse drama abstrai:
 “Aranjuez Mon amour”

Em fim.

Imagem



Atlas Hutton

Atlas Hutton, nascido em 1993, brasileiro nato ainda que do mundo, escreve desde tenra idade, e resolveu se dedicar a escrita quando se encontrou na ficção fantástica. Autor de quatro livros, o mais recente deles “Amor Movediça”. Foi prestigiado em concursos literários, revistas e antologias.

Monte das Almas

| 1.

Gloriosos pinheiros se estendiam ao longo dos vales do Satsuma na ilha Kyūshū, em detrimento do outro lado desses grandes bosques e planícies jaziam ferrovias e sulcos na terra, juntamente com homens de picaretas, espingardas e fardados a lutar contra a guerrilha instaurada pelos ex-samurais, isso tudo contra um governo tirânico e opressor, pois, a Era Meiji se alastrava e seu poder envenenava aquelas terras tão benquistas. Entretanto, esse não era o foco de nossa protagonista, Ayume Hissamura.

Sob a sombra de um bonsai selvagem, ela já meditava e adentrava nas profundezas de sua mente há muito tempo; era parte da paisagem, e esta se apresentava magistral como de costume, visto que os musgos contornavam seu corpo e cogumelos se formavam. Exceto pelas vestes simplórias, portava apenas um cesto em seu colo, assim, a cada estopim de iluminação, seu poder absurdo era tanto que era capaz de capturar aquele foco de luz e depositá-lo ao cesto. Essa era a sua missão.

Com a mudança dos ventos, sol e noite, Ayume ia chegando cada vez mais longe; primeiro fora, a intervenção quanto a fome e sono, se libertara dessas prisões, afinal, o espírito sempre pôde se alimentar de outras coisas; depois, foram os traumas e as manias, de forma que foi capaz de respirar mais tranquilamente; e quando a dor de ficar na posição de lótus, se tornou ávida, livrou-se também da dor e ganhou independência sob sua mente. Agora, as questões cruciais eram mais metafísicas e de naturezas ambíguas, ora, se retirasse o passado saberia que esta seria ainda seria sua missão? Ou, se retirasse o envelhecimento acelerado das células, não estaria removendo os alicerces da vida?

Independente dessas questões, Hissamura saiu de seus palácios mentais para a dura realidade, afinal, agora inteiras ferrovias haviam germinado contra a terra; postos e guaritas, sangue humano e espadas ao longo dos vales, mas, a raça humana sempre fora dessa forma, quanto a natureza, essa emitia um longo e espesso clamor, através das folhas que murchavam, das matas que cediam, dos frutos que se negavam a nascer. Não viu outra forma, senão trilhar pelas matas depositando cada fagulha de iluminação, assim, progressivamente enquanto caminhava toda a fauna e flora eram restaurados. Sorrisos brotaram em sua face e todo aquele esforço meditativo, produzia efeitos visíveis, e era o fim do prelúdio.

| 2.

Uma semana se passou, as ferrovias enguiçavam, o carvão se esfarelava e o século da maquinaria dava falhas notórias, assim, os avanços da rebelião dos samurais ganhava terreno seguro. Havia lugares nos quais a selva despertara tão forte, que as árvores se erguiam grandiosamente cobrindo todas as vilas e vilarejos dos rebeldes. Americanos agora, patrocinavam o governo Meiji, e nessa união sangrenta graças a rios de dinheiro, exércitos fortemente armados adentravam, logo corpos e corpos eram empilhados, cabeças cortadas e colocadas em lanças para diminuir o moral e dar exemplo aos renegados. Cerejeiras entravam em flamas graças aos explosivos; magnólias despedaçadas e uma trilha de destruição ali no antro da floresta. Ayumi refez tudo novamente, com esmero até maior do que das primeiras vezes, e assumindo o papel de guardiã, ela preencheu novamente seu cesto com iluminações. Dessa vez não havia impasse emocional, ela simplesmente se desfez do passado remoto, suas primeiras memórias, dos afetos e elos que ainda a unificavam com o reino humano, então com o cesto quase cheio, ela fragmentou o desprezo, a angústia e outras desvirtudes. Terminada a tarefa, ela subiu aos céus,

e esperou pacientemente, os ventos secos serem trocados pela umidade, pelo céu escuro e pelos trovões que ribombavam junto com a chuva, desfez-se das esferas iluminadas ao jogá-las contra as nuvens, assim, o arco-íris foi avistado pela primeira vez nos céus, dali choveu benesses.

Embora, tais frutos vindos do próprio céu tivessem sido quase suficientes, os homens cessaram sua fúria, apaziguaram seus animais, realizou-se eventos com ambas as forças para acordos mútuos; sem mais derramamento de sangue, sem mais desfiguração da face terrena. Assim, mesmo com alguns renegados indispostos, políticos extremamente corruptos, o bem prevaleceu por um tempo; o suficiente para o outono depositar as clássicas folhas de bordo, folhas avermelhadas e amareladas se estendendo por toda província de Satsuma.

Poetas e bardos fizeram música, houve celebração para o que viria ser o ato final: as vestes iam sendo modificadas, costumes, ritos, tradições e uma gama de privilégios que agora caíam por terra, e claramente, eram motivos suficientes para uma nova revolta. Assim, as duas forças opostas se preparam para a guerra diante de uma nevasca bíblica que se erguia em Satsuma, era tão grande que atingia todas as partes, e segundo alguns, era a maior nevasca em cinquenta anos, de forma que exércitos foram bloqueados. Mesmo tendo jovens samurais advindos de todas as partes, somaram-se as forças para tomar o castelo Kumamoto.

A terra ficou arrasada novamente, florestas queimadas, templos degradados juntamente a castelos em pedaços. Quiçá, fora ali ao contemplar essa cena horrenda, que Hissamura, a guardiã das eras, das terra e natureza se enrubescou; não possuindo tristeza ou raiva para sentir, ela riu de sua tolice em tentar impedir a revolta que há tanto nascia, suspirava, sussurrava e rondava ali em Satsuma. Era impossível deter o progresso, mesmo que este progresso significasse um avanço burro e engessado. Ayumi deixou àquelas terras, para muito distante, para confins

ainda desconhecidos, seus passos eram independentes e a levaram a uma miríade de lugares e a lugar nenhum.

Deixando a raça humana a própria sorte, ela retornou a sua jornada espiritual, da qual, sequer deveria ter saído um dia, assim caminhou até o Monte Kiju, alcançou novamente novos ramos de iluminação, e quando desfez a consciência, o corpo e todo mais, ela se uniu ao firmamento, atingindo assim o estágio final de sua missão verdadeira.

Bianca Senna Krawczyk

Bianca Krawczyk nasceu em São Paulo em 1993, no dia 10/08. Aos dezessete anos iniciou o curso de arquitetura, deixando-o seis meses depois. Dedicou-se um ano estudando música e adentrou a EMESP , cursando violão popular. Leciona aulas de violão e teoria musical. Além de dirigir sua microempresa no ramo de flores e decoração. Apaixonada pelo gênero crônica, escreve desde sempre, e para sempre.

As aparências enganam

Quem faz escândalo reafirma sua vontade de ficar. Todos que saem aos berros, que jogam pratos contra a parede ou viram a mesa estão demarcando território. Não gastamos tempo afirmando o que não queremos.

Por outro lado, quem engole o silêncio trama uma partida triunfal, elegante e sem culpa. Um assassino não faz planos em voz alta e um relacionamento não termina com prévias.

Temos o costume da vidência, tentamos a todo tempo adivinhar o que nosso parceiro está pensando, tentamos antecipar suas atitudes, somos irritantes com gentilezas. O amor nos faz mais vulneráveis e altamente flexíveis. Nosso humor dependerá de uma mensagem respondida, e a falta dele também. Nossa paciência aumentará na proporção de carinhos que recebemos, o carinho cresce no toque.

Mas o término também tem seus sintomas. Casais que discutem com vontade terminarão juntos, para sempre. Discutirão como em novelas, farão dramas, baterão portas, jurarão que nunca mais voltarão. Jogarão os copos contra a parede, agirão com covardia, dizendo que o parceiro nunca lhe trouxe alegria, segurança, prazer. Apelarão para a vida sexual. Jogarão na cara que o sexo nunca foi tão bom assim. Lavarão a roupa suja com a máquina cheia, com a garganta expelindo ódio. Passará um, dois dias, uma semana e pronto. Já estarão refazendo os votos de amor eterno. Discussão gera incômodo, a raiva gera desconforto. Um passo para o tesão, uma semana para a reconciliação.

Já os quietos, os que não respondem às ofensas, os que não se desgastam com discussões, estão preparando sua partida, já arrumaram as malas.

Quem não se dá ao esforço de convencer com palavras, não moverá o mindinho por você. Não merecer a discussão significa que já não faz diferença a permanência ou a ida do parceiro. O desprezo é o pior castigo, a mudez incomoda muito mais que os gritos. A mudez esconde a verdade, já os gritos, a exorcizam. Quando não somos perguntados de onde estávamos, quando não somos interrogados pelo nosso parceiro, pensamos que não somos importantes (por mais que reivindicamos nossa liberdade diária). Gostamos do ciúme, da preocupação, do interesse. Fazemos jogo com o discurso moderno de "livre para ir e voltar de onde quiser". No fundo queremos responder todas as perguntas, sentimos prazer na curiosidade alheia.

Minha vó sempre teve razão, " onde há fumaça, há fogo". A vontade de ficar se fortalece no grito. Agradeça às discussões e desconfie da paz da quietude. Lembre-se, só música alta te convida para dançar.

O que não foi

Sofremos por aquilo que não foi. E muitas vezes, nem chegará a ser.

A verdade é que estamos sobrevivendo, e de maneira penosa. Fomos acostumados ao imediatismo. A nossa hora é sempre agora.

Tudo está em nossas mãos, desde o extrato do banco até as inúmeras possibilidades de jantar, em apenas em clique, mil vezes por dia. Estamos acostumados a acompanhar às notícias por minuto, as atualizações que nos jorram os olhos. Não sabemos mais esperar. Ficamos irados quando o 4G não funciona ou quando um aplicativo demora mais de 4 segundos para abrir. Não sentamos à mesa com as mãos vazias, não damos chance à língua. A foto vale mais que o prato.

Não colecionamos discos, não pegamos a fila à toa. Não arriscamos um trajeto pela memória. Não vemos as possibilidades de chuva pelo céu. Entregamos nossa vida ao google. Nosso antro de verdades absolutas nos tira a vista, nos cansa os olhos.

Abandonamos o raciocínio, viramos máquinas de teclar e damos voz a ansiedade, adoçamos a paranoia com saliva.

Enriquecemos farmácias. Devoramos livros de auto ajuda que ensinam amor próprio. Não brincamos na rua, não bebemos a água da mangueira. Nossas crianças empinam pipa no ventilador e fecham anúncios aos seis meses de vida.

Ataques de pânico viraram rotina, antidepressivo tomou o lugar do mentos na bolsa. Toda ação é gatilho e toda falta é desprezo.

Sobrevivemos e a nossa arma é um smartphone, que vence a cada ano. O psiquiatra tomou o lugar do chá da vó.

Os mais jovens nunca saberão o desafio de vencer a preguiça para virar o disco na vitrola, nunca jogarão dominó para matar o tempo, muito menos farão ideia da dor de arrancar um pedaço do dedão no chão. Eles não sentem o calor do asfalto.

Uma geração que possui o mundo na palma da mão, mas que não tem coragem de sair do quarto.

Brenda Sampaio

Brenda Sampaio, advogada e sergipana. Escritora e pintora nas horas vagas. Na literatura, tenho como mães Cecília Meireles e Marina Colassanti. Gosto de clichês, perfume de lavanda e café com açúcar suficiente para reduzir minha expectativa de vida em 3 anos a cada gole.

Esconde esconde

Terço cor-de-vinho
Perfume de rosas
Guardado na gaveta
da cômoda da avó
Não me salve
Na perseguição
o guarda-roupas
um forte
1, 2, 3 - achei!
Escondida fugia do medo
de senti-lo
Da brincadeira
o desespero
escapado da infância
Virou vício
o esconderijo
Redoma de vidro
Guarda medos
Risadas tristes
Cócegas incessáveis
Riso desesperado
Implorando
Com gargalhadas e lágrimas
Que pare
Explosão e vazio
de ressaca do êxtase
Ensaio para um sentimento
que confuso lhe seguiria
A revolta bate à porta
1, 2, 3 - salve todos
Não se salvou ninguém
Dessa vez, eu me escondo
Mas também sou o conta
51 alerta
Pronta ou não, lá vou eu

Mulher do sertão

No sítio amarelo
Mas sem pica-pau
A menina chorava
Berrava
Que queria ir lavar roupa
Lá no riacho
Com as moças equilibristas
Que carregavam na rodilha
A bacia de roupa suja
(e sabe-se lá quantas dores)

Queria porque queria!
-Não vai! É coisa de pobre!
Tem caramujo, dá doença
Bote na máquina

A máquina
A menina pensou e tentou lembrar
Quando, assistindo na janelinha
a roupa girar
Quando viu ali passar
moças equilibristas?
Quando viu ali
o perfumado caminho da roça
os pés de alecrim
brotando do chão
se terra seca?
Quando alguma vez se viu
Ali dentro
Riacho de água tão pura
cercado de verde-doçura?
Quando, me diga, quando?!
OuvIU ali
O canto agudo e dolorido
Que não se sabia se vinha
da boca das moças

ou do pranto das roupas
espancadas na pedra
pra desencardir
("Bate do avesso as pecinhas finas
mode não machucar!")
Quando, por fim, alguém viu
Sempre no final
como um ritual
moças regaçando a saia
lavarem os pés nas pedras
esfregando
até afinar
o calcanhar
que o chão do sertão
tratou de engrossar?
(em que pedra esfregariam
até afinar
o coração
que a vida no sertão
tratou de engrossar?)

Não.
Não dava pra lavar a roupa na máquina
Não que ali não tem
Pé de alecrim nem riacho
Nem tem canção de moça
Nem choro de roupa
(nem choro de moça
e canto de roupa)

Não que ali não tem
Moça equilibrista
Equilibrando na rodilha
dois pesos desequilibrantes
O da roupa suja
E o da luta dura
De ser
De existir

E resistir
Mulher de sertão

Carlos Amorin

Formado em Rádio e TV pela Unesp, comecei a trabalhar como roteirista na produtora Mixer em 2013. De lá, me tornei assistente do autor Carlos Lombardi, colaborando no roteiro da minissérie Mamonas Assassinas. Em 2019 ganhei prêmios por contos, como o Prêmio Literário Paulo Setúbal e o Concurso Literário de São João da Boa Vista. Em 2020 criei o canal de Youtube e o blog DevaneCido, com contos no blog e entrevistas no canal, tratando dos mais variados temas com uma gama de profissionais.

Golpe de Sorte

Começou, como tantas histórias, com uma garota.

O primeiro namoro. Aquele que você não sabe onde pôr as mãos, a boca, os membros e muito menos os sentimentos. E, como todo primeiro namoro, veio o inevitável primeiro término (tirando casos raríssimos como meus pais, mas eles são aberrações).

Como todo jovem que se preze tendo seu coração partido pela primeira vez, achei que seria a única e que o céu cairia sobre minha cabeça enquanto o mundo entraria em colapso numa entropia generalizada. Mal sabia que estava apenas quinze anos adiantado em minhas previsões.

Teve até um dia em que “dormi na praça pensando nela”. Por uma década e meia atribui tal ato a Reginaldo Rossi, mas ele dormia na mesa de bar. Acabei de descobrir que Bruno e Marrone foram os autores do ato que inspirou meu arroubo Bostokowski.

Se tenho uma coisa a agradecer à primeira namoradinha é que, se não fosse todo esse processo tortuoso de drama adolescente que deixaria o Dawson envergonhado, não teria começado minha vida de sexo, drogas e rock’n’roll (tá bom, sexo seeeexo mesmo demorou um pouco mais, eu ainda era eu na pior concepção de eu possível, afinal).

Numa dessas noites ébrias, indo de lugar nenhum para possivelmente algum lugar e acompanhado de um colega que já falava bem de um tal capitão naquela época (e hoje é um ferrenho defensor de cloroquina, para ser o mais brando possível) que fui apresentado ao que faltava às minhas mãos adolescentes desengonçadas.

Carlton Menta.

Falam que cigarro de menta é de menininha. Quando repetem tal mantra besta a imagem que me vem à cabeça é uma garota francesa de nove anos, em preto e branco e com uma boina discutindo existencialismo. O que só deixou a coisa mais *cool* pra mim.

E aqui passo por uma mescla de anos bons, médios, ruins, maravilhosos, terríveis e “caralho, já acabou o ano”, que não servem à narrativa. Digno de nota é que o

Carlton Menta desapareceu numa nuvem de fumaça e, depois de muitos cowboys, gudangs e camelos, encontrou o substituto definitivo no Lucky Strike Menta. Meu eterno companheiro de varandas inúmeras, manhãs sonolentas, noites insones e tudo que acontecia no meio termo.

Tentativas de parar? Tirando um ou outro ato heroico onde jogava o maço fora só para comprar outro dias depois, quando estava vendo que a relação tava ficando séria demais, não muitos. Sempre tinham outros problemas mais urgentes. Depressão sendo outro grande fator, que merece uma crônica à parte. Mas outras coisas mais técnicas também. Esse ano não dá porque tem TCC. Esse não porque tenho que arranjar emprego. Esse não porque perdi o emprego. Esse mês não rola porque tem um monte de aniversário. Essa semana não rola porque segunda-feira já passou.

E assim fomos. Eu e meu Lucky. 15 anos de um relacionamento abusivo onde um lado pagava todas as contas e o outro ia envenenando o parceiro lentamente.

Flordelis light com toques de menta, digamos.

Até que, no começo do ano (também chamado algumas semanas atrás), deu uma puta falta de ar. Mesmo sem febre e ainda sentindo 50% do gosto das coisas (nada de doença, condição de fumante mesmo) a sombra do COVID se instaurou. Terminei meu Lucky numa sexta à noite e marquei o teste para a segunda seguinte. Enquanto isso, nada de fumos. Minha namorada até escondeu o palheiro velho que existia para emergências do tipo.

E... não é que sobrevivi?

Claro, não foi fácil. Pelo menos minha condição de saúde merda ajudou nos momentos que batia a falta. Mas não subi pelas paredes. O humor deu aquela piorada, mas também nunca fui um (inserir pessoa sempre bem-humorada que você conheça) da vida. Meu único ato de rebeldia foi comprar uns cigarros Kumbaiá (poderia ser um pseudônimo jocoso, mas é o nome da marca mesmo). Não tem tabaco ou nicotina. É como fumar um chá. Tapa na pantera aglutinado.

Passados mais alguns dias, quando estava um pouco melhor e com a confirmação de que não era COVID, resolvi comprar adesivos de nicotina, que achava que era tão lenda quanto alucinações psicotrópicas.

Mas não é que fiquei mais calmo?

A cereja do bolo veio na minha escolha literária de início de ano. Depois do gigantesco e excelente “O Temor do Sábio”, queria algo mais leve e encontrei uma versão embolorada resgatada na mudança entre os livros de minha namorada. “Diário de um Magro”, de Mario Prata.

Gostaria de dizer que li o livro num fôlego só, mas ainda não tenho pulmão para tanto.

Fala dos dias que o autor passou num SPA nos anos 90. Mas vai muito além, ficando surpreendentemente filosófico em nossa relação com comida, corpo, bem-estar e, como bônus, até cigarros! Já estava sendo convencido pelas comparações que fazia com comida, por tudo ser um vício, nem precisava do ataque direto, se me permitem desabafar.

Agora, sobre emagrecer, são outros quinhentos (gramas x20, essa é a meta).

Jungianos chamariam tal conjunção de eventos de Serendipidade. Eu prefiro a frase “UM BANDO DE COINCIDÊNCIA BOA PRA PORRA”. Soa mais honesto.

Então foi munido dessas três coisas: Cigarrinho hippie, adesivo de nicotina e livro embolorado do Mario Prata, que decidi de vez que vou parar de fumar.

Uso “vou parar” porque não quero jogar uma certeza tão grande que venha cair em cima de mim num futuro próximo. Craig Ferguson, um dos meus comediantes favoritos, “foi” alcoólatra por muito tempo. Coloco “foi” entre aspas porque ele mesmo diz que ainda é alcoólatra. Pois se decidir beber a qualquer momento sua reação não vai ser a de alguém que toma uma cervejinha casual. Então é um constante estado de alerta e de autocontrole.

Então prefiro nunca falar que “parei de fumar”. Escolho ser um fumante que não fuma. Faço isso com catolicismo há anos, acho que sei o esquema.

Hoje em dia, quando vou ao mercado e vejo aqueles vinte filhos da puta embalados me chamando prum rolê, uso a tática que aprendi com minha primeira namorada.

Olho pros lados, passo reto e finjo que nunca vi na vida.

Cesar Casella

Cesar Augusto de Oliveira Casella é professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Campus Cora Coralina) e cursa doutorado em Estudos da Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Trabalha com a literatura e com a crítica literária a partir de abordagens discursivas. Publicou artigos e pesquisas acadêmicas em revistas especializadas e em coletâneas em livro. Mora em Inhumas, Goiás. E-mail: cesar.casella@gmail.com.

A CRÍTICA À LÓGICA CAPITALISTA EM *QUINCAS BORBA*

Cesar Augusto de Oliveira CASELLA
Doutorando em Literatura Brasileira - PPGL/UERJ
Professor de Língua Portuguesa - UEG/Campus Cora Coralina

Como Machado de Assis dispensa apresentações, este ensaio pode se abster de trazer as tradicionais informações biográficas e bibliográficas sobre o autor que costumam iniciar - e sobrecarregar... - os textos acadêmicos e congêneres, as quais, neste caso, são de amplo conhecimento do público leitor. Isto permite que se avance imediatamente em direção ao cerne do estudo, apresentando alguns dos temas de que *Quincas Borba* é composto.

A leitura detalhada de *Quincas Borba* permite ressaltar alguns dos temas de que o autor se valeu para criar um romance crítico e irônico, uma obra que possibilita tanto a apreensão de aspectos sociais específicos do Brasil oitocentista quanto a de aspectos morais gerais do ser humano que vive em sociedade. Para a argumentação que se constrói aqui, é preciso destacar os seguintes temas: 1. A doutrina do Humanitismo; 2. A lógica capitalista; 3. As aparências sociais; 4. A loucura como fuga.

Esta breve enumeração, obviamente, não exaure os temas de *Quincas Borba*, mas, vistos nesta sequência, é possível compreender e ressaltar quais são os fios condutores da narrativa, bem como estipular como os temas atuam - ora separadamente, ora conjuntamente - para a constituição de um sentido global no romance de Machado de Assis.

Ao tratar do humanitismo, a doutrina filosófica criada pelo personagem Quincas Borba, definida como um “arremedo de cientificismo e filosofia” por Jean Pierre Chauvin (2019, p. 41), Machado de Assis empreende um pastiche que reúne, como bem mostra Chauvin (2019, pp. 42-43), as lições d’*O Príncipe* de Maquiavel sobre o poder; a tese de Hobbes de que o homem vive em meio à <guerra de todos contra todos>; o conceito de <monadologia> de Leibniz e a sua hipótese de que o universo é semelhante a um <organismo pleno> cujas partes estão em <harmonia natural> em que <tudo é análogo a tudo>; o positivismo de Comte e a sua Lei dos Três Estados; o darwinismo social de Spencer e o otimismo caricatural do Pangloss de Voltaire.

Este conjunto de conceitos e reflexões é utilizado refratariamente por Machado de Assis, com a modificação de seus sentidos originais e a criação de uma doutrina paródica - para o que contribui a própria nomenclatura Humanitismo: Humanitas [humanidade em latim] + -ismo [o sufixo nominal, muitas vezes usado

com tom pejorativo, que é indicador gramatical de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos, políticos e de governo] - que retrata figurativamente o pensamento social brasileiro da época.

O Humanitismo, além de uma alegoria cruel da sociedade brasileira do Século XIX, é também um emblema simbólico da lógica capitalista. Jean Pierre Chauvin lembra que “estabelecem-se correspondências entre a mentalidade burguesa, que se consolidava desde o século XVIII, com o horizonte das personagens” (2019, p. 48) em *Quincas Borba*. A lógica do capital, que motiva quase todos os personagens e os faz constantemente trocar de posições sociais, traz “ao enredo acentuada tensão, em que prevalecem o lugar comum, a mediocridade intelectual e a sanha generalizada pelo dinheiro” (CHAUVIN, 2019, p. 51). Neste sentido, as personagens do romance se movem por uma ambição que faz do dinheiro e do prestígio social dois valores absolutos. Uma lógica crua, algo selvagem, pois perdem-se outros valores de caráter qualitativo - como a educação, *lato senso* - que se acessam por meio do dinheiro e do prestígio.

A participação do protagonista Rubião na lógica capitalista, assim como na compreensão da doutrina do Humanitismo, não é integral ou resoluta. O discípulo e herdeiro de Quincas Borba tem dificuldades em aderir totalmente a ela: faz seus cálculos pecuniários quando do recebimento da grossa herança mas é generoso e perdulário, dissipando o seu patrimônio com os amigos engambeladores.

A sociedade brasileira retratada por Machado de Assis é, portanto, medíocre e gananciosa, regida pelo dinheiro, pelo senso comum e pelas aparências sociais. No romance, como explica Jean Pierre Chauvin (2019, p. 51), as personagens são planas e uma das maiores ironias do enredo é justamente que os amigos de circunstância, que enganam facilmente Rubião, são tipos absolutamente previsíveis.

O logro une-se ao lucro. Numa sociedade de seres simulados, dissimulados ou falsos, a submissão ao capital é dura e embrutecedora e o protagonista tem disto mostras de sobra: a sociedade empresarial com Cristiano Palha, o jogo cortês de sedução com a mulher casada, o almoço artificial entre os amigos de ocasião, a doação frustrada do cachorro homônimo do filósofo, a petulância dos criados estrangeiros. “Vítima do logro, o percurso de Rubião confirma a primazia da lógica monetária” (CHAUVIN, 2019, p. 49).

Mas também no caso do tema das aparências sociais, Rubião não está em consonância total com o restante dos personagens. Ao contrário, “o protagonista ganha força à proporção em que perde importância na sociedade que o cerca” (CHAUVIN, 2019, p. 50). Tendo herdado a fortuna de Quincas Borba e tendo

ido para a capital, Rubião pretende entrar no jogo de aparências e na lógica capitalista da sociedade brasileira da época. Entretanto, falha neste jogo: é ingênuo e acredita que os outros o estimam de verdade, não domina os rituais de salão e os de cortejamento das senhoras casadas, não é loquaz nem inteligente, não tem as armas para se proteger neste ambiente capitalista de aparências.

Desprotegido, falsamente estimado, paulatinamente depauperado, progressivamente isolado, Rubião vai ficando, proporcionalmente, demente. A insanidade interfere também em sua aparência física e torna-o verborrágico. Em decadência financeira, física e mental, Rubião torna-se cada vez mais diferente do casal Palha e dos outros amigos exploradores que o cercam.

A percepção deturpada da realidade em Rubião é ambivalente. Por um lado, em um meio social tido como realista e em que todos devem conhecer as chamadas <regras do jogo>, dadas pelo capitalismo e pelo mundo de aparências, a loucura condena a existência de Rubião. Por outro lado, “a demência o emancipa das convenções ordinárias e do ato involuntário de jogar, ou seja, de atuar empregando determinados códigos de fala, pensamento e convenções” (CHAUVIN, 2019, p. 52). A loucura de Rubião pode ser vista como um “mecanismo inconsciente de defesa, por parte do demente mal inserido na implacável sociedade de arrivistas” (CHAUVIN, 2019, p. 56). Um mecanismo de defesa frente a lógica do capital.

Vê-se bem como o tema da lógica capitalista é central na apreensão dos sentidos advindos da leitura de *Quincas Borba*, sendo uma espécie de catalisador dos outros temas. Além de ser central, a lógica do capital é criticada no romance e isto pode ser notado pela ação e pela fala ideologizadas dos personagens. Para uma argumentação teórica neste sentido, recorre-se ao pensamento de Mikhail Bakhtin, que, ao explicitar o embasamento de suas análises, registra a sua

[...] convicção de que toda obra literária é interna, imanentemente sociológica. Nela se cruzam forças sociais vivas, avaliações sociais vivas penetram cada elemento de sua forma. Por isso a análise puramente formal deve tomar cada elemento da estrutura artística como ponto de vista da refração de forças sociais vivas, como um cristal artificial cujas facetas foram construídas e lapidadas a fim de refratar determinados raios de avaliações sociais, e refratá-los sob um determinado ângulo. (2003, pp. 195-196)

Isto é um procedimento de composição: O romancista dá às falas e às ações de seus personagens a espessura da vida real, isto é, transfere para o texto a realidade circundante em seus aspectos sociais, históricos e ideológicos. Porém, as

forças sociais, as posições ideológicas existentes na sociedade não são refletidas mas sim refratadas no texto literário, isto é, são colocadas sob determinado ângulo, constroem uma determinada avaliação da sociedade. Assim, ao colocar em seu romance uma malta de personagens que vivem a dissimular a ética chã e binária pela qual vivem, derivada do capitalismo do Século XIX, escondendo-a sob uma cultura de verniz, sob uma filosofia superficial, Machado de Assis faz surgir de seu cristal artificial uma mordaz crítica à lógica capitalista de tempero brasileiro.

A crítica está ancorada em elementos da forma do romance, os quais são pontos em que se avaliam vivamente a sociedade, em que as ideologias se desvelam. É o caso do uso da fórmula “ao vencedor as batatas” ao longo de *Quincas Borba*. A fórmula é o resumo que sobra da doutrina do Humanitismo, é dita primeiramente por Quincas Borba, no capítulo 6, no contexto de explanação de sua doutrina para Rubião (ASSIS, 2019, p. 97). Depois, ela é repetida ao longo do capítulo 18, mostrando uma assimilação incompleta da doutrina por parte do protagonista, que a toma como um lema (ASSIS, 2019, p. 113). Por fim, torna-se indício da demência de Rubião ao ser pronunciada por ele, febril e doente, já no seu leito de morte (ASSIS, 2019, pp. 377-378), nos capítulos 199 e 200. A fórmula, arremedo de máxima filosófica e moral, traduz ironicamente a lógica capitalista que rege os personagens do romance e mostra a atitude crítica de Machado de Assis frente ao tema.

Também é o caso da menção intertextual, no capítulo 3, ao par de figuras de bronze que Rubião possui em sua sala: um *Mefistófeles* e um *Fausto* (ASSIS, 2019, p. 88). A intertextualidade, a menção a estas figuras tão icônicas da literatura mundial, trazem para o romance a carga original de sentidos presente no enredo da obra de Goethe e, mesmo enviesadamente, são uma crítica da lógica capitalista e do mundo das aparências sociais.

Muitos outros elementos da forma do romance também servem de exemplificação da apresentação crítica ao tema da lógica capitalista. Não se trata de esgotar todos eles aqui. Busca-se apenas mostrar que é assim que “o romance golpeia a expectativa dos leitores”, ao desnudar “o regime das aparências da corte e a selvageria da especulação financeira, na virada do império para a república” (CHAUVIN, 2019, p. 56). Busca-se mostrar que, com este procedimento de composição, Machado de Assis apresenta e critica um país que exagera na valorização daquilo que vem da Europa (doutrina, pensamento, literatura, costumes etc.), um país que não consegue enxergar a sua parca ilustração cultural e sua deficiente reflexão filosófica, um país que esconde de si mesmo os seus reais problemas, a começar pela escravidão e pelo tráfico dos negros africanos, pilares

econômicos do capitalismo grosseiro e cruel que assolou o Brasil. Seria melhor dizer: capitalismo grosseiro e cruel que ainda assola o Brasil...

Referências

ASSIS, M. *Quincas Borba*. Apresentação de Jean Pierre Chauvin. Estabelecimento de texto e notas de Jean Pierre Chauvin e José de Paula Ramos Jr. 1 ed. Cotia/SP: Ateliê Editorial: 2019.

BAKHTIN, M. M. A respeito de Problemas da Obra de Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. 4 ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.

CHAUVIN, J. P. Quincas Borba ou a primazia do senso comum. In: ASSIS, M. *Quincas Borba*. Apresentação de Jean Pierre Chauvin. Estabelecimento de texto e notas de Jean Pierre Chauvin e José de Paula Ramos Jr. 1 ed. Cotia/SP: Ateliê Editorial: 2019.

Ciro Julio Cellurale

Ciro Julio Cellurale (Rio Claro, São Paulo, 1960). Pirogravurista, desenhista e pintor. A principal técnica utilizada em seus trabalhos é a pirogravura e os suportes variam entre a madeira e o papel com gramatura mais densa. Com interesse pela figura humana, é recorrente o retrato de artistas, esportistas e personagens históricos, que costumam aparecer em cenas icônicas. Quando aborda questões sociais contemporâneas, como as guerras e os conflitos territoriais ao redor do mundo, privilegia a perspectiva das crianças, que recebem destaque nas obras. É comum a presença de paisagens e construções urbanas, além da utilização de técnicas como o desenho em lápis sêpia e a pintura a óleo sobre tela.



O garoto de Berlim

Olhar do Pesquisador Com Francesco Rossi Lena num estudo de cintilação de diamantes



*Artes
Culturale
2020*

Cleber de Araújo

Nasceu em Amambai, MS; professor, historiador e filósofo. Leitor por paixão e escritor por vocação. Amante da literatura e da ficção, apaixonado pelas letras e pela forma como elas se misturam, se enredam, se completam. Apreciador da cultura regional, tendo ideias guardadas desde menino, como o sonho de publicar livros. Membro fundador e atual Vice-presidente da Academia Amambaiense de Letras. Cadeira nº 07. Membro da Academia de Letras do Brasil, Seccional MS. Cadeira nº 48.

INSÓLITA TROCA

Todos os dias ao sair para a labuta diária, cruzam inúmeros personagens pelo caminho do velho sapateiro, pessoas que aos olhos de alguém sem o seu tato passariam despercebidas, como o vendedor de flores, vendendo romantismo e não meras plantas, o mendigo, que mostra não só a miséria nua, mas as mazelas do capitalismo selvagem em combate aos excluídos. E uma figura sui generis que desperta, na sua monótona caminhada, mais atenção ainda. O músico descalço que toca seu violino com maestria, pelas calçadas da urbe ensandecida, que não tem tempo para ouvir Beethoven no vaivém frenético dos transeuntes.

Criticado, muitos se perguntam por que o mesmo não vendia o violino e comprava um par de sapatos, mas se assim o fizer acaba sua arte, o seu trabalho e o seu sonho.

Mas para o sapateiro o dia começa cedo, sua sinfonia é outra, que não o concerto, e sim o conserto. O barulho ensurdecido das máquinas ligadas nem o perturbam mais. Deve ser por isso que contratou um ajudante surdo, para que não ficasse com moucos ouvidos como ele estava, causado pelo ofício.

Desde cedo, antes mesmo de pensar em sapatos, ou em tê-los, o sapateiro já era adepto da leitura, pois o pai, conhecido por seus versos boêmios, sempre lhe incentivou na leitura. Apesar de “alérgico” ao trabalho árduo, seu progenitor nunca se apartava de um clássico, Dostoiévski, Julio Verne, Dante e seu inferno dantesco, alguma coisa de Shakespeare e não raro o via envolto numa profunda análise de Freud.

Insistindo para que o filho lesse, estava tentando mudar seu destino. Ainda aprendeu na infância sobre um tal Marx, que segundo seu pai não era lá muito cristão e que para esse homem, onde há trabalho há exploração. Música, sempre as

clássicas também. Mestre no piano, o pai lhe inspirou a gostar de uma boa ópera, de sinfonias, música de gente que pensa, segundo ele.

Envolto em seu mundo de solas e couro, de martelo em punho e preguinhos no canto da boca, a imagem do músico descalço não lhe sai do pensamento. Como pode tocar tão bem, e ele próprio sempre quis ser um violinista.

Por vários dias, passava pelo homem, ouvia sua música, bem tocada por sinal, dava-lhe alguns trocados, mas não lhe dirigia a palavra.

Qual seria o real motivo que o fazia pensar na condição daquele homem?

Após analisar por semanas aquela situação, vem a sua mente uma ideia como que um lampejo, e, em meio ao expediente, sai em desabalada carreira e faz uma proposta ao estranho do violino:

– Dou-lhe um par de sapatos se me ensinar a tocar o violino, você aceita? E o homem ainda atônito pela proposta inesperada diz um sonoro:

– SIM.

Retirando um sorriso de satisfação do velho sapateiro. No dia seguinte, o homem dirigiu-se à sapataria e começaram a insólita troca, uma alusão ao velho escambo dos portugueses de outrora. A partir de agora, o violinista venderia sua arte, mas por uma boa causa, uma proteção para os pés, além de passar adiante o seu talento, dividir com outrem sua nobre arte.

E assim passaram-se longos dias em que o mendigo, agora bem calçado por sinal, ensinava a sua arte ao sapateiro que, por várias horas diárias, abandonava seu ofício principal para se dedicar ao aprendizado da música, da arte de tocar.

Uma pena seu nobre ajudante não poder ouvir os ensaios, ou mesmo as desafinações durante o árduo aprendizado. Como sabia que seu patrão era meio “esquisitão”, não deu muita atenção aos concertos matutinos.

Para o violinista, estava sendo uma experiência muito diferente, de indigente a professor, além do belo par de sapatos de bom couro, levou uma boa quantia de gratificação e o orgulho de se saber útil, pois sua música lhe possibilitou algo, contrariando os cétricos que lhe diziam: música não enche barriga!

O velho sapateiro, enquanto aprendia, ia relembrando seu pai, tão dado ao trato cultural, que apesar de boêmio e alérgico ao batente, deixou um legado de cultura, um misto de saber com ócio improdutivo. Ficaria muito mais orgulhoso em vê-lo músico do que percebê-lo sapateiro, arrumando sapatos novos e velhos, na maioria das vezes com odor não muito agradável. Com toda certeza, bateu a convicção de que o pai preferiria ver seu filho concertando do que consertando.

Para ser um profissional do violino, pode levar anos, até décadas, mas persistência é algo que o sapateiro conhece bem, domar a dificuldade como amaciar uma sola, ter o aprendizado como desafio.

E a vida tem desígnios nada convencionais, o homem agora não mais seria conhecido velho sapateiro e sim como o sapateiro violinista, o erudito, como sempre sonhou o pai, que sempre dizia nunca ser tarde para realizar um sonho.

Eis a história de um velho sapateiro culto, que apesar dos empecilhos, não se deteve diante deles.

Cristina Castilho

Maria Cristina de Castilho Brêda nasceu a 14 de agosto de 1961 em Díli, Timor (Timor Português). Viveu em Angola de 1966 até 1974, ano em que foi viver para Portugal e onde fez os estudos superiores. Exerceu a sua profissão de docente em Portugal de 1985 a 2017. Desde janeiro de 2018 exerce a docência como agente de cooperação para o desenvolvimento em Timor Leste, regressando anualmente a Portugal para passar férias com a família. Começou a escrever poemas e poesia um pouco tarde: aos 57anos.

A sombra

Nasce do lado oposto à fonte luminosa
Projeta-se em determinadas áreas vivas!
Ostenta uma figura curiosa, charmosa
Gera fobias... atíça as mentes criativas!

Sombra dos objetos mais misteriosos, bizarros
De criação divina ou criatura térrea!
Real ou imaginária dos doces pirralhos!
Formas sublimes com alma vivamente pétrea!

Uma sombra retilínea, rendada ou difusa
Ondula como uma brisa amena, muito aprazível .
Desfigura-se, transforma-se, como fiel musa
Que jubila aquela visão generosa, sensível.

Muitas vezes esquecida ou ausente...sem delíto!
Inalterável ou atrevidamente destemida,
Com plena consciência do sol decerto restríto!
Ergue-se como Cristo na respeitável ermída!

Com arte e engenho, numa tela em breves píncladas,
Nos olhos das amadas damas, sobejamente ufanas,
Brilha o ego das donzelas, mesmo as mais mioladas!
Soltando, nos atrevidos moçoilos, as sultanas!

*Viver à sombra...*pronunciam as cruéis línguas
Admirar, quicá escoltar, as atitudes de alguém

Sem crença ou com rituais, disputas ambíguas!

Discretamente manipulados, enfim...

convém!

Seguidora fiel do seu considerado dono!

Tanto na fina fortuna como na profunda dor

Muitas vezes esquecida, e a sós no seu trono

Demanda, entusiasmada, o seu galante clamor!

Cotovia

Timor, Setembro 2019



O poder de um rebuçado

Um rebuçado...uma guloseima
Embrulhada numa prata,
A admissão de uma concordata!
As crianças, com olhar recatado,
Evidenciado pelos seus olhos,
Redondos,
Brilhantes,
Penetrantes,
Ilustram um visual desconfiado.
Esticam o bracito e pedem a bênção
Diante de um *malai*,
Uma prática cultural
Continuada no tempo
E acatada como natural.

Mas um simples rebuçado,
Faz o milagre: a empatia germina,
Afortunada magia!
Uma risada grata
E um sonoro *obrigado!*
Pés nervosos aos saltitos
Exibindo o mimo no seio dos deditos,
Pequenitos, sebentos e expeditos!
São crianças. De Timor.
Recheiam o coração
De felicidade e satisfação.

Cotovia

Timor, agosto 2020

Deivid Junio

Deivid Junio é professor de educação básica e pesquisador na área de Filosofia.

Publicou o livro de poemas *Bal-bu-cio*, em 2015. E-mail: deividjunio@gmail.com.

Horário de almoço

a boca doce do menino parmenidiano, eu beijo

seus olhos claros

me viram

do avesso da imagem

refletida no espelho

dos óculos escuros

num quintal repleto de cães

e calor

ele pergunta de poesia

de poetas que não sou

deixando-me só

à mesa, depois de derramar tensões

e apetites leitosos

em minha boca

o que não é, não pode ser dito

sempre no almoço, o sol está a pino

Necrópole

do que se esculpe no mármore, lágrimas
ao que as lágrimas esculpem, mármore

o bronze oxida e exhibe
a pátina verde que tudo encobre
o que o tempo desgasta,
arte

a vida, a duração
a morte

uma pólis de pedra, de silêncio e datas
o que resta, cálcio e memória

nada, quase

uma rosa metálica repousa
sobre a lápide porosa
e a saudade de quem passa
não apodrece, nem se dissolve

São Francisco de Assis de Ouro Preto

ei-la:

a Porciúncula do Novo Mundo, a armadilha pro poeta agnóstico,
o traço inventivo da mão aleijada, o risco antropofágico ante o modelo
da Metrópole, a cornucópia de gracejos e quimeras, o produto mestiço
do vale do Tripuí

o Cântico das Criaturas em pedra-sabão, a transfiguração da matéria
tropical, a porosidade da pedra a serviço da aporia espiritual,
a policromia da penitência e da ilusão, o pigmento mineral a serviço do
etéreo, o resultado estético do conflito entre guerra e paz

o portal pro Éden refeito em flores e seres alados, o degrau onde o
poverello ostenta sua caveira, a nave cujo teto se abre e revela a
Madonna dos Anjos mulata de Ataíde - a ancestral das mulatas
de Di Cavalcanti -,
o êxtase franciscano vazado no céu colonial, a trovoada do Alverne
ecoando na penha do Itacolomi...

- expressão secular, muda e sentimental

contradizendo a alegoria esculpida em seu lavabo;

a fé cega vê, através das vendas,

a beleza:

a perfeita alegria na periferia da América, na porção saqueada
do Hemisfério Sul;

o início da arte do meu país,
que ainda não.

Simple

as águas seguindo seu fluxo, claras
o girassol, sendo demais amarelo,
brilha

tudo mais é memória
e falta

Denis Scaramussa Pereira

Denis Scaramussa Pereira, Itaranense, 34 anos, servidor público por vocação e poeta por devoção.

Réu-niã (22/04/2020)

Não há máscaras.

Não há cortinas.

Há dor na retina.

E silêncio no coração.

Um cão apoplético.

Em chama apocalíptica.

Uma lorota alérgica.

E a malta, lisérgica.

Inveja a Eurípedes.

A tragédia em vídeo.

Desídio iletrado.

No mais baixo calão.

Em drama eclético.

Enredo anti-ético.

Em tramo patético.

Ele nega, ele não.

Desconvide-se

Retire a ignorância de seu palácio.

Não temas.

No jardim das emas,

apodrece o rosto da desesperança.

Pálida, esquálida, desvalida.

Não vale um tiro.

Do seu retiro.

Ou de canhão que salve Bandeira.

Maneira? Sem estribeira.

Arranco a fórceps,

E de mansinha,

Tosca versão de ode à gripezinha.

Mandou chamar o médico:

– Diga trinta e três:

– Trinta e oito... trinta e oito... trinta e oito...

– Atire.

- O senhor tem uma escavação no lugar do cérebro e um coração infiltrado pela miséria.
- Então, doutor, não é possível tentar um respirador?
- Não. Cloroquina. E que alguém sanfone uma Ave-Maria.

Colônia

Há corona no palácio, disfarço?

O palácio, sem coroa, que faço?

O palhaço com coronha, eu passo.

O exame do coroa, deu traço?

Para curar toda essa coisa: espaço.

Pra passar toda essa nóia, um maço.

Virulência infacistada, eu traço.

Meus amores, volto logo, abraço.

Um preso-e-morto

O perdigoto do presidente.

Isolamento, dos sem esgoto.

Um preso-e-louco.

Que quarentena?

Lhe dê ciência,

Da esscarrecência.

É de 40, ou 38?

Um preso-esgoto,

Cruzando a esquina.

Na padaria, à pandemia.

Que mal havia,

na cloroquina?

Uma Flor para Michelle

Amizade sincera e verdadeira.

O cravo e a rosa (princesa).

O pecúlio põe a mesa.

Indigesta a reação.

Porão?

As donzelas na cadeia?

Perdoai, é pé-de-meia!

Canto e lavo no sermão.

Pois não?

Uma dama entesourada.

A primeira aquartelada.

Minha arma é a oração.

Dá nada!

Um casal assim, amigo.

Desencanta o inimigo.

Pastoreia do jazigo.

Pausa para foto

(...)

E um abraço mui fraterno.

Nós unidas pelo verbo.

E eu perdido nessa lira.

Delira?

Muita calma, meu irmão.

Muito sangue pelo chão.

Assegure seu quinhão.

E a família, como vai? (...)

Um repousa sob o Pai.

E descansa sob a terra.

Ele não. Traduz a treva.

E eu, que faço?

Endiabro o pastoreio.

Canto, danço, até falseio.

Só não ponha Deus em xeque.

Que cheque?

Na real, recebo em libras.

Tua pergunta me emudece.

Meu silêncio ensurdece.

Senhor!!!

Lhe entrego a minha fé.

Lhe rogo, não seja ré.

Ao escárnio me devoto.

E nós?

Nós não temos tal amigo.

Queira vós fique calado.

Que não banque o desalmado.

Repito. E nós???

Nós não temos tal consorte.

Oito nove, só na sorte.

Canto, adeus, afaste a morte.

Saudade

Os Ministros saúdam e despem-se.

Despedem-se da farsa palaciana.

À saúde, um brinde, sádico, silente,

Séquitos de sombras sobressaem.

Saia de casa, atire ao alvo, surfe, esquie,

Censure quem luta pela vida.

Só não use saia azul.

Por favor, Minion-saia.

Rês-pira a pátria

Eu queria apenas

Sem penas

Ar tenhas

Atenas

Esquadro tempos

Por tentos

Lamentos

Porte'inho

A tarde ver

Escurecer

Trans parecer

A negra ser

Há concretude

Similitude

Faz sesta, mude

Ante o ataúde.

Epitáfio

O alto-falante da matriz ressoa.

Há luto, tristeza, dor, pesar.

Paciente zero.

Trabalha a dor.

Um inocente parte.

Paciência, paciência.

Choro das águas

A vida secou.

O mundo enxugou.

Restou-lhe a sombra.

Esvaída de águas frescas.

Yemanjá se foi,

com a volta do navio negreiro.

Temos uma nova política.

Travestida de pardieiro.

Soneto da quarentena

Um terceto, um quarteto, decassílabo.

Um anúncio, um prenúncio, vaticínio.

À saúde, à miúde. Não me ilude! Contágio.

Manda nude! Vem, desbunde. Arrepio.

Sopra a morte, canta à sorte, faz ao vivo.

Tem playback, o meu beck, há luz, sino.

Toma um gole, de Malbec, um tanino.

Vence o porre, sem cangote, eu, sozinho.

Se apronte. Vá! De frente. Liga a vídeo.

Há remédio? Nesse tédio, desvalio.

Fica em casa! Há noitada? Mais valia?

Lava a mão, deite ao chão, há caixão?

Há silêncio. Há coroas. Não há flores.

Sem favores, ventila amores: respira as dores.

Ré-tomada

Os retalhos retumbam, farfalham nos bares.

A vida ressoa, relincha. Regurgita-se aos pares.

Os altares sibilam, em fé, ave! Rogares.

Um café sobressai, placidamente, em urbes e lares.

Despe-te a vida, recorte o passado, grite, abraços.

Olhe pra frente, faça um teste, dance, atabaques.

O retrato da morte, não dista, é mote, sucumbe nos ares.

Voltem meus olhos, se vá meu amor, perdido, sonhos.

Oração

Se meus olhos morressem, amor,

Que o corpo não mate a beleza.

Se não sano perdido na dor,

Que o tempo não seque a represa.

Se me guarde, disseco, rancor,

Não me venha com sua certeza.

Se o meu sono não vinga, Doutor,

Que o porvir não me cause estranheza.

Se as entranhas não sonham, Senhor,

Que não poupem a minha destreza.

Se o pecado me sonda, pavor!

Que o diabo não ponha a mesa.

Se o aperto me causa calor,

Que eu não caia em tremenda avareza.

Se a pane resulta em tremor,
Que eu não tema a tua tristeza.
Se eu te peço solene, favor,
Que me tenha por profundeza.

Meu Xá

O bebê não gosta que eu beba.

Bebe do chá de xamãs e orixás.

Chama, ebule, minh'alma chora.

Charutam seus olhos apaixonantes.

Eu até chio por suas xanas.

(jamais xingo!)

Canta Oxum, Xangô, Nagô, Oxumaré

Maré de saudade.

Diana Krüger

Diana Krüger nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1990. É licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UfPel) , e também concluiu o mestrado em Artes, na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, através da mesma instituição. Sempre cultivou interesse em todas as manifestações artísticas, mas costuma concentrar seus esforços nas áreas de desenho, pintura e escrita. Contato: dkmartins90@gmail.com

Escamas

Do outro lado da rua eu conseguia ver a sereia de cabelos azuis
Equilibrava-se bêbada sobre o meio-fio, amparada por duas amigas
Uma freira de meia arrastão e uma melindrosa coberta por franjas escarlates
Os lábios perolados se abriam, ecoando a risada espalhafatosa, e das mãos
escorriam serpentinas rosadas, se embolando nos demais transeuntes, como rastro
de espuma marinha
Vagas rompidas por braços, pernas e cabeças no cortejo que cheirava a cerveja,
suor, cigarro e urina
Eu, lá no meio, era Daniel na cova dos leões
A Santa, coberta até o pescoço, carregando folhetos sobre a Perdição Iminente
Pés doendo e olhos ardendo, fixos no trio que se afastava
Vermelho, turquesa e negro
As Três Graças
E eu, a Invejosa, luz e sal no Mundo
Opaca, como gesso
Aos poucos elas sumiram no turbilhão barulhento
Quando cheguei ao tal meio-fio, notei, fascinada, algumas escamas perdidas
Esmeraldas faiscantes sob a água turva da sarjeta
Num impulso, me abaixei, ignorando a massa embriagada e saracoteante.
E apanhei, emocionada os resquícios da sereia.

Edileuza Longo

EDIH LONGO é Linguista e Prof. de Português. Faz parte do Grupo Teatral do Clube Paineiras do Morumbi. É poeta, contista, cronista, romancista e dramaturga. Ganhou vários prêmios nestas modalidades. Dedicar-se a escrever, participar de Saraus Poéticos, Concursos Literários, Clubes de Leitura e atuar. Seu maior desafio é jogar a primeira frase na tela em branco; emocionar-se; brincar com as palavras; seguir o cursor e no **FIM**, ler o que criou. A 1ª. ideia é a que fica. Essa é a magia de escrever.

O QUE FAZER NO JANTAR?

Por que me olham como a um santinho num presépio? Que horror, minha cunhada pintou os cabelos de vermelho. Por que não posso me mexer? Ah, só de não ter que me preocupar com o cardápio da noite já é ótimo. Só não queria rever os fatos incessantemente. Mário chegou do serviço e subiu para o escritório, enquanto eu preparava o jantar, ou pensei em começar. Vânia chegou da igreja. Quer ser freira. Que desperdício! Plínio vai dormir na casa da namorada. Não entendo esses hábitos modernos. Que obsceno! O cachorro está latindo demais e D^a. Hermínia está muito quieta. Nem está escutando “A Hora do Brasil”! Vou ver se não precisa de alguma coisa.

–A senhora está bem? D^a. Hermínia! Quem é o senhor?!

Sempre essa mesma cena. Aquele homem tinha atacado a minha vizinha sem o mínimo dó. A casa estava de pernas para o ar. O cachorrinho morto no meio da sala. Agora é como se eu fosse ela. Ele foi entrando e a empurrando. Deu-lhe uma coronhada. Será que estou dormindo? Não. Sinto a bala rasgando a minha carne. Acho que morri. Quem é esta múmia que tanto chora? Não pensei que merecia tanta consideração assim por alguém da vizinhança. Essa não! É a D^a. Hermínia com a cabeça toda enfaixada. Mas, que sacanagem! Eu morri e ela não?

–Era uma alma tão boa.

–Nem tanto.

–Mal-humorada!

–Vivia brigando.

–Trambiqueira!

–Era mesmo, acreditam que até hoje não pagou os R\$ 400,00 reais que me pediu emprestados? Será que cobro da família? Foi tudo na base da confiança. Sem promissória, que aliás, nem sei se ainda existem. E não vou nem cobrar os juros.

Desgraçado, tenho certeza de que paguei os \$400,00 reais para ele. Ou será que não? Deixa para lá. Agora, não é a Inês quem está morta, mas eu. Bem feito!

Sem papel assinado. É um otário mesmo. Como é que atualmente se confia no fio do bigode? Puxa, se eu soubesse que ia morrer tinha comprado aquele vestido que adorei na C&A. Mas, por que entra e sai tanta gente de branco? Será que estou em transe num terreiro?

–A visita acabou, senhores.

–Quais são as expectativas, doutor?

–Será que ela volta?

–Só se for em uma mesa branca, senhora. Ela morreu.

Finalmente, entendi. Estou em uma **U.T.I.** e com tratamento intensivo como em um Tribunal. Recém-mortinha. Ainda bem que não sou política. Sou idônea, nunca propinei, não corrompi e nem fui corrupta. E o Dr. Moro está vivo para provar, se necessário for. Mas, escutemos o populacho, embora esteja preocupada com o jantar do Mário. Será que esqueci alguma panela no fogão? Espero que a casa não pegue fogo. É capaz dos bombeiros nem se preocuparem se souberem que as prestações estão no vai da valsa. Bem, daqui para frente só tenho que descansar. Apesar de que preferia estar carregando pedras e bem cansadinha... Mas, vamos ao sacrifício. Essa que vai subir ao púlpito agora é a vizinha da esquerda.

–Hoje pela manhã me pediu emprestados dois ovos para uma receita. Nunca mais nem eu nem a galinha que os botou poremos os olhos neles de novo. Deus é mais! E que a receba em Seus Divinos Braços!

A da direita emenda:

–Isto é, se ela foi para o céu, né neguinha? E que Ele a ajude para que o seu julgamento não seja no inferno. Que língua essa desajustada tinha!

E a da esquina ratifica, selando para sempre a minha índole sem defesa.

–Não imagina os quilos de açúcares que me deve!

Perceberam as exclamações nos comentários? E olhem que eu e o Mário há anos não comemos nada doce por conta do diabetes. Acreditamos nos

comentários de nossa enfadonha revista televisiva dominical e nunca comemos ovos, às vezes, nem a galinha.

Só vamos ao geriatra se for em caso de morte, que aliás, como viram nem é necessário estar doente nos tempos de hoje. A violência ajuda a morte a festejar mais uma vítima. Bem, como não gosto de sofrer, não vou fazer isso depois de morta, né? Ai, meu Painho do céu, filho de Maria, me valha! Agora, a vizinha da frente e a da esquerda, encarregadas de providenciarem a roupa para o enterro (que droga, minha filha deu a chave.), estão mexendo no meu guarda-roupa. E os julgamentos continuam em alta. Nuremberg foi mais sutil.

Putz, ainda bem que acabei de organizar o armário, só faltava me chamarem de péssima dona de casa. E, olhem, que isso vai longe. Todo velório que se preza, tem que ter um calhamaço de piadas para passar o tempo dos que velam, ou que deveriam velar. Nunca entendi isso, velar o quê se o *de cuius* já era? A gente tem que dar atenção a quem se espera que sobreviva, de uma doença ou de um acidente. Mesmo que seja um caso de catalepsia, não se precisa catalepsiari com piadas, lanches e cafezinho. É só guardar o corpo por vinte e quatro horas como é de praxe. Já que morri mesmo, quero descansar em paz. E, agora, isso é meu de direito: paz no aqui jaz!

Grito alto e forte, mas parece que ninguém me escuta. Vou ficar no solilóquio mesmo. Velório é a coisa mais desnecessária do mundo e ainda dá gasto para os parentes. Caixão de luxo. Flores fedorentas. Amarelinhas, branquinhas, roxinhas. Estou me sentindo aquelas pracinhas do interior com um coreto no meio, onde os jovens fazem o *footing*: homens andando em direção oposta às mocinhas casadouras. Para quê?

Nunca vi nenhum defunto exposto em vitrine, mas lá embaixo negociando com os vermes. Aliás, não quero ser cremada, pois periga ir para o inferno e vou passar a eternidade sentindo calor que não suporto. E esse monte de flores de saudades dos...

Ora, nossos filhos mal olham a nossa cara. Plínio vive na casa da namorada e a Vânia resolveu casar-se logo com o filho de Deus. Desde pequena sempre foi exagerada nas suas pretensões. Quando for para o convento, vai tomar o lugar da Madre Superiora. Dizem que o velório é para honrar quem morreu, pois vão todos à... Não estão nem aí para mim. Eu sou a vítima de um crime hediondo e todos

conversam entre si. Não vi ninguém se persignar fazendo o sinal da cruz. E as bestas-feras, continuam na malhação.

–Bem, numa coisa todos da rua estão de comum acordo: a danada sabia se produzir. As prestações da casa estão atrasadas, mas ela sabia gastar bem o dinheiro da aposentadoria. Cada roupa! Adoro esse pretinho básico dela.

–Não! Só porque está morta não significa que tenha que vestir preto. Que cor os parentes vão usar? Preto é prioridade deles. Isso faz parte até dos deveres da monarquia inglesa, sempre ter um pretinho em mãos quando viajam.

–Adoro também esse azul-clarinho. Dá uma sensação de limpeza, de elegância e paz, que é o que ela precisa, apesar de ser o que é.

Apesar de ser o que é?! Ah, com certeza, para essa folgadinha vou dar uma de *Ghost*, sem a música e as intenções do filme, claro.

–Ah, você não está entendendo. Soube que a Vânia vai doar todo o vestuário da velhota para um brechó. Ela vai ser freira e não quer nada do mundo. Só adorar ao seu esposo Jesus Cristo até que a morte os separe na Terra para os unir no Paraíso.

–Também pensei, cá com meus botões: será que se a gente pedir, ela não nos dará esses vestidinhos? Será que não me dá aquele perfume delicioso que a defuntinha usava? Freira não deve ter essas vaidades. Não custa nada tentar, né?

Defuntinha?! Agora magoou legal! Meu Deus e deuses greco-romanos, apelo logo a todos. Elas estão dividindo as minhas roupas como os soldados fizeram com Cristo. Imaginem se fosse podre de rica o que minha descendência não faria? Ainda bem que só tenho uma casinha miserável e com seis meses atrasados do pagamento da financiadora, que aliás, pensei ser um segredo de estado, mas... Mas, o cartão de crédito está em dia, juro! Eu, hein! Ficar sem cartão de crédito?! Nem no inferno.

Ai, Senhor, em minhas condições atuais, peço mil perdões pela heresia. Desconjuro. Pé de pato mangalô três vezes, juro que vou dar as três batidinhas na porta do caixão sem assustar ninguém, viu? Nada de inferno, isso é tão somente um hábito linguístico e, portanto, desculpável. O que gosto é do inverno com seus trajes elegantes. Uma lamentável troca de consoantes, viu?

–Menina, é verdade. Não tinha pensado nisso, afinal, podemos escolher algo mais simples e barato para ela vestir, né mesmo? Vai ficar cheio de flores, dentro de um caixão e depois encerrado a sete palmos, com cheiro de velas e...

–E com um montão de vermes que a comerão e ao vestido também. É um dinheiro jogado fora. Eu estava com ela quando comprou o pretinho e sei o preço. Vamos levar esse de cor creme: é mais discreto para uma defunta, apesar de tudo.

Apesar de tudo?! Como diz o ditado: rei morto, rei posto. Tem dinheiro? Então, compre a dignidade, a amizade, a lealdade e outros “ades” congêneres. Quantas roupas e adereços não emprestei para essas fuleiras irem aos bailes à cata de maridos? Por mais que as arrumasse ficavam como papéis de presentes reusados, pois são pobres de charme. E de espírito, o que é pior. Decerto, saberei verdades sobre mim que eu mesma desconheço. Que Deus me guarde! E essa última colocação eu fiz ciente de cada palavrinha. Não foi uma frase solta no ar não, viu Deus? Bem, abusei também das exclamações. E querem saber?! Danem-se! Minha vontade era dizer outra coisa, mas sou uma senhora respeitável em viagem para o céu.

Com direito a excesso de baga...Meu Deus! Elas vão delapidar o meu armário e minha filha vai se casar com Jesus, deixando do lado todas as vaidades. Já vejo essas idiotas desfilando pelas ruas com as minhas roupas adoráveis. E tudo descombinado. Se já não estivesse morta, juro que eu me mataria. Chega! Mesmo morta dou a vida pela minha autoestima. Isso já está parecendo um texto grego, mas tenho direito a mais uma exclamação como defesa e juro *again* que é a última vez. Deixem-me posicionar com uma das mãos na testa e a outra em direção aos céus: oh! já plantei, já semeiei e já colhi. Nunca me preocupei com o que pensam de mim. Por que vou fazer isso agora?

Escrever um livro? Nem pensar, no máximo, se soubesse, escreveria um poemeto. Por que vou me preocupar com as prestações atrasadas da casa quando tenho um mausoléu todo à disposição circundado por uma vizinhança mais silenciosa e cordata? Alamedas com azaleias, ipês de várias cores. E na Avenida Dr. Arnaldo, pertinho do burburinho da Paulista e adjacências. Voltei a pensar no do jantar do Mário. Os pensamentos atropelam a razão. Agora penso em como regredimos na vida! Quando bebês, somos carecas, sem pelos no corpo, sem

dentos, o andar chapliniando para lá e para cá e quando jovens, o primeiro trabalho é sempre do quê?

De *office boy, of course*. Ele hoje é um *office old*. Isso agora virou moda em Sampa. Os idosos não perdem tempo em enormes filas nos correios, bancos, lojas, estacionamentos... É isso aí, mesmo aposentado, o Mário precisa trabalhar como todos os velhos brasileiros para nos manter, isto é, fazer um bom supermercado, uma feira farta. Uma coisa aprendi com a experiência que a idade nos dá: velhos viram hortifrutigranjeiros na marra. Precisam de frutas, hortaliças e ovos, apesar de alguns não entenderem quando o último ovo sempre falta.

E come galináceas porque é mais saudável e barato. Ainda bem que morro no florir, mais ou menos, da vida. Assim, o espelho e os vizinhos não verão as minhas rugas mais profundas. Ah, pensaram que ele precisa trabalhar para ter dinheiro para fazermos um cruzeiro pela Europa e/ou Ilhas Gregas? Qual é! Isso é agenda de velhinhos estrangeiros ou aqueles que deram uma passadinha pelo Governo. O dinheiro não é do povo? Então, é meu. E se encham de grana nas cuecas e nos Bancos Suíços.

Isso não é mais da minha conta. Nada faz parte do nosso *show*, né Cazuzza? E que importa o que vou fazer no jantar? Quando não nos preocupamos com mais nada na vida é porque é hora de ouvir anjinhos chatos tocando harpa. Isso se não virarmos churrasquinhos nos espetos em cima das brasas do inferno. *Oh, God forgive me again for this heresy, please!* Uso a frase em inglês, porque se Ele perceber que sou brasileira, *adiós muchacha!* E quero ser plenamente entendida, *verstanden?* Vejam que falei em inglês, espanhol e alemão. Línguas bem consideradas para Ele me entender bem.

O negócio no *status quo* (uma locuçãozinha latina para agradecer melhor) atual é partir para mil orações. Qualquer coisa recorro ao tradutor do *google*...contanto que Ele me entenda e... Isso já não faz mais parte de mim. Como é que vou ficar sem o iPad? Sem cartão de crédito, sem minhas roupas, sem meus eletrodomésticos, sem meus perfumes, sem... Meu Deus! Dio mio! My God! Mon Dieu...Basta! É capaz de Ele não gostar de puxa-sacos e eu me ferro de verdade.

Fui, ou melhor, estou a caminho.

Amém.

Eduardo Martins

Edu Martins nasceu em 14/02/1984. É natural do subúrbio carioca, casado, servidor público, contista, compositor, flamenguista, instrumentista de carnaval e Pedagogo formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Quer saber mais? Vá ao *instagram* @edumartins84.

A sorte escolhe suas vítimas

Era agosto de 1984. As poucas televisões que existiam na localidade estavam sintonizadas nas Olimpíadas de Los Angeles. Uma dessas unidades encontrava-se na birosca de Zé Catimba. A *Telefunken PALcolor*, desejo da década passada, comprada de segunda mão, não definia as cores vermelhas do uniforme daquela cambaleante maratonista.

Sob forte calor, bêbado, mas com a encomenda pedida e algumas horas de atraso. Trôpego, Cesar retornava de Zé Catimba com o pacote de toucinho debaixo do braço. Gabrielle Andersen entra no *Memorial Coliseum* ovacionada de pé. Cesar segue sua sina pisando em falso e sem tino. O estádio olímpico comove-se com a perseverança da atleta. As crianças da rua, embaladas com a situação, apostavam cigarrinhos de chocolate para a derradeira derrocada. Cesar dava de lado como uma pipa empenada. Os paramédicos espreitam Andersen. Faltam metros para a chegada. Em zigue-zague, ambos chegam aos seus destinos. Gabrielle é amparada por uma equipe médica e Cesar pela Marlene Parteira.

- Nasceu! Se você não tivesse ido matar o porco, teria levado ela para a Maternidade como estava no esquema, mas... Segura! É teu!

Zinha, como era chamado pelos íntimos, segura aquele outro pacotinho embrulhado em uma camisa da seleção brasileira. Atabalhado, deixa cair o toucinho para afagar Cesar Junior. Foi a primeira vez que Junior sente o cheiro de álcool que vinha da respiração de seu pai.

Restabelecidos, Cesar e Elizabete entreolham-se. Dentro de Bete havia um rio condensado em lágrimas rompendo-se. Cesar, mesmo ainda atordoado pela bebida, sabia que ali continha paradoxos de sentimentos. Achearam-se, criando o único, depois de anos, momento de unidade familiar.

A vida continuava na sua normalidade. Vivendo um dia de cada vez. Viviam da subsistência e da ajuda dos que compartilhavam o que não tinham. Bete desrespeitava o seu resguardo lavando trouxas de roupa para fora. Zinha, sem emprego fixo, ajudava os que se compadeciam nas obras pela cidade. Nas horas vagas, tentava levantar algum dinheiro no bilhar e dominó. A sorte escolhia suas vítimas. Cesar, às vezes, era acertado; e quando não, fazia dívidas.

Juninho, nas suas primeiras corridas, aprendeu a caminhar e perceber que o mundo a sua volta também passava veloz. Sentia o vento acarinhando sua face. Tinha prazer nisso e quanto mais corria, mais afagado sentia. Corria de tudo. Correu da primeira surra sempre postergada. No prenúncio de confusão, correu para chegar à birosca e ao ver seu pai acorrido, envolto por uma mancha de sangue que crescia no chão, percebeu que não corria tanto assim. Chorou!

No CIEP, estudava e praticava esportes. Para seus professores, Juninho era nota dez nos esportes. Corria. Suava mais, sujava mais, lavava mais, desgastava mais... quando não encolhia. A vida não lhe cabia.

Eram idos de 1992. Olimpíadas de Barcelona.

Um pai salta para dentro da pista de corrida. Os seguranças tentam, sem êxito, interceptá-lo. Segue a caminhada ao encontro do seu filho. Derek Reamond saltitava na tentativa de terminar aquela prova. Seu músculo havia rompido e seu laço com as Olimpíadas também. Porém, choroso e amparado pelo pai, consegue alcançar a linha de chegada. Cesar Junior, órfão de pai, ao ver na televisão o episódio, percebe o quão sua mãe era capaz de protagonizar aquela cena. Aliviou-se.

Pela escola, jogou todos os Jogos Estudantis consagrando-se em primeiro lugar. Cesar Junior corria com as medalhas de honra ao mérito tilintando no peito. Já em casa, sua mãe as examina sem tirá-las do pescoço, com as mãos calejadas e exalando água sanitária. Os olhos de Juninho começam a lacrimejar por causa do

cheiro do cloro. Diante da cena, Dona Bete, de baixa escolaridade e possibilidades reflexivas adquiridas com a vida, fraseou:

- Nunca deixe que os outros diga aonde você pode ir.

Aquela frase começa a fazer sentido, com as vozes silenciosas do véu que tenta encobrir o seu talento. Crescia. Era a sola do tênis que furava, a alimentação que rareava e a vontade de vencer que não escasseava. Todavia, a vida é de oportunidades. Estas são como um bonde que passa sem fazer parada. E o bonde chegou seduzindo com roupas, colares e espelho que refletia a pistola, fuzil, radinho e mochila.

Um tiro de largada! Cesar Junior corria da PM. Em um beco, por misericórdia divina associada ao estresse, os “brancos” momentâneos, lapsos de audição, alteração nos batimentos cardíacos, pressão arterial, respiração, rigor muscular, baixos salários e caráter, Cesar leva um tiro na perna. A sorte escolhia suas vítimas. Cesar foi acertado.

Na ausência da perna, nos braços da mãe, deu ouvidos. Juninho chora, as mãos calejadas exalando água sanitária e o sonho ceifado de proporcionar uma vida melhor a ela. Era setembro de 2004. Jogos Paraolímpicos de Atenas.

Uma reportagem exclusiva do Jornal Nacional, com os medalhistas Paraolímpicos de Atletismo, ressalta a dificuldade dos esportistas até chegarem ao pódio e indica caminhos. Cesar Junior identifica-se e simpatiza-se. Era o bonde da oportunidade passando. A campainha toca. Ao atendê-la, outro bonde propunha uma baldeação. Junior varre a casa com os olhos e declina. Viver à flor da pele era o que ele menos queria nessa primavera.

Evandro Valentim de Melo

Evandro Valentim de Melo é escritor brasiliense, detentor de prêmios nas categorias: microcontos, crônicas, contos e livro. Idealizador e organizador do Concurso Literário Beleza e Simplicidade em Contos e Crônicas (2020 e 2019); co-organizador do Concurso Literário Sustentabilidade do Cerrado Brasileiro (2016). Em 2020, com seu livro *Entre livros e cafés* (Assis, 2019) foi vencedor do I Prêmio Book Brasil, na categoria crônicas. *Alienígenas na cozinha* (Assis, 2020) é seu mais recente livro, este de literatura infantil.

No fim, um torcicolo

Pelo chão, destroços. Nos áureos tempos, aquela agência figurava entre as mais movimentadas. José caminhava com cuidado. A mente viajou no tempo, para antes da privatização, fechamento de milhares de agências e a consequente demissão de carteiros. Pouca coisa sobrou à estatal, que apenas sobrevivia definhava.

Ele amanhecera decidido a entrar na edificação com ar fantasmagórico, seu último local de trabalho antes de “pendurar as chuteiras”. Quer dizer, parou de trabalhar como carteiro, mas a aposentadoria, sozinha, não pagava as contas. José passou a se dedicar ao que, antes, era “bico”, consertar coisas.

O abandono da edificação convidou mendigos a se abrigarem das intempéries da vida. O clima de medo da violência sentido pela vizinhança próxima guiou o movimento dos moradores dos lares decentes a exigir a retirada dos invasores. A polícia os enxotou de lá.

O repentino desejo em José, de se apoderar, mesmo que por alguns instantes daquele local, decorreu do noticiário. A vontade era tanta, que nem se importou em tomar o ônibus e refazer o percurso de sua casa até o local, com mais de 40 quilômetros e pouco mais de uma hora de viagem.

A matéria mostrou o fim definitivo dos Correios no Brasil, estatal que durou mais de 360 anos. Vãos os protestos de alguns manifestantes, ninguém se sensibilizou. Exceto ele.

O velho coração de José, que já andara a lhe pregar sustos recentes o aconselhou: “desligue a TV”. Ele se dirigiu à cozinha, preparou chá de camomila, tomou-o e se recolheu. A reportagem mexera com ele mais do que esperava, apesar

de aposentado há tanto tempo. Antes de dormir, ainda pensou: “a onda de privatizações sepultou mais uma grande estatal”.

Dentro do prédio esquecido, lanterna alternada de uma para outra mão, ambas enrugadas e doídas pela artrite, ele avançava. A cada passo, ‘energias’ inexplicáveis o inebriavam, envolviam-no e faziam-no experienciar emoções de terceiros como se suas. Quantas histórias orbitavam por ali... Resquícios de alegrias, ansiedades, tristezas, medos associados a correspondências e objetos enviados de remetentes a destinatários nesses mais de três séculos, levaram José à exaustão.

Imerso em verdadeiro turbilhão de emoções, às cegas apesar da potente lanterna, tropeçou em algo e foi ao chão. Nada de o acudirem três cavalheiros todos com chapéu na mão. Narinas adentro, a poeira despertou sua alergia e uma sucessão de espirros sem fim o acometeu. “Melhor eu sair daqui. Não tenho mais idade ou saúde para essas coisas” - Concluiu José, a caminhar, cuidadosamente, rumo à porta por onde entrara.

Do lado de fora, o crepúsculo se anunciava. A passos curtos e lentos, José se afastou da agência sem vida. Parou, a fim de olhar mais uma vez. Ao fazê-lo, ganhou um torcicolo novinho em folha, bem diferente de sua longa existência. Passou a monologar em voz baixa:

- Eu, assim como os Correios, não resistirei por muito mais tempo.

José sorriu meio sem graça, ao se recordar da antiga expressão “conversar com meus botões”. Não se adéqua a esses tempos modernos de drones, impressoras 3D, vidas virtuais e outras desumanizações

Sentou-se em um banco, para retirar a poeira que lhe grudara nas vestes. Espirrou de novo e a musculatura do pescoço lhe doeu. “Torcicolo dos infernos!”.

Everton Pereira

Everton Pereira, de Belém/PA, é graduado em publicidade e propaganda, com especialização em produção audiovisual e cinema. Trabalha como fotógrafo, videomaker, designer gráfico, documentarista e ator.

Derreteu-se

Na torre solitária, um homem foi moldado
Da mais pura cera que já se encontrara
Talhado com as mãos mais delicadas
Tratadas com cuidados de um cirurgião
Detalhes foram colocados
Olhos, curvas, boca e mãos
No seu nascimento já saíra em busca de vida
Olhou para o céu e viu um anjo dourado com fogo nas asas
O anjo o olhou enquanto brilhava no ar
Subiu e voltou a planar sobre a Terra
O homem correu, vagou por milhas para encontrar um modo de não se afastar da
criatura com aquele olhar
O anjo, com pena desceu
O homem implorou um abraço
No afago que o anjo concedeu
Uma brasa, como um laço,
Enrolou no braço
quem em minutos derreteu
Se tornou líquido, escorreu pelo chão
e então
viveu

Ira

As veias esquentam

O sangue corre desgovernadamente

Os olhos faíscam

Xangô grita

Um trovão

Zeus responde

Raios, explosões

O punho fecha e envermelha a mão

O pulmão quer alforria do peito afoito

A língua saboreia o gosto amargo

De palavras ruminadas impulsivamente

O estômago queima o esôfago

Trôpego

Bêbado

Cabeça pulsante

Martelos de ferro (bam bam!)

Tic tac

Buuuuuuuum

∴

Mateus viu Carolina

Mateus no meio do caos

Perdido no breu

Bateu lá procurando seu eu.

Gente

Muita gente correndo

Muita gente andando

Muita andando

Muita correndo gente

Correndo muita gente gritando

Orando

Gente e seus dentes

Correndo, comendo

Andando crentes

Nas mentes cheias de gente correndo

Correndo

E gente

Gente

Gente

Gente

Gente

Gente correndo andando

Gritando ah!

E gente

E gente

E gen...

Mateus viu Carolina!

Ca

Ro

Li

Na

Musa da sua infância esquecida

Lembrada, às vezes, na bebida

A menina amiga que...

Corre!

Corre!

Corre Mateus!

Corre!

Correu Carolina e quase morreu

Corre!

É bomba de gás

É amor de mais no coração

Deixado para trás

Na mulher/menina Carolina

A vida curta

A lembrança da pedra azul na amarelinha

O mergulho no igarapé de água cristalina

A cor dos olhos de Carolina.

Mateus a procurou em vão

Os olhos já vermelhos

A escuridão

A solidão na multidão

O fogo queimando na esquina

O cheiro de gasolina

Mas onde está Carolina?

Carolina!

Carolina!

Carolina!

Ina

Ina

In

I

I

I

N

A

A

A

a

a

a

Acabou o caos

A rua voltou ao normal

Mas Mateus não soube bem explicar

Se o que viu foi real ou sobrenatural.

Talvez seja porque Carolina já não existia mais afinal.

Tá todo mundo meio perdido

Todo mundo tá meio perdido
Os planos juvenis, irreais
Já se foram
Os sonhos infantis, surreais
Com o vazio do fracasso,
na mente, já ecoam.

A bússola quebrou
Já nem dá pra ver o norte
A estrela guia não mais brilha
Padece em seu leito de quase morte.

Vivemos em uma ilha, isolados
E suplicando por sorte
Ou destino
Ou Deus
Ou todos ao mesmo tempo.

Não temos mais nem tempo
Mas temos muito tempo para chegar a essa conclusão.

No fim da jornada estamos todos perdidos
Numa canoa no mar
E distantes do chão.

∴

Um escuro no silêncio

Perseguição

Sombras

Um vulto

Que isso?

Alguém aí?

Um estalo

Um calafrio

Olá?

Sussurro

Coração

Respiração

Coração

Respiração

Uma mão

Um passo a mais

Alguém?

Quem?

Escuridão

Solidão

Nada além

Nem ninguém

Sufrimento

Só

Fabiola Ribeiro

Fabiola Ribeiro é mineira de nascença e paulista por escolha. Estudante de Letras e escritora amadora desde os sete anos. Já fez tanta coisa na vida que nem é fácil de acreditar. Suas experiências a ajudaram a perceber aquilo de diferente que o dia pode trazer, o cotidiano. Gosta de ver com outros olhos, como diria sua mãe, e mostrar que há beleza em qualquer lugar, basta “firmar” um pouco mais a vista.

Os Meninos

O shopping trem mudou. Antes, era bala Fini um real, pomada milagrosa, guaraná e Coca-Cola em dia de calor. Agora, os meninos usam máscara para entrar, tiram a máscara para gritar e vendem máscara, porque é o momento.

Com minhas observações diárias, percebo que os negócios estão indo de vento em popa. Um por cinco, dois por dez, se o freguês levar mais de dois ganha mais uma de brinde.

Eu penso de onde vem essa carga, quem está fabricando, o quanto estão ganhando por isso, mas sou interrompida por outro menino que desce a máscara para gritar. O produto é álcool em gel.

Como alguém dá credibilidade para um vendedor, que oferece produtos que nem ele usa? É mais barato, eu sei. Alguém está realmente ganhando algo com isso? Por que parece mesmo que, no fim, o menino vendedor vai pegar o vírus também. Seria essa a nova jogada de marketing?

Eu tenho vírus sim, mas não vou passar pra você, meu senhor, porque minha máscara impede que isso aconteça. Compre comigo que você vai sair no lucro.

Mas isso não importa, a vida dele não importa, o que importa mesmo é não deixar o freguês na mão e vender sempre a última tendência.

O metrô é a feira contemporânea, que trocaram os pés de alface por pós faciais, as comidas orgânicas pelos chocolates de marca desconhecida, mas desde que começou a pandemia deixou o seu público com fome. Eles trocaram os modernos industrializados pelos kits coronavírus. Vez ou outra, surge um menino vendendo pipoca, a carga acaba na hora, o freguês tem fome de porcaria que não mata a fome.

Em geral, o metrô sempre foi uma mimética, em que vários meninos vendem variadas coisas repetidas, mas desta vez o produto está muito específico e é repetição de máscara e álcool em gel, máscara e álcool em gel. Derrubou a máscara? Acabou álcool? Eles estão lá, contaminados ou não, a disposição.

Imagino quando chegar a vacina, qual vai ser o argumento da vez. Vacina lá fora você compra por 200 reais, aqui comigo é só 10. Toma aqui sua vacina e nunca mais vai precisar usar máscara.

Não, esses meninos não vão vender vacina, porque daí eles teriam que ter tomado ela, esses meninos não terão acesso a ela. Talvez o patrão, o freguês, o maquinista, mas os meninos? não. Esses meninos nem gente são, logo eles são substituídos igual as mercadorias.

E quando tudo isso acabar? Como o shopping trem vai ficar? Outros meninos virão e vão voltar a vender as balas Finis, as pomadas, os guaraná e as Coca-Colas, para a satisfação da clientela vacinada.

Felipe Cavalcante

Felipe L. Cavalcante, 23 anos, poeta e escritor de contos de fantasia, horror e LGBTQIA+ nascido em Manaus/AM, além de coordenador e redator do site de cultura pop Co-op Geeks e autor dos contos A Dama no Bosque, publicado pela newsletter Faísca Mafagafo, Lua, Sangue e Mel da antologia Não Morre no Final da Editora Resistência e a antologia Os Ratos e Outras Histórias.

Safo

A cítara ressoa as notas

Os dedos dedilham suas cordas

A música preenche o ar

Suspiros argênteos na noite e na primavera

Ela sorve essa poesia

E cria cânticos que surgem na vivência

Antes de ser vivente era poetisa

E o seu corpo que é uma guardiã de ardências

Transmuta em palavra as paixões

A sua boca se faz fonte de prata

O verbo poesia preenche o ar

Os dedos dedilham a cítara novamente.

Fernando Aquino

Fernando Aquino é servidor público, graduado em Direito e nasceu em Recife, Pernambuco. Aos onze anos teve a sua primeira poesia intitulada "a guerra do Iraque" publicada em um jornal local de sua cidade. Aos doze anos, teve a sua primeira participação em livro literário no livro "Ciranda Literária", publicado pelo colégio que estudou, composto por uma coletânea de poesias dos alunos. Em 2017 lançou o seu primeiro livro de poesias, Passagem da Chuva, que foi publicado em formato ebook em 2019 e foi vencedor de prêmios literários como o Prêmio Ecos da Literatura e Book Brasil.

O reencontro

Vou tentando encontrar meu espaço

Entre trens que partem de hora em hora

Entre as calçadas lotadas de trabalhadores que circulam sem cessar

Entre os operários que trabalham na obra ao lado

Vou tentando encontrar meu espaço

Entre os automóveis que trafegam na avenida

Entre as badaladas do sino da igreja

Entre as moças bonitas que desfilam nas ruas da vida,

ruas estas que não te encontro

Vou tentando encontrar meu espaço

Entre os minutos que se sucedem após o almoço e o início da labuta

Entre o fim de tarde brilhante e o início de noite sem luar

Vou tentando encontrar meu espaço

E vou tentando encontrar meu tempo

Procurando um tempo que seja só meu,

minutos em que eu seja eu,

vivendo com a mesma naturalidade e alegria

como as transmitidas no desabrochar suave de uma rosa.

Mas esses minutos tão encantadores e mágicos já não me pertencem.

Todavia, tento reencontrar meu tempo

Tento reencontrar meu espaço

Tento reencontrar

E os ônibus passam

Os dias claros de sol correm

As noites húmidas de chuva caem

E os momentos de vida se vão

E assim vou tentando encontrar meu espaço

em um tempo que já não é meu

que escorre e derrama pelas minhas mãos

E vou tentando encontrar meu tempo

Em um tempo em que te reencontrar

é algo cada vez mais escasso.

Fernando Brito

Professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Vitória da Conquista. Doutorando em Direito (UFBA). Mestre em Ciências Ambientais (UESB). Membro Titular do Conselho Editorial da Editora do IFBA (EDIFBA).

A triste canção

Um morto não incomoda certa gente.

Dois mortos não incomodam,

não incomodam muito mais.

Três mortos não incomodam certa gente.

Quatro mortos não incomodam,

não incomodam,

não incomodam,

não incomodam muito mais.

200.000 mortos não incomodam certa gente.

200.001 mortos não incomodam,

não incomodam,

não incomodam,

não incomodam,

não incomodam [...] muito mais.

E, dia após dia, outras subjetividades se vão.

E, a cada instante, famílias perdem seus preciosos entes.

E o mundo perde relevante diversidade,

em cada alma ímpar que se esvai seguidamente.

Mas, bom de gogó, a Excelência canta,

enquanto dança, eleitoralmente, sobre cadáveres.

E, se elephantiza as vítimas desse omissivo massacre,

objetifica a natureza, tal qual um elefante branco.

Gedeane Costa

Natural do Recife (PE), professora, artista plástica, pianista e economista. Participei de várias revistas e antologias. Menção honrosa em concursos literários.

LAVADEIRA

No bairro da Ingazeira,
uma moça de sorrisos largos,
sua profissão: lavadeira,
com seu peito estufado!

Acorda o galo,
ajeita o cabelo de lado,
seu vestido rendado,
segue arrumada para casa da patroa...
sim, a moça é gente boa!

Não tem canseira,
desce e sobe ladeira,
na cabeça, a trouxa
e segue feliz,
ao mais próximo chafariz.

Arregaçam-se as mangas,
um pouco de água e sabão...
lava-se as roupas sujas
e segue leve o coração.

Mulher lavadeira,
a quem merece o respeito,

na força, no amor e dedicação,
moça da vila da Ingazeira.

Gilda Portella Rocha

Gilda Portella Rocha - (Barra do Garças/MT, 1969) é artista visual e textual, pós-graduada em História. Vive e trabalha em Cuiabá (MT) É uma das organizadoras do grupo Ciranda de Crioula e da Casa das Pretas Em 2020 participou do Suplemento Acre 019 Edição (MG); Revista Itan pelo Selo Literário ITAN (Cuiabá/MT); Revista D-Arte de Londrina N 12; Revista Ligeiro Guarani 10/12; estará na Revista Calunga em janeiro 2021. Capas de livros 2019: “Homens de Ferro, Mulheres de Pedra” de Bruno Rodrigues, Curitiba: Appris; “Cristão do Terceiro Milênio: um convite ao mergulho interior” de Filipe G de Freitas. Cuiabá, MT.

I

Reabjurar Racismo

Ranço Repugnante

Repudiar Rabaz

Repressor Ridículo

Renunciar Regalias

Rastilho Rancor

Rôtas Razões

Renegar Rebenque

Raciocínio Raso

Rebater Reacionário

Raça Rechaçada

Recusar Retrógrado

Representação Racista

Roucos Reclames

Riscar Rapto

Rapinagem Réproba

Rastros Reprimidos

Ruir Retenção

Recortar Reclusão

Restringir Recriminação

Recriminar Racialização

Recalcitrar "Rabo-de-arraia"

Reflorescer Religar-Orixás

Reverberar "Ruídos Resistência"

Reverenciar Retinto Raro

Resguardar Reminiscência Reescrita
Reapoderar Retumbante Realeza
Rejubilar Reaquilombar Resplandecente
Resistir Ramificações Requentadas
Reafirmar Rotina Realizadora
Realçar Relações Respeitosas
Referendar Reeducar Resignificado
Realegrar Resiliência Rearticulada
Rizoma Raça Retinta

Eus

Mendigo que há em mim
Saúda o pedinte que há em ti
Assaltante contido nos meus Eus
Vibra na tua freqüência ladra
Bêbado errante em mim
Caminha junto ao seu cracudo
Freqüento o prostíbulo
Por que minha carne
Sente o teu cheiro
Meus delírios de loucura
Visitam a tua insanidade leviana
Meus erros e fraqueza
Se ligam ao teu fardo de culpas e medo
Arrogância entremeada de mim
Senta e ceia
Junto aos teus flambados vaidosos
Reconheço a âncora que nos aprisiona
Vejo a roda do leme em outras mãos
Sinto as escotilhas se fechando
A lua ilumina mares de paixões, vícios e ódios
O farol indica caminhos que desconheço
Quilha nos travestirá na roupagem de libélula
Ouço transgredir-me
Transmutada em flor de maracujá

Horta

Cerca buracos remendados

Terra cavada estado esfera

Esterco espalhado

Mágico

Fértil

Paus demarcam as linhas do jogo

Canteiro

Pular as alfaces, couves, mostradas feito amarelinhas

Roliços tocos amontoados general

Afastados duque

Poço na medida regador ou joelho

Cheira alegria da terra e temperos de lembranças

Cores diversas em verdes tamanhos

Nacos na boca mastiga coentro e salsa

Regada depois de regada

Pés de vegetais e humanos

Esta(ca)das reforçadas nos tomateiros

Pontos vermelhos rodopiam no esmalte branco

Árvores de natal florescem em erva-doce

Barquinhos de ervilhas maream jirau

Flandre frio toca as pernas

Mão no chuveirinho

Mudinhas

Transplantadas ao entardecer

Malaguetas espantam lagartas e pulgões

Mal olhado

Garrafa cheia d'água

Cruzes emplumadas











Gisela Peçanha

Gisela Peçanha venceu o Prêmio Rubem Alves da Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto SP, em 2015; Diploma de grande mérito Professora Adelaide Franco - II Concurso Literário Municipal de Barra Mansa, Biblioteca Municipal - 2018, RJ; Menção Honrosa - Prêmio Escriba de Contos 2019; Premiada: Prêmio VIP de Literatura, em 2017 e 2019; Semifinalista: Prêmio Uirapuru de Literatura 2019. Conquistou Prêmios Literários em várias Universidades Federais Brasileiras, a citar: Universidade Metodista de SP; Universidade de Brasília; Universidade Federal do Pampa RS; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo; UNICAMP - Universidade de Campinas SP.

Eu lhe prometi um jardim de rosas

Sob o jornal do dia,
jaz: o velho homem que perdeu a vida,
no hiato de um assalto vil;
mas um mendigo desolado
(*Junto a um cão sujo e magro*),
uniu-se à cena tão triste
e, ajoelhado no asfalto,
depositou junto ao corpo,
uma rosa branca e murcha,
com três pétalas feridas...
mas, ainda assim, uma rosa:
piedosamente tão linda,
prestando homenagem e carinho.

A multidão que rondava
– *Com dó e curiosidade*
assistia à esta hora de cinzas:

os que passavam, olhavam,
os que paravam, rezavam;

mas o mendigo chorava - e agia.
Colhendo mais e mais flores,
de todas as mais vivas cores,
pelos canteiros da esquina...

E, no deserto dos becos
– *Palafitas, vilas, favela*,
diante dos muros grafitados:
brotavam tintas, e a arte reversa...

no sonho da poesia,
no germinar da alegria,

há floradas tatuadas

– Na alma das periferias.

Trans-anima

Eu sou um homem, mas tenho os olhos úmidos;
quando vejo um pássaro azul, enxergo liberdade
se encontro uma foto amarela, me dói saudade.
Sou assim: um homem de barba de ferro, e coração de casca.

O mundo me açoitou e me expulsou da arena
eu não era um cavaleiro nem um samurai, ou um cangaceiro:
preferia poemas, e vinho branco derramando sobre a seda.
Me sentia: um cume final, no escuro do planeta.

E, por ser assim, homem terminal
vaguei pelo meu mundo, olhando para tudo
buscando a mim mesmo, descortinando espelho
sem encontrar quem morava em mim.

Minha alma...

uma ninfa, uma dama, água viva bailando
no oceano bravio,
procurando pérolas em espumas macias
nadando, voando, percorrendo léguas de mar!
Na ribalta iluminada, aonde bebi o meu luar.

Minha couraça não é de sal, é de mármore;
minha casca, hóstia rasgada pelo anzol
e eu, sou um peixe que vaga
ou apenas, uma mulher que se guarda:
água doce em meus sonhos e veias
dentro da moça que me mora dentro
– Vestida com as joias do reino.

Morada na água, canto de amor refinado
solitária, em sua vida de aquário;
e eu, submergindo por ela:
ora transmuto, ora encontrado
partindo correntes, soltando meus mastros!
Sem coturnos, botas ou arreios
sem pernas a caminhar nas areias...

Serei-a?

Gisele Carvallo

Reginatto

É uma fotógrafa e poeta venezuelana que mora no Brasil há 13 anos. Pernambucana de coração, além de fotógrafa, ela é formada em letras, tradução e pós-graduanda em fotografia. Encontrou na fotografia a sua paixão e juntou-a com seu amor pela poesia, assim, escreve poesia com seus cliques cheios de delicadeza e sentimento. Seu lema é que há beleza em tudo, só basta enxergar e fotografar com o coração.

Primeiro verso

Na multidão de galhos secos,

No coração do sertão,

Onde o vento fere,

A saudade rompe,

O grito ecoa,

E a solidão explode,

A terra geme

Por uma gota d'água,

Por uma brisa suave,

Por um afago do céu,

Por um chuvisco de fé,

Mas não há nada:

Só um calor que gela

Um silêncio-grito,

Um sorriso-choro,

Uma tensa calma

Da presença ausente

Do vazio transbordante

Da terra sedenta,

Das árvores murchas,

Do gado morrendo,

Dos pés rachados

Que caminham

Sem destino

Pisando a terra morta,

Na espera infinda

Do que nunca chega.

Segundo verso

Dentro de mim habita uma cidade,
Atravesso seus rios ao entardecer
Num pequeno barquinho marejado
Cujos remos alcançam o horizonte.

Tudo é memória nesse caudaloso rio,
Uma flor que flutua na correnteza,
O voo de andorinha à distância
Lembram-me do meu sabiá que
Voou com as gaivotas
No farfalhar do fim da primavera,
Nas ausências respingadas de silêncio.

A cidade anda tão deserta.
Apenas os passos da saudade
Caminham ao som dos sinos que redobram.
E a brisa, cantando
O eco das lembranças,
Chacoalha as roupas estendidas no varal.

Terceiro verso

Eis que o banco está vazio
Vazio, varrido, resvaladio,
Como uma ilha vizinha do nada,
Vazia, vazada e vencida,
Tempestuosamente vazia.
O banco, de pálpebras úmidas,
Visceralmente vazio,
Encharcado de horas vazias,
Adormece ninado pela vitrola do bar
Que toca a cada vinte e nove minutos.
Tudo é de um branco e doloroso vazio
Que ecoa na praça do vilarejo
Vazio, vazado e vencido,
Um poço sem fundo
Vorazmente vazio,
Como o velho casaco
Que visto noite e dia
No avesso
Como o banco vazio,
Vazio, varrido e resvaladio.

Foto I











Gladiston Coelho

Gládiston de Souza Coelho nasceu em Berilo, pequena cidade do interior de Minas Gerais em 1972. Graduado em Letras pela Universidade Mackenzie, com Especialização em Literatura - PUC-SP e Mestrado em Literatura e Crítica Literária também pela PUC-SP. Estudou Música pelo Conservatório Ars et Scientia do Brasil. Trabalha como Professor nas redes particular e pública estadual e municipal da cidade de São Paulo. Possui contos, poemas e artigos científicos publicados em livros, revistas e anais especializados.

O ipê

O ipê amarelo
austero e majestoso
enfeitado solitário
a avenida central
e em seus galhos
recolhe, como asas,
um ninho de pardal.

O jogo

A bola

A trave

A grama

A rede.

O apito

A trave

A rede

O gol.

O grito

A bola

No meio

Da rua

Anima

O Sol

Que brilha

Na vida

escura

Das gentes

Que esquecem

Que um dia

Já foram

crianças

contentes.

Vejo a cidade

Vejo a rua

Vejo o carro

Vejo poste

Vejo o homem

Sob a chuva

Forte.

Vejo ao longe

O carro que some

A rua que esconde

Na esquina onde

Passa o bonde

Não vejo o poste.

O ônibus passa

Ao lado do poste

E da menina

Que tosse.

O ar poluído

A vida que vai

O vento que vem

Das mãos o trabalho

Que vai e vem

E passa.

Os homens que passam
Sem ter com quem
Sem saber que passam
A vida que passa
Sem saber por quem.

Tudo passa
Tudo volta
E vai... e vem...

A vida
O ônibus
O poste
O homem
A menina
O bonde
A minha retina
Retém.

Guilherme Cavalcante

Tem vinte anos, é bacharelado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e publica poemas em periódicos e antologias poéticas. Além de poesia, também atua como redator sobre temas sociais e cinema, é professor de literatura e ensaísta.

Angústia

Angústia é um canário engaiolado
que ficava na esquina
do seu heitor,
a espreita da minha chegada

todo arrebol ele me encarava
como quem quisesse me contar algo
mas era mudo, gélido
me instigando uma esperança;

vamos, Angústia, canta!

e ficávamos ali
esperando o canto que não escapava
pela grade dos dentes cerrados
os ecos de quem éramos,
reflexão do pássaro
que ainda não sabe dizer o'que é
ou à que vive.

me conta, Angústia, me canta!

e só nos víamos pelos ferros
não havia ângulo que salvasse
nossa forma inteira
perpassados pelas grades,
cada um na sua gaiola.
lembro-me dos afazeres,
do trabalho, da brisa entre suas penas
da faculdade, de migrar...

rápido, Angústia, temos outras coisas a

fazer!

e o passarinho só observava
girava a cabeça, olhava

mas não soltava nada.
decidi arrebentar suas grades,
soltar Angústia ao relento
mas ele escolheu ficar.

então esperei seu canto
como que fosse me libertar
me devolver
me abraçar
mas de angústia morremos de fome
pela boca.

Aos que me comem,

sei que sou um
filete de sangue que não se estanca
e já que me engolem
sou inscrito nas tuas
feridas abertas

[e o que sou?

imagem deformada
defronte ao império falocêntrico
no meio da barra funda
quem se esvai primeiro
minha carne ou
teu concreto?

[sou

experiência do seu sexo
crisálida infértil
fantasia de submissão no teu peito
ofegante estéril.
miragem
promessa de eternidade que
morre.

[onde estou

detrás da sombra do alterno
talvez dentro
sou seu consumidor prazer ferido
humanóide que, no filete de tempo
quando a vida cala
esquece quem é você.

Manifesto do prometeu pós-moderno

corpo amorfo
sentimento elétrico

a antropofagia das máquinas

a melodia do barulho

às mentiras antigas

lista de coisas proibidas de se acreditar:

silêncio

inocência

homem-homem

promessas de manifesto

do que seremos feitos?

frenesi de sintetizadores gritando contra dedilhadas de alaúde

pergunte a leonilson

caio f. abreu

tobias carvalho

aos sodomitas

um brinde às histórias findas

tibira e a terra

adriano e antínoo

você e eu.

Talk show com drummond

mundo mundo vasto mundo

mais vasto é...

soul

Herena Barcelos

Herena Barcelos é de Itinga, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Agente cultural, nutricionista, mestranda em Estudos Rurais, estudante de Letras e escritora. Foi premiada em concursos regionais e nacionais, inclusive no Prêmio Miau de Literatura, da Editora Costelas Felinas. Recentemente selecionada para o projeto WolfPack da comunidade Hardcover, idealizada por André Vianco. Tem um livro autoral de poemas, InVerso & Acorde, e obras nas Coletâneas Novas Contistas da Literatura Brasileira, Fora da Curva, Antologia Poética do Vale do Jequitinhonha e Revista Fluxo. É coordenadora do Movimento dos Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha.

O PERTENCIMENTO DE JÚLIA

Herena Barcelos

“Toda vez que uma mulher se defende, sem nem perceber que isso é possível, sem qualquer pretensão, ela defende todas as mulheres.”

Maya Angelou

Zinani (2014), apoiada em outros autores, aponta para o sério risco de que a produção literária feminina reflita uma submissão à autoridade masculina, o que pode comprometer a legitimidade de sua expressão. Mais otimista, Colasanti (*apud* COELHO,1991) acredita que vivemos uma geração de mulheres fortes, em mutação, diferentes de qualquer mulher de outros tempos. Isso evidentemente exige de nós coragem: deixar um mundo de certezas, ainda que desagradáveis, e buscar a dúvida e a reconstrução dos espaços.

Nesse contexto, na pequena cidade em que vivo, deparo-me com a afeição artística e faço parte do início da produção literária de Júlia Cardoso. Aos 6 anos de idade, manifestando o apreço pelas artes, Júlia foi estimulada pelo movimento renascente dos poetas da cidade a participar do Encontro de Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha, organizado em maio de 2018, declamando um poema de sua autoria, poema esse que figura na Antologia dos Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha (2018), endossando o corpo de poemas de autoria feminina da obra. O primeiro poema de Júlia, Beleza:

As borboletas são tão bonitas...

Gostam de voar e também de pousar,

Fazem o céu colorido e bem bonito.

*Flores são bonitas. Gostam assim.
E as petalazinhas são tão bonitas.
O miolo é cheiroso. Tão bonitas são!
De todas as cores do arco-íris,
Borboletas são lindas.*

Se num primeiro momento a apresentação de Júlia se deu importante enquanto semente plantada para a continuação do movimento literário, os caminhos do pertencimento se comprovam por si só como construtores de uma nova geração de mulheres.

A partir da satisfação e percepção de si mesma como contribuinte para aquele movimento que nascia, Júlia passa a se autodeclarar Escritora do Vale do Jequitinhonha. Sou testemunha do engajamento e participação de Júlia na produção artística da cidade, enquanto expectadora, cantora, declamadora, escritora e até contribuindo com a organização de eventos culturais.

Em situação oportuna, alguns meses depois, pensando na produção da antologia Marias, ao sugerir à Júlia o fazimento de alguns versos com o tema, talvez até subestimando, não em valor, mas em conteúdo o que pudesse ser produzido, fui surpreendida por um poema sensivelmente político, que só alguns dias depois ganhou corpo, quando a pequenina demonstrou atitudes de autodefesa e feminismo, diante de toda uma comunidade escolar, ao questionar a separação entre meninos e meninas durante o intervalo do recreio.

Registro a seguir, com sensível dose de satisfação, o poema Tantas de autoria da jovem escritora Júlia Cardoso:

*Tantas Marias
Querem escolher suas profissões*

Várias

Várias

Nem dá pra escolher direito.

Um dia elas escolhem uma

Outro dia elas escolhem outra

As Marias

Todo dia

Pensam numa coisa...

Mas, no final,

Elas escolhem o melhor.

Se as mulheres oitocentistas expressavam-se por meio de diários conhecidos como cadernos goiabada, nos quais escreviam pensamentos e estado de alma antes de se casarem e serem proibidas dos segredos (Zinani, 2014), nos versos de Júlia é possível notar a existência de um feminismo consciente que dá força toda uma geração de mulheres. A arte se mostra aqui como a possibilidade de expressão e autoafirmação de uma concepção de ser mulher que se renova.

Utilizo das ideias de Virgínia Woolf, ainda em 1932, para contrapor as premissas de liberdade e autodomínio expressadas no poema Tantas. Em seu ensaio, a escritora relata uma geração de mulheres presas, cerceadas no lado de dentro da casa. Uma prisão física que coloca a mulher dentro das paredes para mantê-la fora da produção intelectual e artística (LOUSA; SANTOS, 2016). De fato, alguns anos mais tarde, Rosemberg (1975), em sua pesquisa com livros infanto-juvenis, denunciou uma produção que, além de diferenciar meninas e meninos, estereotipava personagens femininos adultos, sempre representados entre quatro

paredes, em dissonância de personagens masculinos que geralmente vivendo no mundo exterior.

Caminhando sobre as ideias de Almeida e Weisheimer (2018), vejo em Júlia uma produção literária de autoria feminina que – mesmo ainda atrelada às funções sociais que lhe foram impostas e permanecem enraizadas na organização social – ganha corpo na possibilidade de recusa desses.

Walker (2013) discute alguns autores para apresentar a premissa de que a produção literária não deve ser avaliada a parte de sua mutabilidade e diversidade, de maneira que é ilegítima a visão existencialista da literatura como um espaço assentado e imutável. Trago isso no sentido de reforçar o não desmerecimento do primeiro poema de Júlia. Para além da força feminista e de diversidade que surpreende em Tantas, o que mais me encanta no caso Júlia é o conforto com o direito de expressão.

Sem ainda compreender, ou talvez compreendendo mais que toda uma geração que luta para se desvencilhar de concepções machistas arraigadas em nossas construções sociais, Júlia comprova a relação estreita entre a produção literária de mulheres e a voz da mulher da sociedade.

O desafio é levar a possibilidade de fala para além do que ousou chamar de afeição inata. Se existe um equilíbrio de gênero na produção literária de crianças, como mostram as antologias escolares estudadas neste ensaio, é preciso cada vez mais criar espaços para que reverbere a voz da mulher. Ao entrevistar a escritora Edna Regina de Aguiar, fui sacolejada pela afirmação: “*Não temos escritoras, pois não temos escolas que projetam escritoras*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Magali Lippert da S.; WEISSHEIMER, Gabriela. A produção literária das mulheres sul-rio-grandenses. **Travessias Interativas** / São Cristóvão (SE), N. 16 (Vol. 8), p. 453-466, jul-dez/2018. Disponível em: file:///C:/Users/Eu/Downloads/10303-Texto%20do%20artigo-29250-2-10-20190317.pdf. Acesso em: mai/2020

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua e Literatura**, v. 16, n. 19, p. 91-101, 1991.

COLASANTI, Marina. Mulher daqui para frente. RJ, Nórdica, 1981 *apud* COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua e Literatura**, v. 16, n. 19, p. 91-101, 1991.

LOUSA, Pilar Lago e; SANTOS, Maria Clara Dunck. Leia mulheres: Literatura, empoderamento e DIVULGAÇÃO DA AUTORIA FEMININA EM GOIÂNIA. **Em Tese**, Belo Horizonte v. 22 n. 3 set.-dez. 2016. p. 62-77. Disponível em: file:///C:/Users/Eu/Downloads/11417-37899-1-PB.pdf. [Acesso em: mai/2020](#)

POETAS E ESCRITORES DO VALE DO JEQUITINHONHA. Herena (org.). **Antologia dos Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha**. Felisburgo: Arte Eterna, 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia. A Mulher na Literatura infanto-juvenil: revisão e perspectivas. **Fundação Carlos Chagas**. Cadernos de Pesquisa/15 - 138-140 p. jul/1975. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1819/1792>. Acesso em abr/2020.

WALKER, Marli Terezinha. **Ruptura e Continuidade em Três Séculos de Poesia Feminina em Mato Grosso**. Tese [especialização] de Literatura e Práticas Sociais. Instituto de Letras. Universidade de Brasília. Brasília-DF: UNB, 2013. 291fls. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16368/1/2013_MarliTerezinhaWalker.pdf. Acesso em: mai/2020.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Produção literária feminina: um caso de literatura marginal. **Antares** - Vol. 6, Nº 12, jul/dez 2014. Disponível em: file:///C:/Users/Eu/Downloads/3059-10980-1-PB.pdf. Acesso em: mai/2020

Igor Aoki

Igor Aoki é formado em publicidade e propaganda pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie. Tem pós-graduação em design gráfico na faculdade Belas artes. Profissionalmente trabalha na área editorial, atuando como designer de livros. Isto foi responsável por intensificar sua vontade em escrever livros e a partir deste espírito, fez diversos cursos em literatura e em escrita, um deles foi o de literatura infanto juvenil ministrado por Claudio Fragata. E através deste curso conheceu um coletivo chamado jacaré na porta, onde pesquisam e criam literatura infanto-juvenil.



Isabel Furini

Isabel Furini é escritora, poeta e palestrante. Autora de 35 livros, entre eles, “*Os Corvos de Van Gogh*” (poemas). É criadora do Projeto Poetizar o Mundo; membro da AVIPAF (Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia), recebeu Comenda Ordem de Figueiró (RJ); Embaixadora da Palavra pela Fundação Cesar Egidio Serrano (Espanha, 2017); Participou de Antologias poéticas em Portugal, Argentina e Chile; ; Realizou recitais poéticos na 36ª. Semana Literária do SESC & XV Feira do livro da UFPR (2017), e na Biblioteca Pública de Burlingame, Califórnia, USA, em 2018; seus poemas foram premiados em Brasil, Espanha e Portugal.

Horas de neblina

Com um estilete
eu afiei a minha alma
- a garganta e a língua
afiaram-se somatizando as palavras

com um pouco de tristeza
e pimenta malagueta
organizei os versos
e os cuspi sobre as páginas

nas horas de neblina
surgiram triângulos opacos
de diversos tamanhos
e poesias de amores perdidos
que alimentam
as aves de rapina da depressão
(pois depressão não é pieguice
é o vazio interior
flutuando sobre as farpas da solidão).

Mundo louco

tudo pode acontecer entre as sombras...

este mundo é tão louco!

louco

louco

louco

tão louco quanto um traje de dança

enfeitado com cabeças de cobras

ou sapatos fabricados na sexta-feira 13

com as unhas dos prisioneiros

do castelo das sombras

O Arlequim

a repetição dos losangos azuis
das roupas que Picasso
deu a seu Arlequim
produz uma ilusão poderosa
semelhante à hipnose
que provoca um olhar de felino
refletido sobre um cálice de vinho

um olhar felino
felino, felino, felino

a vida é como um cálice de vinho
onde reflete o olhar ingênuo da Colombina
ela no teatro consegue seduzir idosos milionários
enquanto ri cinicamente do pobre Arlequim
- pois as aparências nesta vida
escondem miragens e mentiras.

Isabela Casseattari

Isabela Paula Cassettari é uma escritora de 23 anos que mora na cidade de Serra Negra, interior do estado de São Paulo, filha única com pais coruja, neta de um senhorzinho que deu-lhe o mundo ensinando-a que poderia ser quem quisesse. Aluna de Psicologia, representante de curso da Liga Interdisciplinar da saúde no Envelhecimento(LISE) da USJT-Mooca, diretora de comunicação dentro do Coletivo Feminista da USJT e membro voluntária do Youtube EDU com o canal de Psicologia teórica chamado Arquétipo do Saber. Atualmente é autora do livro Vômito de Bolso que será lançado pela editora Arte Impressa.

Rosa Colombina

Eu acordei às quatro da manhã para pegar a lotação. Da minha casa até a faculdade que eu trabalho são duas conduções, geralmente ando uns vinte minutos até ela. O clima de carnaval muda meu dia, o Robson o cara da ruinha de cima me chamou para irmos no bloquinho da rua depois que eu chegar do trabalho, peguei tudo que podia para me arrumar no banheiro do trabalho para dar tempo de chegar até o local marcado.

Eu geralmente espero essa época para relaxar um pouco, é um dos lazeres que mais gosto de ter porque é de graça também, então tudo se resolve. Dinheiro geralmente não sobra pra nada então aproveito bem.

Peguei uma blusa rosa, maquiagem, salto e tudo mais. Hoje bem que a universidade na qual eu sou terceirizada podia ter nos dado um dia de folga. Como aquele lugar ferve gente, é um entra e sai das salas e o banheiro nunca fica limpo. A Telminha sempre reclama disso, com a voz rouca dela pelos produtos de limpeza que ela tem alergia. Que mulher trabalhadora, amigona ela.

Peguei a condução lotada, pelo preço da passagem tinha que ter até ar condicionado, mas tá louco ir de van, tem cada tarado que passa a mão na bunda da gente, vamô tudo apertado. Fui de pé mesmo, nunca tem lugar para senta. sempre assim, mas ainda bem que tem condução.

Cheguei lá, peguei meu carrinho de limpeza, coloquei a luva de borracha e mandei ver na limpeza. No intervalo o Robson me mandô uma mensagem me chamando de linda, eu até achei que fiquei vermelha e a Telma não ia mais me deixar em paz, ela sabe que estou com rolo com ele e assim a gente vevê trocano recadinho.

Consegui sair um pouco depois do horário, descidi usa o banheiro dos alunos mesmo só pra troca rapidinho.

Entrei naquela cabine espremidinha de tudo, tirei o uniforme de trabalho, passei um perfumão, coloquei minha ropa rosa e fui fazê uma maquiagem bem alegre, quero ficar bonita hoje, só música na rua.

Sai da cabine carregando minha sacola pesada , tava um entra e sai daquele banheiro. Parei no espelho e tirei minha paleta de maquiagem pra começar a maquiagem. Deixei minha bolsa na pia, meu uniforme de trabalho tava bem dobradinho, eu ia guardar antes de saí correndo pra pegar a condução. Uma moça loira bem bonita saiu da cabine do banheiro, e segurou no meu uniforme, me olhando com raiva.

-Você sabe que este banheiro não é para funcionários, não sabe?

-Sei sim senhora, é que o banheiro de funcionários é do outro lado e eu vou correndo pegar a condução....

-Olha eu espero que você saiba seu lugar, porque vou reclamar na coordenação sobre isso, este banheiro é limpo para quem paga e não para empregados ainda mais folgados como você.

-Sim senhora.

Isi de Paula

Jornalista, poeta e tradutora recifense, atualmente estudante de Teoria Literária pela Universidade de Estocolmo.

O Nobel, a Academia e as mulheres

Por trás da maior premiação literária do mundo, a história de uma instituição com a reputação em xeque

Não há dúvidas de que o prêmio Nobel de Literatura seja atualmente o mais importante do mundo na categoria, uma honra definitiva na vida de qualquer escritor. A escolha da poeta americana Louise Glück para a edição de 2020, porém, era não menos importante para a própria Academia Sueca, instituição responsável pela seleção. Anos seguidos de escândalos, que trouxeram à tona os problemas de sexismo e corrupção dentro da Academia, têm abalado a opinião pública sobre a autoridade de seus membros para decidir os rumos da história literária mundial. O que está em jogo é o próprio futuro da instituição, que muitos consideram já falida.

A Academia e as mulheres

Em 2018, explodia o #metoo mundo afora, que trouxe à tona casos de assédio sexual sofridos em ambiente de trabalho. A jornalista Matilda Gustavsson iniciou, para o jornal *Dagens Nyheter*, uma investigação na cena cultural sueca que a levou a diversas denúncias envolvendo o mesmo homem: Jean-Claude Arnault, marido de uma das membras da Academia na época, a poeta Katarina Frostenson. Os testemunhos, que mais tarde seriam compilados no best-seller *Klubben* (O clube), revelavam não só a gravidade dos crimes sexuais cometidos pelo título genérico de “kulturprofilen” — como era chamado na mídia, que equivaleria em português a algo como um “nome da cultura” — mas também o fato de que eram cometidos sob o conhecimento dos membros da Academia, inclusive Frostenson.

Comparado a um “novo Weinstein”, o caso colocou a Academia em uma crise tão profunda que se começou até a falar no possível fim da instituição. Com que autoridade um grupo de pessoas com tantas falhas morais poderia escolher, a cada ano, o escritor que tenha “dado à humanidade maior contribuição”, como requer o testamento deixado por Alfred Nobel? Até porque, como ficou evidente com o escândalo, tais problemas acompanham a Academia desde a sua fundação.

Quando o rei Gustaf III fundou a Academia, em 1786, as mulheres ainda não tinham adquirido direitos políticos e, portanto, não estavam autorizadas a entrar na instituição — mesmo que já houvesse, na época, ainda que poucas, mulheres envolvidas no meio literário. Por isso, costuma-se dizer que a primeira pessoa do sexo feminino na Academia Sueca era uma “membra invisível”, a poeta Anna Maria Lenngren. A primeira mulher a se tornar oficialmente integrante da Academia — não sem antes enfrentar muita resistência do secretário da época — veio somente em 1914: Selma Lagerlöf, que já tinha provado o seu valor alguns anos antes, sendo a primeira mulher a receber o prêmio Nobel de literatura. Depois dela, passariam mais 17 anos antes que uma outra mulher recebesse o grande prêmio, e não menos de 30 anos até que uma nova mulher ocupasse uma das cadeiras da Academia.

Somente um século depois de Lagerlöf (ou seja, recentemente) a Academia teria em Sara Danius a primeira mulher a ocupar o cargo de secretária permanente. Coincidentemente ou não, foi justamente durante o seu mandato que irrompeu o *#metoo* da cena cultural sueca — o que se tornou um embate em si, culminando na renúncia de Danius de seu cargo por pressão da Academia, o que serviu para corroborar as críticas ao sexismo da instituição.

Guerra de poder

Quando o *Dagens Nyheter* publicou as denúncias de 18 mulheres contra Jean-Claude Arnault, a secretária permanente Sara Danius agiu imediatamente. Ainda no mesmo dia, entrou em contato com a firma de advogados da Academia, a Hammarskiöld & Co., para se aconselhar e iniciar uma investigação particular do caso. Antes mesmo de se reunir com o restante do grupo — o que aconteceria em dois dias, na quinta-feira, dia oficial das reuniões da Academia —, como havia sido proposto pelo membro da entidade e amigo pessoal de Arnault, Horace Engdahl, a secretária deu o seu parecer resolutivo ao jornal: “O *kulturprofilen* comprometeu a Academia Sueca com suas atitudes, o que em si basta para que a Academia corte as relações com essa pessoa”, disse.

As “relações” a que Danius se referia mostraram ao público uma outra faceta problemática da instituição: a questão da corrupção e cultura de favorecimento. A parceria entre a Academia e Arnault ia além das esferas social e cultural: por quase 30 anos, a Academia bancou o clube Forum, onde aconteceu grande parte dos crimes sexuais cometidos pelo *kulturprofilen*. Tratava-se de um clube “exclusivo” ao qual só pessoas “seletas” teriam acesso — uma espécie de metáfora do próprio mundo literário, o que Arnault usava contra suas vítimas, como relata uma das testemunhas do livro-reportagem *Klubben*: “Às pessoas que chegam à cena cultural, Arnault se apresenta como um ‘gatekeeper’. Ele já fez escritores jovens serem recusados pelas maiores editoras. Ele está envolvido em quem é aprovado nos editais da Academia Sueca. Ele repete como um mantra que tem o poder de criar e destruir carreiras, e como alguém que ainda não tem influência vai reagir a esse tipo de declarações?”

Não só o clube Forum era usado por Arnault, mas também o apartamento da Academia Sueca em Paris, para onde levou várias de suas vítimas. Apesar de as

investigações terem levado ao julgamento e acusação de Arnault, ele recebeu o apoio incondicional de alguns membros da Academia, principalmente do escritor (e também ex-secretário) Horace Engdahl, que entrou em guerra pessoal contra Sara Danius. Tanto dentro da instituição quanto em público, Engdahl afirma que “não se pode chegar a outra conclusão além de que Sara Danius é, de todos os secretários desde 1786, a que pior realizou sua tarefa”.

A ironia no fato de que o escritor considera a pior secretária da história da Academia justamente a primeira mulher nesse cargo, enquanto tenta proteger a reputação de um homem acusado e condenado por crimes sexuais, resumem bem a imagem que a Academia Sueca começou a tomar na opinião pública. A guerra de poderes entre Danius e Engdahl, que era também uma guerra de sexos, culminou na saída da secretária — e também de vários membros que renunciaram ao cargo, seja em solidariedade a Danius, seja por causa do clima de indecoro que tomou a instituição. Enquanto isso, milhares de pessoas foram às ruas em todo o país na Manifestação da blusa de gola laço (Knytblusmanifestationen), em referência ao estilo de se vestir de Sara Danius, demonstrando apoio à, em breve, ex-secretária.

A cereja no bolo do ano conturbado da Academia viria com a não-realização da premiação pela primeira vez em 75 anos — as únicas vezes em que isso tinha acontecido foi durante os anos de guerra. O prêmio de 2018 foi concedido à polonesa Olga Tokarczuk somente no ano seguinte, junto ao prêmio de 2019, o que trouxe novas polêmicas com a escolha do austríaco Peter Handke, acusado de haver publicamente negado o massacre de Srebrenica. Contando com a escolha também um tanto polêmica de Bob Dylan para o prêmio de 2016, pode-se entender a necessidade da Academia de iniciar uma nova era de escolhas acertadas.

Escândalos recentes à parte, um olhar para a história do prêmio Nobel de literatura revela a sua necessidade de diversidade. Entre os 117 premiados, apenas 16 até hoje são mulheres. E o problema não se resume à questão de gênero: a língua inglesa tem a maioria absoluta em relação a outras línguas — o português, por exemplo, até hoje só tem um premiado, José Saramago. Escritores da Europa e Estados Unidos também dominam as estatísticas em comparação aos de outras partes do mundo. Por isso, a escolha de Louise Glück é, sem dúvida, muito positiva para as mulheres e para a poesia, mas só um primeiro passo em um caminho que vai levar décadas para chegar à igualdade. Levando em consideração a história da Academia Sueca, parece ser a instituição quem precisa desse prêmio muito mais do que a escritora. E ainda há quem acredite que um prêmio como o Nobel seja politicamente neutro... □

Jean Sartief

Jean Sartief nasceu em Natal, RN. É poeta, ilustrador, artista visual e ainda jornalista e mestre em Antropologia. Tem cinco livros publicados e participa em diversas antologias, revistas nacionais e internacionais (Mallarmargens, Gueto, Barbante, InComunidade, DiVersos, Texto Morto Não Mete Medo, entre outras) e premiações regionais e nacionais. Sua primeira publicação em livro data de 1997 - Entre o Sol e a Lua. Em 2001, publica Eclipse. Em 2005, lança sua terceira obra: Na boca das tuas palavras. Em 2010, publica O mar sou eu. Em 2020, lança o livro e-book de poesias, Jardim dos Abismos. É colunista convidado da revista digital Os epigonautas. Ainda em 2021 publicará com a artista Rita Machado o livro EntreRios (Sebrae/RN). Atualmente mora em Portugal.

Nereu

Meu tempo tão distinto.

Somos de outros vales,

mosaicos,

mares,

jardins.

Azul, é o mastro lapidado em casa

à espera da nau.

Jardim de musgos.

Flores à beira da praia.

Jardim de pedras.

Somos distantes.

Jardim de nada.

Diz-me Nereu,

entre suas águas,

qual será o meu destino?

João Paulo Hergesel

Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Mestre em Comunicação e Cultura (Uniso) e licenciado em Letras (Uniso), Pedagogia (Sumaré) e Artes Visuais (ETEP). Membro do grupo de pesquisa Entre(dis)cursos: sujeito e língua(gens). Contato: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br.

Análise estilística: o que é e como realizá-la? - com aplicabilidade na obra de Bruno Molinero

João Paulo Hergesel

“Quem tem medo da estilística?” foi uma pergunta cativante com a qual nos esbarramos ao longo dos anos de pesquisa nesse campo. Esse questionamento é o título de um ensaio de Sonia Zyngier (2014), no qual a autora discorre sobre o paradoxo que existe nos estudos estilísticos: ao mesmo tempo em que há muito receio em definir o que é o estilo e como analisá-lo, existe um fascínio envolvendo a disciplina e os resultados que ela é capaz de propor.

De modo sucinto, podemos dizer que a Estilística surgiu no início do século XX como uma renovação para as discussões aristotélicas sobre retórica e poética, além de funcionar como um complemento para os estudos gramaticais, destacando pontos que a gramática, por si só, não é capaz de identificar. Com o avanço das reflexões no âmbito das ciências da linguagem, diversas vertentes foram emergindo, embora a descritiva e a idealista se destaquem.

É comum que a Estilística seja vista, na contemporaneidade, como uma ferramenta antiquada, um instrumento antigo de se analisar a expressividade, tanto que tem sido pouco mencionada nos cursos de graduação e pós-graduação de Letras e Comunicação. Essa constatação, no entanto, acaba sendo precoce e preconceituosa, haja vista que uma análise estilística bem fundamentada mostra-se eficiente para desvendar alguns enigmas da linguagem.

Como exemplo do que foi dito, podemos apontar que, nos estudos linguísticos, a Estilística auxilia no entendimento dos aspectos afetivos da linguagem, para além dos intelectivos, culturais e sociais. Já nos estudos literários,

a Estilística explora os elementos extratextuais, considerando os contextos de produção e fruição, excluídos por abordagens mais formalistas ou conteudistas.

Observando as publicações do século XXI que trazem a Estilística como suporte teórico-metodológico, vemos que ela não se engessa em ser unicamente linguística, presa aos elementos fonético-semântico-morfossintáticos, nem exclusivamente literária, limitada a marcas autorais, geográficas e de época. A Estilística vem se preocupando cada vez mais com a linguagem como um todo, combinando seu viés descritivo com sua vertente idealista.

Este prolegômeno, se assim podemos chamá-lo, nasce com o objetivo de apresentar a análise estilística como um procedimento metodológico interdisciplinar para observação de processos criativos e inovadores na literatura contemporânea brasileira. Para isso, conceituamos a Estilística a partir de estudos clássicos, propomos um protocolo de análise baseado em estudos estilísticos vigentes e aplicamos a discussão no poema *férias na disney*, de Bruno Molinero (2020).

Era uma vez, uma disciplina chamada Estilística

O termo “Estilística” foi cunhado em junho de 1905, com a publicação do *Précis de Stylistique*, de Charles Bally. Em tal obra, o autor apresenta a seguinte definição para a disciplina:

A estilística estuda os meios de expressão de que uma língua dispõe, os procedimentos gerais por ela usados para se expressar pela fala os fenômenos do mundo exterior, bem como as ideias, sentimentos e em geral todos os movimentos de nossa vida interior. // Ela observa as relações que existem em uma dada língua entre as coisas a serem expressas e sua expressão; procura determinar as leis e tendências que essa língua segue para chegar à expressão do pensamento em todas as suas formas. // Por fim, ela busca um método apropriado para descobrir esses meios de expressão, defini-

los, classificá-los e apresentar o uso adequado (BALLY, 1905, p. 7, tradução nossa).

Professor *privat-docent* da Universidade de Genebra, Bally foi um dos pupilos de Ferdinand de Saussure, linguista francês conhecido por suas dicotomias, e colaborou com a existência da renomada obra *Curso de Linguística Geral*, sendo um de seus organizadores. Por essas questões, houve uma propensão de Bally para discorrer sobre o estilo linguístico, denominando o que veio a se chamar *estilística descritiva*.

Vale lembrar, no entanto, que a Estilística se originou dos estudos da Filosofia, em especial do pensamento de Aristóteles sobre a retórica e a poética, consagrando-se um método transdisciplinar. Como assinala Claudio Cezar Henriques (2017, p. 10): “não se pode negar que sua existência tem uma conexão histórica e semântica com a Poética (enquanto ‘teoria geral das obras literárias’) e a Retórica (enquanto ‘teoria do discurso’)”.

Dois anos após as discussões ganharem espaço nas universidades europeias, foi publicada a primeira obra sobre o assunto no Brasil, *Estylistica*, de 1907, por Pedro Julio Barbuda. Para o autor:

A ordem imposta à evolução do pensamento e ao agrupamento de suas formas representativas é o que se chama estilo. // [...] // Pela escolha feliz das palavras, por sua disposição adequada, pelas ideias acessórias que elas revelam, pela variedade infinita das expressões, que deixam pressentir alguma coisa além, o autor dilata a esfera da visão intelectual; abre ao pensamento horizontes imensos, ao devaneio perspectivas que se encadeiam, vácuos que se perdem no espaço sem limites; confere ao sentimento do belo ritmos cadentes, melodiosos que dão ao fundo do quadro o efeito da harmonia; mas da harmonia que toca, que comove, que abala a imaginação e por secretas afinidades auxilia a concepção, e não a que consiste na sequência monótona de sons cadenciados; da harmonia que corresponde à ordem dos pensamentos e dos sentimentos, que se desenvolve e varia com eles, por modulações

delicadas ou súbitas dissonâncias, às vezes límpida e brilhante, às vezes sombria, lúgubre, flexível a todas as expressões, adaptada a todas as emoções (BARBUDA, 1907, p. 5; 8-9, revisada conforme a ortografia vigente).

Ainda em consolidação na época, as explicações a respeito de Estilística foram exploradas por Bally nos dois volumes do *Traité de stylistique française*, com primeira edição datada de 1909. A definição trazida nessa obra é: “A estilística, portanto, estuda os fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, ou seja, a expressão dos fatos da sensibilidade através da linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade” (BALLY, 1909, p. 16, tradução nossa).

Esculturada na área da Linguística, foi Leo Spitzer quem se responsabilizou por fazer a passagem da Estilística para a área da Literatura, com a publicação de *Lingüística e Historia Literaria* (em espanhol). Nessa obra, o autor registra o seguinte raciocínio:

A estilística, pensava eu, preencherá a lacuna entre a linguística e a história da literatura. Por outro lado, lembrava-me da advertência do adágio escolástico: “*individuum est ineffabile*”, o indivíduo não pode ser definido. Qualquer tentativa de definir um determinado escritor por estilo estaria necessariamente fadado ao fracasso? Argumentava: qualquer desvio estilístico individual da norma atual deve representar um novo curso histórico tomado pelo escritor; tem que revelar uma mudança no espírito da época, uma mudança que o escritor percebeu e quis traduzir em uma forma linguística necessariamente nova (SPITZER, 1968, p. 21, tradução nossa).

Como ensaiado pelo autor, há uma proposta interdisciplinar, não apenas entre a Filosofia e a Linguística, como percebido em Bally, ou entre a Linguística e as Artes, como sugerido por Barbuda, mas entre a Filosofia, a Linguística, a História, a Sociologia, as Artes e a Literatura. Por esse motivo, ainda cremos na Estilística enquanto fundamentação teórico-metodológica para os estudos

contemporâneos de textos artísticos e midiáticos, tendo em vista a linguagem enquanto elemento necessário para sua composição.

Ainda se faz análise estilística em 2021

Da primeira década do século XX à segunda década do século XXI passaram-se mais de 100 anos, mas a análise estilística continuou sendo utilizada como método para compreensão de textos verbais. Nos últimos dez anos, predominaram no Brasil os estudos estilísticos sobre letras de música - como em: Barbosa (2011); Gonçalves, Santos e Pereira (2016); Gomes, Lucena e Pereira (2016); Pereira, Araújo e Pereira (2017); Pereira, Santos, Santos e Grangeiro (2017); Brasão e Costa (2020); Brasão e Sousa (2020); entre outros - e sobre o discurso literário - como em: Conforte (2013); Amorim (2013); Camara (2013); Piccardi (2013); Uchôa (2013); Cardoso e Ignez (2013); Cavalcanti (2013); Araújo (2013); Hergesel (2019); entre outros.

Com a finalidade de estabelecer um percurso metodológico com clareza e coerência, sugere-se o seguinte protocolo para a análise estilística de textos literários: 1) escolha do objeto de pesquisa, considerando sua contribuição artístico-cultural, seu impacto socioeducacional, sua relevância científico-acadêmica, sua relação político-histórica e/ou seu caráter ético-ambiental; 2) leitura direcionada, para que seja possível elencar pontos que demandem maior atenção, tendo em mente os objetivos que se almejam alcançar com a análise; 3) leitura atenciosa, identificando fatores linguísticos que se justifiquem em si mesmos, como escolhas lexicais e figuras de linguagem, ou se vinculem a outras potências comunicativas internas do texto analisado; 4) leitura contextual, buscando alinhavos entre o conteúdo, a forma e as relações interpessoais e intertextuais que se estabelecem, frisando a experiência do autor e demais informações do contexto

de produção; 5) leitura crítica, questionando as cargas sociais, culturais, históricas, políticas, geográficas e/ou outras características dos contextos de produção e fruição que se despontam.

Para este trabalho, a escolha do objeto considerou o destaque de Bruno Molinero no cenário literário contemporâneo. Também autor da coletânea de poemas *Alarido*, publicada em 2015 e vencedora do Prêmio Guavira de Literatura em 2016, Molinero foi estudante da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Brasil), da Escuela Internacional de Cine y Televisión (Cuba) e da Universitat de les Illes Balears (Espanha). Jornalista em atividade, é colunista da Folha de S.Paulo desde 2010. Ganhou o prêmio Jovem Jornalista, do Instituto Vladimir Herzog, em 2011, e foi finalista do prêmio Nascente, da USP, bem como foi indicado ao Prêmio Folha. Em 2012, representou o Brasil no World Event Young Artist, na Inglaterra.

A despeito de tanto mérito, as produções de Bruno Molinero ainda não foram estudadas no ambiente acadêmico, segundo pesquisa realizada no Google Acadêmico em 18 de janeiro de 2021, indicando uma urgência em se investigar a produção literária do autor. Com a publicação do livro *férias na disney*, em novembro de 2020, Molinero consolida sua poética “urbana, cerebral, cruel, direta, antilírica; em resumo, paulistana”, como pontua Manoel Herzog (2020) no texto de orelha. Ainda para o orelhista, a obra se mostra relevante porque “o sarcasmo, a denúncia da falta de humanidade, o horror que permeia os poemas nos levam a refletir sobre o labirinto de Creta em que a sociedade brasileira se encontra”.

Como a coletânea é composta por 30 poemas, distribuídos ao longo de 84 páginas, tornou-se necessário estabelecer um recorte para estudo. Elegemos o poema *férias na disney* (p. 34), por ser justamente o que dá nome ao livro, sugerindo algum impacto editorial ou preferência autoral. Além disso, uma leitura direcionada salientou que, nos seis versos que compõem o poema, parece existir

um combo de polissemias, simbologias e críticas sociais que rendem uma discussão acerca da expressividade.

O poema mostra-se instigante já no título, *férias na disney*, grafado totalmente em caixa baixa. A princípio, podemos constatar que, ao registrar “disney” com letra minúscula, o sentido não se limita à Disneylândia, o parque de diversões e *resort* turístico mundialmente conhecido, mas potencializa no vocábulo seu caráter metonímico (a esfera capitalista) e suas as diversas significações possíveis. Duas delas saltam à mente, considerando o contexto sociopolítico e midiático contemporâneo: uma diz respeito às manifestações populares que resultaram no *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em cujas reclamações estava o valor do dólar e a impossibilidade de a classe média viajar ao exterior, sobretudo ao referido parque; a outra se popularizou com a participação da cantora e compositora Manu Gavassi na vigésima edição do *reality show Big Brother Brasil* (Rede Globo, 2020), tendo em vista que seus concorrentes alegavam que a jovem estava no programa não para competir, mas como se estivesse curtindo um passeio na Disney. O uso de “disney”, minúsculizado, portanto, sugere uma metonímia para o capitalismo e uma antonomásia para a alienação política, o descaso intelectual, a ilusão coletiva, o clamor ao ócio em detrimento às preocupações reais. Seguindo essa lógica, “férias na disney” soa como uma crítica à cegueira cognitiva acerca dos fatos que assolam a sociedade brasileira.

Os versos iniciais - “odiei o mickey / papai” - trazem a ideia de um diálogo. Não é possível perceber se o eu lírico é feminino ou masculino, propondo até mesmo uma possibilidade de o desabafo valer tanto para um gênero quanto para o outro (ou para nenhum deles). A apóstrofe “papai” sugere que se trata de uma criança, justificando, inclusive, o modo direto como é feita a constatação, “odiei o mickey”, sem adjetivações ou eufemismos. A minúsculização de “mickey”, assim como no caso de “disney”, leva a crer que não se trata do personagem famoso dos

desenhos animados, mas de uma metáfora. Vejamos: se o Mickey, a marca, é o emblema da Disney, a empresa, então “mickey”, o termo metafórico, é a personificação do que existe na “disney”, isto é, no louvor à ignorância, na ode à desinformação. Ao mesmo tempo, “mickey”, tal como “disney”, tem um forte apelo à cultura infantil, um dos motivos que ajudam a construir o eu lírico criança.

Continuando o poema, os versos da segunda estrofe começam a justificar o motivo pelo desgosto do eu lírico: “as orelhas são / muito grandes”. O fato de “orelhas” ser colocado como núcleo do sujeito chama a atenção para sua possibilidade interpretativa: se o “mickey” é a personificação da cegueira cognitiva, as “orelhas” podem ser uma sinédoque para um dos elementos para os quais se faz vista grossa. Mas as “orelhas” podem ser também uma alusão às orelhas do burro, animal que se destaca por essa parte do corpo e cuja figura é popularmente condicionada à falta de conhecimento. É importante notar, contudo, que “muito grandes” encontra-se em verso único, ressaltando sua carga semântica para o poema. Sua função estilística é a de hiperbolizar as “orelhas”, ou seja, exagerar o nível do obscurantismo na sociedade - cujas atitudes têm seguido a linha do nazifascismo. Mas o “mickey” e as “orelhas” “muito grandes”, cumprindo seu caráter ambíguo e polissêmico, ganham uma nova conotação nos versos seguintes.

A terceira e última estrofe impacta com o seguinte fechamento: “dói quando passa / a cabecinha”. Há, nesse momento, uma desconstrução da ideia de uma queixa geral sobre os posicionamentos e ações antidemocráticas e desprovidas de humanidade, mas o reforço a uma barbárie específica e para a qual muita gente insiste em fechar os olhos: a pedofilia. Quando o poema destaca “a cabecinha” no verso de conclusão, não se faz uma mera referência à cabeça enquanto parte do corpo, aqui colocada no diminutivo, mas no apelo sexual contido na palavra. Na linguagem popular do paulistano, “cabecinha” vem a ser um sinônimo para a glândula, a “cabeça” peniana. Se o eu lírico, que se configura como criança devido

aos recursos linguísticos utilizados, assume que sente dor quando a “cabecinha” passa, há uma construção imagética do pênis em tamanho avantajando (“muito grande”) de uma pessoa que deveria ser querida (“mickey”) penetrando alguma parte de seu corpo pré-púbere.

Na íntegra, o poema parece se utilizar dos mecanismos da Estilística para fazer uma crítica a diversos fatores presentes na sociedade brasileira contemporânea e com os quais o autor precisa lidar diariamente, sobretudo se considerados sua profissão como jornalista e seu envolvimento com as artes e a cultura, segmentos renegados pelos governantes. Em primeiro nível, percebe-se uma crítica metonímica ao capitalismo e aos “vendedores de ilusões”, que se utilizam da publicidade para venderem inutilidades e produtos que nem sempre cumprem com o prometido. Em segundo nível, há uma reconstrução metafórica do movimento chamado bolsonarismo, formado por cidadãos empáticos ao presidente Jair Bolsonaro e que promovem ou aplaudem falas e decisões atreladas à extrema direita. Em terceiro nível, cria-se a alegoria do grito desesperado de uma criança molestada por um ente no qual tinha confiança e que não é amparada diante dessa violência.

Considerações finais

Se, na Antiguidade, Aristóteles acreditava que era possível fomentar a retórica jurídica e a poética literária com elementos passíveis de endossar uma ideia, persuadir o interlocutor, enaltecer o trabalho criativo ou ampliar os níveis de significância de um discurso, verificamos que essa tese se mantém na contemporaneidade, sendo adaptada para os textos vigentes. Resgatadas e ressignificadas por Charles Bally no século XX, a Retórica e a Poética deram origem

à Estilística, disciplina que nasceu com a proposta de estudar os aspectos afetivos da linguagem.

Mesmo após cem anos dessa contribuição - e de mais de dois mil anos das ideias primordiais -, a Estilística vem se mostrando eficaz para compreender a linguagem tanto no nível estrutural e conteudista quanto nas esferas extratextuais. Concentrando-nos aqui na expressividade literária, com enfoque na vertente poética de Bruno Molinero, a partir de um poema publicado no final de 2020, foi possível constatar que a Estilística continua capaz de auxiliar no entendimento das camadas que se encontram além do sentido denotativo, isto é, a análise estilística ainda nos parece uma metodologia válida e preciosa para compreensão de textos artístico-midiáticos contemporâneos.

Referências

- AMORIM, Marcelo da Silva. Estilo, autobiografia e autodidatismo: Graciliano Ramos e os sentidos de infância. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 189-207, 2013.
- ARAÚJO, Nabil. Estilística literária: Leo Spitzer e a transmutação hermenêutica da leitura filológica. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 90-103, 2013.
- BALLY, Charles. **Précis de stylistique**: esquisse d'une methode fondée sur l'étude du français moderne. Genebra (Suíça): A. Eggimann & Cie., 1905.
- BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. Paris (França): C. Klincksieck, 1909.
- BARBOSA, Juliana dos Santos. Estilística: aspectos históricos e análise da música *Sambista perfeito*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 15., 2011. **Anais [...]**. Rio de Janeiro (RJ): Círculo Filológico de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2011, tomo 1. p. 549-560.
- BARBUDA, Pedro Julio. **Estylistica**. Salvador (BA): Oficinas dos Dois Mundos, 1907.
- BRASÃO, Heber Junio Pereira; COSTA, Sandra Diniz. Análise estilística do poema *Trem Bala*, de Ana Vilela. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo (MG), v. 19, n. 39, p. 161-167, 2020.
- BRASÃO, Heber Junio Pereira; SOUSA, Cristina Soares de. *Um trem para as estrelas* de Cazuzza e Gilberto Gil: uma análise estilística. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo (MG), v. 19, n. 38, p. 178-188, 2020.

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. Hipocorísticos, apelidos e crítica social: linguagem e estilo em Machado de Assis. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 208-220, 2013.

CARDOSO, Elis de Almeida; IGNEZ, Alessandra Ferreira. A estilística e o discurso literário contemporâneo. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 36-53, 2013.

CAVALCANTI, Camilo. Da crítica estilística à estilometria literária. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 90-103, 2013.

CONFORTE, André. Othon Moacyr Garcia e a análise estilística no Brasil. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 125-154, 2013.

GOMES, Débora Thaís Bacurau; LUCENA, Leidiany Vieira de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa Pereira. Um retrato da expressividade linguística na canção *O Cheiro da Carolina* de Luiz Gonzaga. **Miguilim**, Crato (CE), v. 5, n. 3, 2016.

GONÇALVES, Aline Vieira; SANTOS, Renata Rodrigues dos; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. Marcas estilísticas na canção *Águas de março*, de Tom Jobim. **EntreLetras**, Araguaína (TO), v. 7, n. 1, p. 170-184, 2016.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Semântica e estilística**. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2017.

HERGESEL, João Paulo. A literatura infantil no galinheiro: nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen. **Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil**, Santiago de Compostela (Espanha), n. 6, p. 99-115, 2019.

HERZOG, Manoel. A poesia de Bruno Molinero [...] (texto de orelha). In: MOLINERO, Bruno. **Férias na Disney**. São Paulo (SP): Patuá, 2020.

MOLINERO, Bruno. férias na disney. In: MOLINERO, Bruno. **férias na disney**. São Paulo (SP): Patuá, 2020. p. 34.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ARAÚJO, Aluiza Alves de; PEREIRA, Leydiane de Sousa. Análise estilística da canção *A Volta da Asa Branca*. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 7, n. 14, p. 64-81, 2017.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; SANTOS, Jaqueline Rocha dos; SANTOS, Ana Caroline Gomes dos; GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. A expressividade linguística na letra da canção *Flor da idade*, de Chico Buarque. **Verbum**, São Paulo (SP), v. 6, n. 4, p. 55-69, 2017.

PICCARDI, Tatiana. Estilo e autoria em relatos de dor. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 221-238, 2013.

SPITZER, Leo. [1948]. **Linguística e historia literaria**. 2. ed. Madri (Espanha): Gredos, 1968.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. Estudos estilísticos no Brasil. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 12-35, 2013.

ZYNGIER, Sonia. Quem tem medo da estilística?. *In*: OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (org.). **Semântica e estilística**: dimensões atuais do significado e do estilo. Homenagem a Nilce Sant'Anna Martins. Campinas (SP): Pontes, 2014. p. 463-473.

Jorge abreu

Jorge Abreu, poeta maranhense, é autor de *danações* (Editora Benfazeja/Selo Trevo, outubro de 2018, São Paulo, SP). Nascido em São Luís, tem 58 anos, e mora em Barra do Corda, no interior do Maranhão.

À beira do rio

Que venha o fim da tarde
Com todas as suas nuances
E as performances das cores
Que suavizam o mais atento
De todos os corações

Que renasçam as jandaias
Aniquiladas pela sede de poder
O pote de barro na cozinha
Janelas abertas pro absurdo
De uma vida que é febre e alento

Um rio e suas virtudes
As águas e suas armadilhas
Minhas mãos precisas
Palavras que saltam aos olhos

Os peixes e suas fantasias
As vantagens de ser anônimo
A busca sensata do esconderijo
O gato de olhos fechados
Na areia a se espreguiçar

Deixa vir a noite e os sonhos
Muito além da escuridão
Hei de ver as estrelas
O enredo das constelações
As árvores prontas pro descanso

Que caiam as flores de sapucaia
Sobre o meu corpo de homem feito
De papel vegetal e tecnologia
Pra que eu te espere sem medo
Pra que eu te conte sem sigilo
O mais sutil dos meus desejos

Josafá de Orós

Nascido na cidade de Orós - CE, o poeta, sociólogo e artista plástico Josafá de Orós tem publicado contos, poesias, crônicas em coletâneas em todo Brasil. Suas ações no campo da literatura de cordel e da xilogravura se destacam e evidenciam o nome da região. Com o poema intitulado Pensar a pedra, o autor obteve o primeiro lugar no concurso Cactos de Poesia, realizado durante a primeira Feira Literária de Boqueirão no ano de 2010. Com A palavra, lavra obteve o troféu Barriguda no 51º Festival de Música e Poesia de Paranaíba - PR em 2016. Com o poema A outra carta a Ilse Blumenthal-Weiss obteve o segundo lugar no Concurso Nacional Novos Poetas 2016 com 2.703 inscritos. Com o poema Breve corografia do escuro obteve o 2º lugar no Concurso Roberto Tonellotti de poesia, 2016, 1º colocado no Concurso de Poesia do SESC/Piedade/2017 - Recife - PE, 1º colocado no 1º Concurso de Contos da Feira Literária de Boqueirão/2017. Recebeu o título de Embaixador da Palavra, conferida pelo Museo de La Palabra e pela Fundación Cesar Egido Serrano de Madrid - Espanha/2017 Tem sido selecionado em vários certames literários e assim tendo participado de antologias por todo Brasil.

Ariano Suassuna

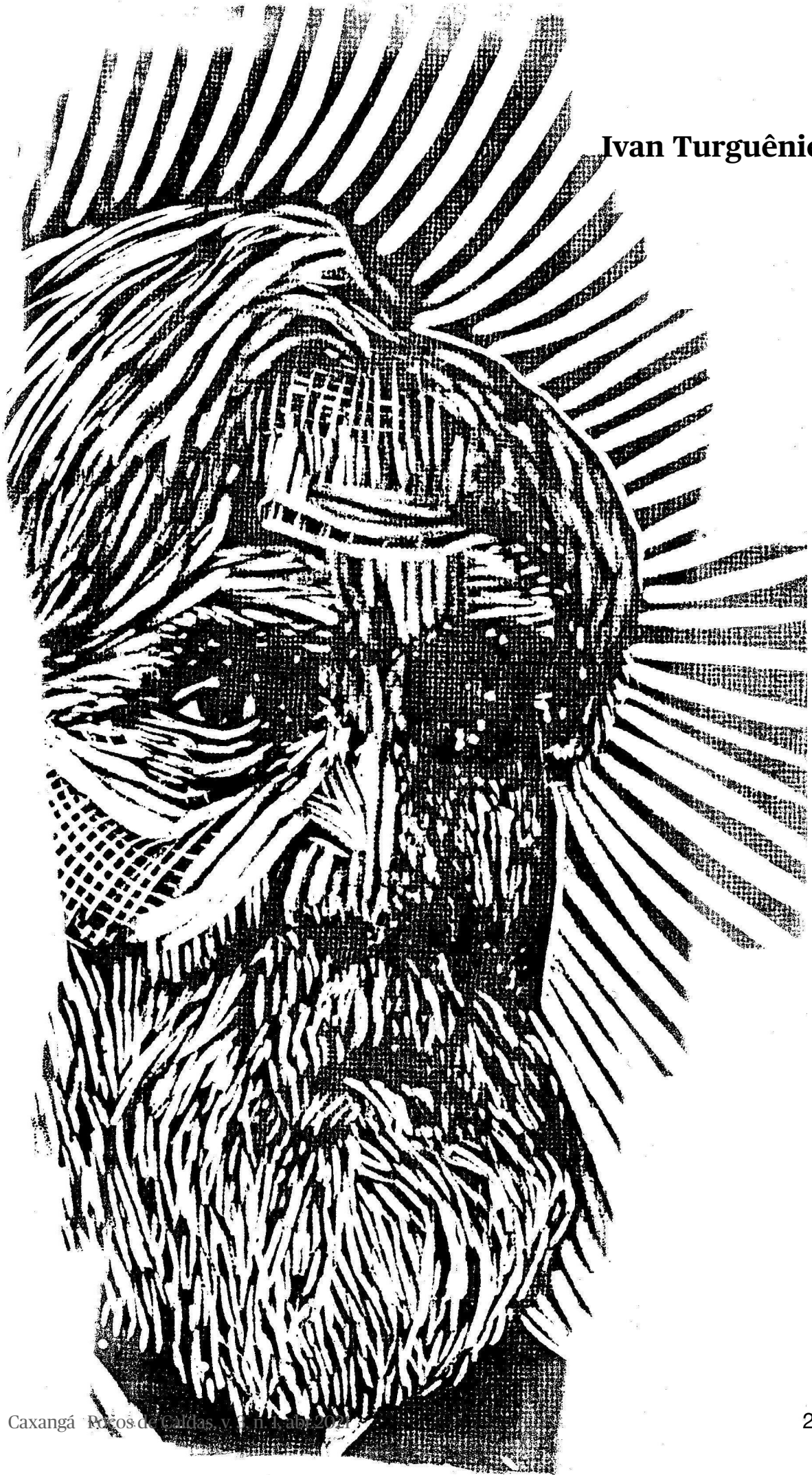


Xito / Ariano Suassuna 4 / 17 2017



Xilo Borges: Cego e Visionário
/ - Vi & Vis 2015

Ivan Turguêniev



Marcel Proust



Xilho Marcel Proust 5 1/2 2015

Nietzsche



Xato Nietzsche 1844-1900 2013

Olhar de Baudelaire

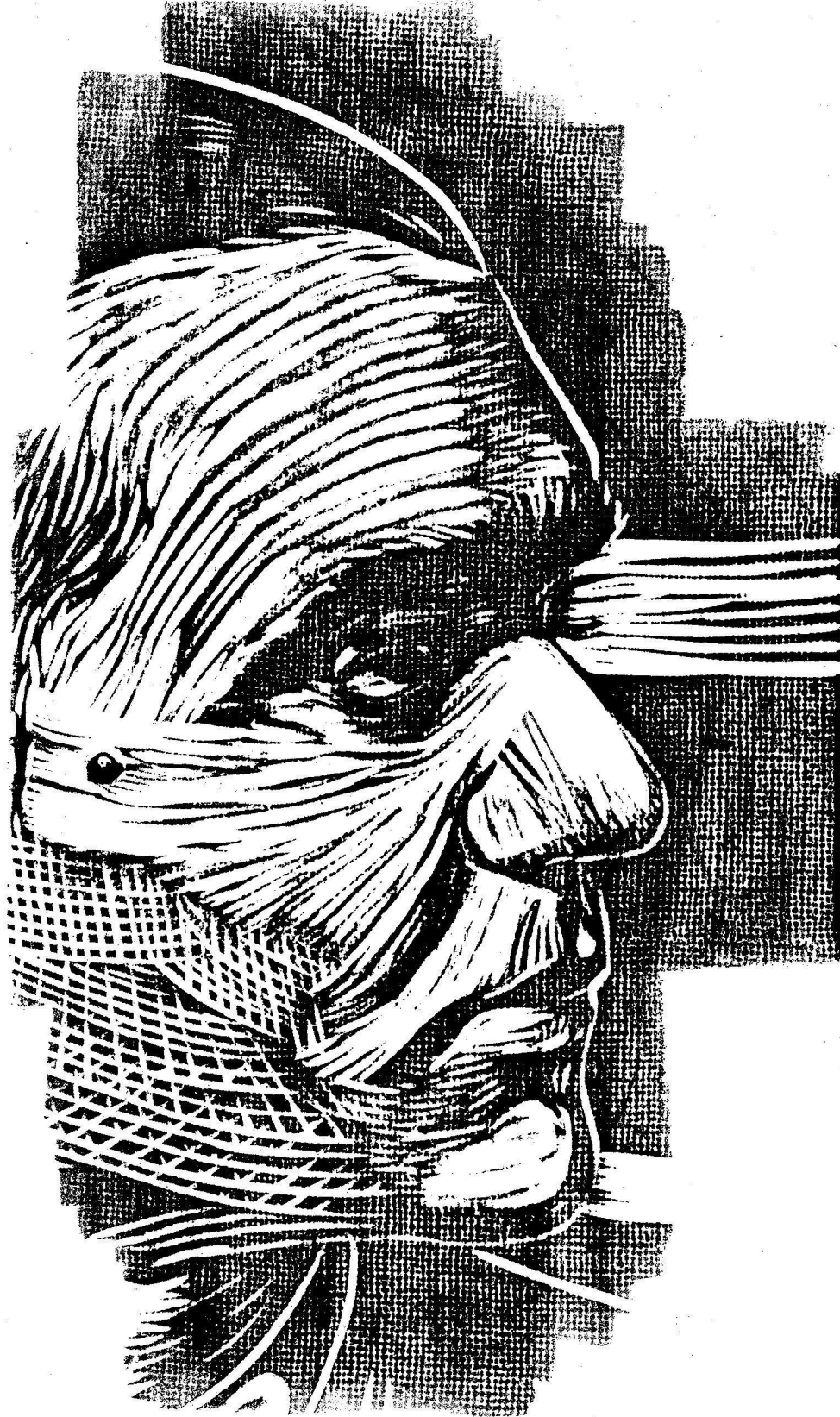


Xicó

O Olhar de Baudelaire

1-7 de Outubro
2018

Olho de Garcia Lorca



Xilo Olho de Garcia Lorca

*J. V. de Ovis
2015 259*

12 lições para homens em condições de voo

Dedico este poema ao poeta

Herberto Helder

Pôr silvo, gorjeios e cantos nos pés da aventura para que o impulso do voo não
deixe rastro

Não emparelhar mais do que duas aves no pentagrama do fio

Amasiar mornas garganta e voz para tempo claro e dias longos

Localizar arremedos de estranhos na palma da mão com o céu ainda escuro

No silêncio da madrugada, deter em seu mapa as estrelas suicidas de prontidão

Torcer o primeiro pensamento, antes da palavra, e, dele extrair imitações de nadas
ou verossimilhanças

Ensaíar rampas nos passos e embeber os pés de vazios e nuvens

Cultivar a morte, como um jardineiro zela e rega a flor, para que o signo da morte
se feche num livro sem nome

Armar os sentidos de poesia e a poesia de incalculável desrazão

Sedimentar o precipício com outros vazios e que esta risível fundação nos salvem
de qualquer absurdo

Insuflar a cisão manca da asa com nadas extraordinários para que o voo seja
oceano e penetre a linha tênue do horizonte

Nutrir pensamentos com plumas e paina para que estas madruguem e sejam
ninhos dentro dos cantos dos pássaros.

A máscara

Pôs o sobretudo pesado
sobre o criado mudo.

.

A máscara, como sempre,
deixou cair
sobre o pequeno tapete ao lado da cama.

.

Sentou-se a beira da cama.
Estalou os dedos das mãos,
deitou e dormiu.

.

No outro dia,
acordou cedo,
foi ao banheiro,
tomou a escova no estojo,
pôs o creme
mas não conseguiu
escovar os dentes...

.

Não havia boca.
Não havia nariz.
Não havia olhos.

O homem estava sem rosto!

.

Ai tomado de surpresa e absurdo kafkiano

trêmulo, o homem bateu o espelho.

Sentiu as mãos adormecidas.

Como se elas não fossem as mãos dele.

No espelho um fio de mistério!

No chão sentiu algo frio tocar o seu dedão...

Na planta do pé gelado e formigando

havia um mapa e umas letras

anagramas do seu próprio glossário.

.

Ignorou o espelho

agachou-se e apanhou a máscara sobre o piso frio

e saiu cambaleando

Um sujeito tonto

Tateando o mundo roto.

Dentro do vestido azul

Dentro do vestido azul

Havia um grito

As espadas com nomes gravados

Cadeias completas de cartas

Mandalas com horóscopos antigos

Jornais velhos

Manchas de sangue num papel

As notas de Rubem Fonseca.

Dentro do vestido azul

Tinha o livro dos mortos

A cerveja dos monges

O gozo de Bernini

O martelo e o joelho quebrados, refletidos nos olhos de Michelângelo

O horror do Juízo Final

A Ressureição da Carne

A danação da alma.

Dentro do vestido azul

No estilismo mais fino

Com a abstração maior

A danação da alma.

José Carlos Vaz

José Carlos Vaz é filho de imigrantes do norte de Portugal e vive em São Paulo. É professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e atualmente trabalha em um livro sobre a obra do escritor Breno Caldeira.

AS PRIMEIRAS NOITES DE UMA MULHER

Naquele tempo, as mulheres eram para aceitar. As coisas eram feitas de forma diferente, mas já vinham sendo as mesmas: compras na feira, novelas, preparar as refeições, manter a casa limpa e arrumada, preocupar-se com o futuro, levar filhos à escola. Pediam-se mais conselhos à mãe, mas era, realmente, outro tempo, em que os conselhos faziam parte de viver.

E todas as mães davam os mesmos conselhos, muitos deles repetidos em livros e retirados das palavras sábias de algum doutor, mas a maioria nascida das mulheres precedentes, relatando às outras seus expedientes para sobreviver à miséria, e quando não fora a miséria o problema, aos homens e suas misérias.

Assim, tão bem aconselhadas, as filhas podiam aprender os limites do aceitar, e se lhes tornava possível exercê-lo à perfeição. Toda mãe ensinava à filha a importância de ser paciente. Se a mãe não o fazia bem, o marido em poucos dias o conseguia. Bastava contar uma semana para a primeira aula.

Casando-se em um sábado, dia primeiro de maio, por exemplo, no dia oito, o sábado seguinte, a lua-de-mel de quatro dias em Poços de Caldas já estava muito longe. Três almoços, três cafés da manhã e dois jantares já preparados na casa nova, as respectivas louças lavadas. A casa já varrida três vezes, a feira feita uma, no próprio sábado, uma cesta de roupa já lavada e passada ganhava seu lugar no guarda-roupa cheirando a madeira nova. Nos dois dias anteriores, o marido voltava direto para casa, após deixar o trabalho, para encontrar a mulher feliz e talvez lhe fazer um filho, era ele que o fazia, ela que o carregasse.

Mas agora já era sábado. Então, o marido fechava a barbearia após a saída do último freguês, tomava o ônibus mas descia antes, no meio do caminho. Parava na Padaria Globo, comia um sanduíche e tomava a primeira cerveja da noite. Depois, os amigos iam chegando, as garrafas se acumulavam, até que todos resolviam ir à Escuderia Scorpions, como sempre.

Lá, o marido encontrava mais alguns amigos. Naquela primeira noite de sábado, o grande assunto só poderia ser seu casamento, algumas das garotas pensando que era brincadeira, imaginem se estivesse casado, mesmo, iria estar aqui sozinho, logo hoje. Não faltariam as que, sabendo ou não da verdade, dançariam com ele a noite toda, até que uma acabasse por dominar sua atenção.

Depois, o marido se via às quatro da manhã, amarrotado e zonzo, na porta da casa dos pais, onde morara até uma semana atrás. A chave ainda estava em seu chaveiro. Um instante antes de enfiá-la na fechadura lembrava ih! Eu não moro mais aqui!

Precisar voltar caminhando pela madrugada até sua nova casa, em São João Clímaco, fazia a demora maior. Portanto, mais produtiva a lição que a mulher recebia depois de haver ficado, enquanto isso, à sua espera. Todas as possibilidades tendo visitado o seu pensamento, a cabeça crua demais. Pior que a angústia, era não saber o que acontecia (aquele era uma época em que não havia telefones portáteis, e muito poucos tinham telefone em casa). Alternava temores e desesperos, durante essa primeira noite. Quando aprendesse a lição, esses companheiros noturnos abrandar-se-iam para transformar-se, a partir de então, em uma sensação mais silenciosa. Mas naquele primeiro aprendizado, ainda sentia temor e desespero suficientes para correr a abraçar o marido, aliviada, ao vê-lo chegar. O alívio durava apenas o tempo de perceber o verdadeiro estado em que ele

vinha, além de tudo com hálito insuportável. Ela perguntava o que acontecera, mas o marido, sonolento e cansado, não conseguia prestar atenção às frases inúteis que ouvia. Em menos de cinco minutos, já estava dormindo, sem trocar de roupa. Para ela, sobrava sentar-se em uma cadeira da cozinha e chorar sobre a toalha que cobria o tampo de fórmica branca da mesa, sem retirar o prato e os talheres intocados, as panelas com comida fria. O guardanapo de pano ao menos servia como lenço.

A lição continuava, na manhã seguinte. Ao tentar novamente perguntar o que se passara na noite anterior (o mais próximo de uma reclamação que lhe haviam ensinado a produzir), ela ouvia uma frase seca, seguida por alguma interjeição mais grosseira, da moda daquele tempo. Cheio de sono, o marido preferia dedicar-se ao pão com manteiga. E, mal terminado o café da manhã, saía para aproveitar o domingo e jogar futebol no campo da Portuguesinha do Heliópolis. Ela perguntava a que horas ele iria chegar para almoçar. Recebia uma resposta educativa, mas pouco precisa, de quem não se preocupava com isso.

Terminado o jogo, o bar se enchia e nenhum homem ali tinha pressa, nem aquele marido recém-casado se adiantava para dar continuidade à lição que oferecia à mulher. Em consequência, chegava apenas às cinco da tarde para o exercício do magistério.

A dor no pé que trazia do jogo era a coisa mais importante. Dizia à mulher que esquentasse água com sal para cuidar do machucado. Ela tentava alguma forma de reagir, nessa lição vespertina, mas era inútil: agora que seu marido havia chegado de volta à casa, o pé doía muito. Só mais tarde, jantando o almoço, ela perguntava a que horas ele iria chegar no dia seguinte, em tom provocativo como não deveria nunca. Recebia um olhar furioso e ouvia o marido responder com impiedade

pedagógica vou chegar à hora que eu quiser, isso é problema meu. Depois, à noite, ainda lhe restava alguma esperança no cheiro de tecido novo do jogo de lençóis, mas esses aromas duram pouco.

Era também um tempo em que as barbearias não abriam às segundas-feiras pela manhã. Ela, ao pôr o café na mesa, perguntava o que ele iria fazer. Vou à cidade fazer compras, quando você acha que compro as coisas para a barbearia, era a resposta sem delicadeza, mas repleta de ensinamento. O marido saía assim que terminava de comer, e ela passava a lavar a louça, sem falta do que pensar.

Das compras, ele ia direto para a barbearia. Almoçava na rua, nem lhe ocorria que havia refeição à sua espera em casa, mesmo sendo aquele um tempo em que as mulheres faziam o almoço. E, após fechar a barbearia, não era por ser a primeira segunda-feira de vida de casado que voltaria direto para casa. Tomava o ônibus para ir novamente ao centro da cidade, flunar por alguns dos seus bares preferidos, até chegar às boates e inferninhos, assistir os melhores e piores strip-teases, fazer novos amigos de copo, cigarro e putaria. Por fim, terminava a noite em algum hotelzinho sujo, de onde saía a tempo de pegar o primeiro ônibus de volta para casa. Chegava às quatro e quarenta e cinco, só pensando em cochilar um pouco, antes de sair para trabalhar.

À hora em que o marido chegava, a mulher ainda estava acordada, mas fingia dormir. O despertador tocava às seis horas. Quando a campainha disparava, era hora de ir buscar pão e leite e fazer o café, enquanto o marido tomava banho. Naquele tempo, as lições eram muito eficazes. As mulheres já eram muito rápidas para aprender. Ela sentava-se à mesa apenas quando ele já quase terminava e, pelos próximos trinta anos, não tinha mais nenhuma grande pergunta a fazer.

Josemar dos Santos Ferreira

Josemar dos Santos Ferreira, natural de Recife-PE. É estudante do curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Aos dezesseis anos foi contemplado no 9º Concurso Ladjane Bandeira de Poesia (2006), promovido pela Biblioteca Popular de Afogados, com publicação de cinco poemas. Entre outras publicações em coletâneas, Josemar é autor do livro “Moscas de Estimação”, publicado em 2013.

Semelhança

Concentro-me ao ato de escrever a voz do personagem chamado eu (que vem do absoluto de quem sou). Chego ao caso de hoje e de outros dias anteriores que não estive aqui ou que, de repente, não estiveram a passar. Porque relutei alguns pormenores de ficar atado ao outro, como se o outro fosse realmente meu semelhante, tanto nas coisas do querer, quanto nas coisas de o que quer que seja. Logo me vejo a competir com o meu semelhante para mostrar que temos potencialidades diferentes entre si. Como assim? Mostrar o que é melhor ou o que há de melhor? Sim: para que eu existisse, ele também precisou existir. A mim fica a queixa do meu personagem, de expressar em nota que nem mesmo os meus pais se parecem tanto comigo. Temo ser idêntico a eles no tempo de ser pai. Eis a questão para o que vem.

O ano é 2015, o mês não importa. Quarta-feira é o dia vinte e cinco.

Certa vez criei um cachorro escondido de meus pais. Isso foi difícil, mas possível graças ao terreno ao lado de minha casa. Um terreno enorme que estavam tentando vender para alguma construtora. Hoje existe um prédio nesse terreno. No entanto, voltemos à questão.

Duraram alguns meses até que o Duque ficasse maior do que o esperado, e daí ser descoberto por quem dava as maiores e mais dolorosas sentenças: minha mãe. Tive que me desfazer do Duque e mergulhar na minha própria existência outra vez, daquela vez com tristeza acentuada. Ainda que falem forças para ser capaz de perceber que tudo pode suportar, a gente é obrigado a encontrar-se profundamente. Aí se descobre a fraqueza, a identidade, e para quem realmente servimos nesta vida.

Deixei o Duque no Parque Santana, era o local mais deserto que eu conhecia e foi lá que decidi me despedir do meu único amigo. - Adeus. - Hoje posso, enfim, dizer que chorei com aquela cena. Não posso mencionar que continuo a me emocionar bastante. O fato é que quando dei as costas ao Duque, ele latiu, abanou o rabo e me olhou querendo correr comigo. Sei disso porque eu não precisava ter visto quando ele latiu. Sei disso porque era sempre assim quando passeávamos. A gente corria, sabe... Descrevi esses momentos como FELICIDADE.

Lá estava o Duque, após o ritual que mencionei. Ele abanava o rabo, de pé. Eu, tão ser humano, fui mais astuto comigo e titubeei o Duque, jogando um pedaço de madeira que ele foi buscar longe, a fim de que desse tempo de eu correr para o lado contrário, para o lado errado, para o lado que eu tinha que correr sem ele.

Às vezes penso que a dor será maior para mim em ter um filho do que o filho ter um pai como o que eu possa me tornar. Talvez por não querer ser esse pai, e sofrendo mais que o meu filho por isso. Nas circunstâncias devidas percebo alguma semelhança com o outro, mas um tanto distante, não a ponto de generalizar.

Julia Dantas

Julia Dantas é mineira da cidade de Varginha, residente em Belo Horizonte, cidade que adotou como lar. Leitora ávida, fez dos livros seus melhores amigos e companheiros fieis desde a infância. Tem na escrita sua paixão e forma de expressão mais honesta. Sua escrita situa-se no cotidiano, nos sentimentos que emergem das experiências simples, corriqueiras e, ainda assim, espetaculares.

01 de Janeiro

Marina

Marina havia comprado o ingresso da festa há dois meses. Achava a palavra ingresso mais adequada do que “convite”, que era o que estava escrito no bilhete. “Se fosse convite, seria de graça”, pensou. Todos os seus amigos também iriam e a noite prometia.

Havia apenas um problema: Marina não estava muito certa sobre querer sair da cama naquele dia. Acordou com um aperto que começava no baixo ventre e subia até a garganta, passando pelo peito. Uma vontade de dormir ou de chorar, talvez chorar até dormir. Mas já era mais de dez da manhã e ela não tinha feito as unhas. Recusava-se a pagar por algo que podia fazer sozinha arrancando só um pouco de sangue.

Levantou-se, pegou o leite, percebeu que a geladeira carecia de uma limpeza e fechou rapidamente. “Foda-se: o que os olhos não veem, o coração não sente.”

Fazia oito meses que morava sozinha naquele apartamento, algo que sempre quis: dois quartos, um deles só para a bagunça acumulada, uma parede de lousa na sala, pequenos azulejos azuis na cozinha. Sacou o celular e anotou essa conquista na lista de gratidão: “Morar sozinha”: poder ficar calada, andar pelada, dormir sem escovar os dentes de vez em quando. O ponto negativo era ter de limpar a geladeira. É bem verdade ainda que começou a comer muito hambúrguer e deixar o leite vencer, como o que acabara de pegar.

Sentiu o cheiro azedo e começou a chorar. Chorou de soluçar, de se sujar de catarro, de manchar as lentes dos óculos.

Não era feliz. Não entendia, apenas não era. Tinha tudo: seu próprio apartamento, família para amar, namorado para gozar, amigos para dançar naquela maldita festa

de Réveillon. Onze horas da manhã do último dia de mais um ano em que não fora feliz. Sacou o celular, leu a lista de gratidão, “Bobagem!”, clicou na lixeira.

Olhou-se demoradamente no espelho, os cabelos longos e falsamente loiros emolduravam o rosto pálido, pensou que precisaria de uma boa maquiagem para a noite. Sabia que se alguém acordar próximo das 11h deveria almoçar direto, mesmo assim, lavou o rosto, colocou um vestido primaveril e pegou a carteira para comprar leite fresco. Apanhou o celular: Notas > Apagadas > Gratidão! :) > Recuperar. Acrescentou: “Poder acordar quando eu quiser e comer o que eu quiser.”

Desceu as escadas desde o terceiro andar, pois não iria entrar no elevador com o rosto inchado e correr o risco de encontrar o vizinho gato do quinto. Subiu a rua até a padaria, cumprimentou dona Marlene que comprava uma lata de coca-cola.

- Feliz ano novo, dona Marlene.

- Feliz ano novo, minha filha.

Marlene

Marlene pagou a coca amaldiçoando a inflação. Não tinha muito tempo comprava um litro com um real e agora pagava três em uma única lata! Amaldiçoou também a dependência adquirida quando era mais acessível tomar refrigerante.

Cumprimentou a vizinha do terceiro andar, “uma moça tão jovem com cara de choro”. Desceu a ladeira pensando nos seus ossos que em breve seriam corroídos pelo mau hábito. Uma vez recebeu uma mensagem no WhatsApp que afirmava ser possível desentupir pia com coca-cola, “com certeza não é nenhum remédio para osteoporose”. Subiu para o apartamento e tomou metade da lata numa única virada. Era o último dia de um dos anos mais difíceis de sua vida e a sensação era

de alívio, já que acreditava ser possível virar a sorte junto com o último algarismo do calendário.

Morava com a mãe e a irmã desde sempre: Maria, Marlene e Matilde - “as Mas”. Neste ano, a mãe deu de desencarnar, um verdadeiro absurdo. Teve um AVC e faleceu. Simples, rápido e muito dolorido. Depois disso, Matilde resolveu viver o luto em Barcelona e Marlene se viu sozinha naquele apartamento antigo e cheio de lembranças. Pensava se deveria mudar-se. Não seria difícil vender, a localização era boa, embora a instalação hidráulica não fosse mais como antigamente. Pegou a caderneta e abriu a lista de projetos para o novo ano, escreveu: “Me mudar (?)”, logo abaixo de: “Reduzir a coca-cola.”

Entrou no quarto, abriu a gaveta da penteadeira azul, pegou uma caixa pesada de madeira. Espalhou as fotografias no chão e passou um bom tempo olhando um registro das Mas na Praça da Liberdade em época de Natal. A alegria de estarem juntas, mais uma vez, molhou seu rosto. Maria sorria na fotografia, uma mulher baixinha e de quadril largo, segurando as mãos de Matilde, vestida de amarelo, à direita, e de Marlene, de azul, à esquerda. As irmãs sempre foram muito diferentes na personalidade e fisicamente parecidas. Como tinham apenas um ano de diferença, quando crianças eram vestidas com roupas de modelos idênticos, divergentes apenas nas cores. Marlene divertiu-se com a cena impressa, permitindo que a dor da saudade se tornasse gratidão, pelo menos por aquele instante.

Foi até o antigo quarto de Matilde, agora seu ateliê, e pintou. Pintou por tanto tempo que não o viu passar. Exorcizou todos os seus demônios na tela, deu uma gargalhada e a rasgou.

Às 22h, tomou um bom banho e vestiu um vestido branco de alças finas, nunca se atreveu a virar o ano com outra cor. Cozinhou um filé à parmegiana, receita da avó,

e sentou-se com uma taça de vinho tinto às 23:30. Comeu. 23:45. Bebeu. 23:55. Pegou o telefone, buscou um número na agenda. 23:59.

- Intercell, Cecília, em que posso ajudar?

- Boa noite, Cecília, meu nome é Marlene, liguei para desejar um feliz ano novo.

- Feliz ano novo, senhora. Posso ajudar em algo?

Desligou. Enviou uma mensagem de texto para Matilde e foi dormir.

Cecília

Cecília pegou plantão às 18h. Gostava do horário da noite, porque detestava acordar cedo, motivo pelo qual nunca penteava os cabelos para os plantões da manhã. Não se importava de trabalhar no Réveillon, sentia que era um dia comum seguido por outro dia igualmente comum. Junto com ela, estavam todos os solitários. Os que tinham amigos, família, festas e viagens haviam pedido para trocar o plantão. Cecília não era solitária, apenas não se importava. Foi convidada para duas festas, mas o salário de atendente de telemarketing não lhe permitiria virar o ano com festa e sem dívidas: era uma coisa ou outra.

Ademais, no dia 31, a demanda era baixa, o que permitia que Cecília estudasse um pouco entre um cliente e outro, diferentemente do dia dois de janeiro, quando todo mundo começava a cumprir as promessas de economizar e ligavam para cancelar os planos telefônicos. Por isso, quando propuseram a troca de escala, aceitou de imediato e com muito prazer. No dia 31 pouca gente estava preocupada com problemas na linha e, os que estavam, eram mais gentis do que seriam em outras datas.

Mais um período letivo se aproximava e, com sorte, seria o último. Por isso, resolveu estudar com antecedência algumas matérias. Trabalhava em call center para pagar as contas de casa e as parcelas do Prouni, mas em breve seria arquiteta,

seu sonho desde menina - quando a professora pedia um desenho da família, caprichava mais na casa do que nos rostos dos irmãos. Sonhava com o dia em que sairia da sala do chefe mandando todo mundo tomar no cu, mas por enquanto, embora considerasse todos hipócritas, seguia domesticada.

Depois de rascunhar alguns projetos, Cecília abriu o grupo da família, viu uma foto da prima Marina bastante bêbada na tal festa caríssima. “Open Bar é o caralho.” Olhou o relógio: 22:30. “Esta não dura até meia noite.” Enviou o emoji de olhos loucos e língua para fora.

Tirou uma selfie na estação de trabalho fazendo hang loose. Editou com um aplicativo para reduzir a curvatura do nariz, disfarçar as olheiras e clarear os dentes. Mandou para a melhor amiga que só é amiga porque Cecília ainda não teve coragem de dizer como se sente. Tudo bem que elas se beijaram uma vez numa festa, “mas isso era outra coisa, não tinha importância”. Quem sabe no próximo ano?

O telefone toca.

- Intercell, Cecília, em que posso ajudar?

- Boa noite, Cecília, meu nome é Marlene, liguei pra desejar um feliz ano novo.

- Feliz ano novo, senhora. Posso ajudar em algo?

Cecília sorriu. A verdade é que esse era um dos motivos de gostar de fazer plantão no Réveillon. Queria ter podido conversar um pouco mais ou, talvez, fosse mesmo melhor poder fantasiar sobre a mulher do outro lado da linha: quem sabe uma viúva com três filhos adolescentes, todos em festas open bar? Ou quem sabe uma mulher independente de meia idade sem filhos e sem paciência para os abraços hipócritas que vêm após a contagem regressiva? Quantas histórias haveriam por trás daquela ligação? Cecília preferia ficar com todas elas.

Fim do plantão. Cecília entra na condução com alguns colegas comentando sobre o que irão fazer no ano que acabara de chegar. Angélica planeja ter um filho, César quer terminar com a namorada ainda em janeiro, Pâmela diz que só quer pagar as contas e viver em paz. Cecília conta que vai ser formar.

Então, todos os sentidos alertam de uma só vez: Uma intensa luz. Gritos. Cheiro de borracha queimada. Calor, muito calor. E o gosto ferroso de sangue. Cecília consegue ver Pâmela ao seu lado, a que gosta de pagar contas e ter paz. Agora, tinha quitados todas as suas contas, com Deus e com os homens. Mas não Cecília, ela não tinha dívidas com a vida, a vida é que tinha com ela. E não pretendia pagar.

Pela manhã, a manchete do jornal contava do acidente causado por um engenheiro que voltava embriagado de uma festa em sua Range Rover vermelha. As vítimas foram 12 empregados da companhia Intercell, havendo três feridos e os demais, fatais.

Marlene leu a notícia horrorizada, tomando um bom copo de coca-cola. Marina soube do falecimento da prima por mensagem no grupo da família. Não eram próximas, mesmo assim, chorou. Prometeu ser feliz dali por diante. Fez o sinal da cruz e agradeceu a Deus por mais um dia. Ou por menos um.

1º domingo de maio

Teresa, Maria e Elisa

Quando faz muito calor, me sinto indisposta. Em dias de prova final, indisposição é um luxo que não posso sustentar. Me levanto da cama e vou me aprontar. Como estou atrasada, não tenho tempo, nem vontade de me arrumar demais. Ponho os cabelos num rabo alto e visto o primeiro vestido largo que encontro. Pronto. Não, calma! Falta escovar os dentes. Aproveito e dou uma lavada básica no rosto, sobretudo na área dos olhos. Agora, sim.

Pego a mochila e corro para não perder o ônibus. Mas perco. Será que a culpa foi da lavada no rosto? Aqui, na rua, os ônibus só passam num intervalo de trinta minutos, o que significa que vou me atrasar para a prova. Ao pensar numa desculpa, um cheiro insuportável invade minhas narinas e pega um expresso direto para o estômago. Minha cabeça começa a girar e girar, sinto que vou vomitar... Pronto! Vomitei no meio da rua! Aquele sushi de ontem não me caiu bem. Saco um chiclete da bolsa para disfarçar o hálito. Tenho quase certeza de que um senhor me encara, mas foda-se. Preciso muito daqueles pontos da prova e não vou me arriscar a voltar para escovar os dentes e perder outro ônibus. É assim que pretendo me formar uma odontologista de respeito.

Lá vem o ônibus! Ele balança mais que o normal, o calor não ajuda. Prendo a respiração, mas fico tonta, deve ser falta de oxigênio no cérebro. Faço uma cara sofrida para ver se alguém me cede lugar e nada acontece. Graças a Deus tem uma moça perto de mim que vai descer no próximo ponto. Quando ela dá o sinal, me posiciono estrategicamente e pimba! O banco é meu! Me sento, apoio a cabeça na janela, respiro fundo e... adormeço.

Um dos inconvenientes de adormecer no transporte público (além do torcicolo) é acordar sem saber exatamente onde se está. Por sorte, acordo dois pontos antes da

faculdade, desço correndo e chego à sala de aula. Bem na porta da sala, com o discurso na ponta da língua, começo: "Professora, peguei um trânsito insano hoje e preciso demais desses..." E tudo fica escuro. No segundo seguinte, estou cercada de mais ou menos vinte pessoas. Não sei o que está acontecendo, porém desconfio que tenha desmaiado. "Merda!" Se bem que agora a professora não teria coragem de me tirar a nota pelo atraso... Ou teria? Tudo isso eu penso em uma fração de segundos, quando chegam uns homens e me põem numa maca, direto para uma ambulância. "Merda!" Tudo que eu menos preciso neste momento é um tempinho no hospital com mais três provas finais na minha nuca.

- Moça, vou tirar uma amostra de sangue, tudo bem?

- Tudo bem.

Aguardo na poltrona e já me sinto ótima, mas estou vestindo aquela maldita pulseirinha que me prende àquele maldito hospital.

- Maria!

- Eu!

Meu nome é Maria Eduarda, mas prefiro ser chamada só de Maria. Não gosto de Eduarda, sobretudo porque é uma espécie de homenagem ao meu "pai" Eduardo, que vi pela última vez quando tinha quatro anos. Juro por Deus que se o encontrar na rua, não vou reconhecer. - Boa tarde, Maria. Quer dizer que você teve um mal-estar no meio da aula?

Era uma prova, mas não tem a menor necessidade de explicar isso.

- Foi, sim, mas estou bem melhor, acho que foi o calor.

- Realmente está muito calor. Você está acompanhada? Deseja fazer contato com alguém?

- Não.

Putaquepariu! Esse doutor está me deixando nervosa! Por que eu teria que fazer contato com alguém por um mal-estar de calor? A não ser que o exame tenha

revelado mais alguma coisa! Um exame de sangue pode revelar um câncer? Ai, minha Nossa Senhora!

- Não, doutor, estou sozinha. Fui para a faculdade sozinha e estou aqui sozinha.

- Entendo...

Silêncio. O filho da puta fez dez segundos de silêncio! Dez segundos preocupantes para alguém que aguarda a notícia de uma doença terminal.

- Bom... O seu exame de sangue revela Beta-HCG positivo.

Agora quem faz os dez segundos de silêncio sou eu. Não é que eu não saiba o que isso significa. O que não consigo entender é como! Tomo pílula desde os quinze anos, quando comecei a ter mais acnes do que o socialmente aceitável no Ensino Médio. Sinto que vou desmaiar de novo.

- Você está grávida.

- Hummm... Você tem certeza?

- Bom... O Beta-HCG pode estar alterado por outras razões, mas é improvável. Vou pedir um ultrassom, mas é importante que você comece a se cuidar como uma mulher grávida. Isso significa: nada de álcool ou cigarros. Também vai precisar de repouso, porque gravidez não é doença, vamos investigar esse desmaio. Vou pedir alguns exames.

Não sei muito bem se foi isso o que ele disse, pois só ouvi a primeira frase com clareza. Merda! Merda!

- Desculpa, agora eu não posso.

Saio da sala bem ao estilo Xuxa em Lua de Cristal. Mas, é óbvio, a maldita pulseirinha vai me levar de volta àquela sala para buscar os pedidos de exame e uma liberação.

Neste momento, eu realmente não sou capaz de entender o que sinto. Soma-se a isso o fato de eu não ter comido nada o dia inteiro. Me oferecem uma gororoba de hospital, mas só de pensar me embrulha o estômago. Não sei se pela gravidez ou

pela ciência dela. Sinto-me exatamente como antes. E de repente, começo a chorar. Uma torrente de lágrimas. Não era tristeza, não era alegria, não era alívio, não era nada. Era apenas o momento de chorar. Depois, por um minuto, me esqueço da notícia recebida, me esqueço das provas, me esqueço de tudo. Olho para o céu e respiro fundo. Como sempre, o universo não me diz nada.

Volto para casa pensando em como dizer tudo para minha mãe. Decido não contar nada, pelo menos por hoje. O plano teria funcionado se meus olhos não me tráíssem logo que vejo minha mãe à porta. A maldita torrente volta a correr, dessa vez acompanhada de soluços e um abraço-abrigo que nunca vou esquecer. E por longos minutos, fomos só nós duas. Não era como se ela soubesse. Era como se fôssemos uma pessoa só.

E foi naquele instante, naquele exato instante, que eu soube que tudo seria como sempre. Nós nos ajudaríamos em tudo. Meses mais tarde, Elisa me sorriu banguela. O mundo inteirinho me sorriu aquele dia. Minha mãe ensinou Elisa a cuidar de plantas, eu ensinei a valorizar os estudos. Éramos Teresa, Maria e Elisa.

Juliana Moroni

Juliana Moroni é Bacharela, mestra (UNESP) e doutora (UERJ) em filosofia. Professora, pesquisadora e escritora. Interessada em filosofia, ciências da mente, artes, astronomia, natureza e novas tecnologias. Aprecia pintura abstrata e Folk art, fotografias em preto e branco, poesia intimista, livros, mar com golfinhos, nebulosas, som advindo de instrumentos de percussão, de harpas e da flauta nativa americana (NFA), ideias não dogmáticas e pizza.

NÃO-PESSOA

As portas do território desconhecido se abriram e ele saltou para dentro do mundo. Vindo de longe, de tempos infinitos e retratado em faces finitas, Maciel olhava as ruas agitadas da grande metrópole. Olhava sem ser observado. Era invisível aos olhos das Pessoas consideradas distintas. Maciel era ninguém. Era só um corpo sentado na calçada, esperando algumas moedas para a sua escassa refeição, nem sempre diária. Faltavam dentes no seu sorriso raro e sofrido. A perda dos dentes e do emprego indicava o início da sua transformação em não-Pessoa aos olhos de uma sociedade consumida pela aparência da sonhada perfeição, no mundo da caridade sem empatia.

A ilusão da perfeição estava mascarada em saltos, batons, ternos e carros que transitavam num ambiente cheio de conversas aos celulares e comemorações com copos cheios de chopes nas mesas dos bares. A vida perfeita era àquela, em sonhos, resumidos num *happy hour* com amigos. Maciel, sentado perto do *happy hour*, via a vida passar contando moedas para a possível próxima refeição. Perfeição era poder comer um prato de comida e beber água potável. Era o momento supremo de um dia que seria considerado feliz. Perfeição, naquela mesa de *happy hour*, era “beber todas” e, no fim da noite, jogar algumas moedas para a não-Pessoa sentada perto da porta do bar. Era a perfeição espiritual e ética buscada pelas Pessoas bêbadas e felizes. A perfeição da caridade (sem empatia) de almas que seriam abençoadas por Deus.

Maciel se levantou e olhou nos olhos de um dos rapazes que bebiam chopes, animados. O jovem o encarou como se fosse um temporal em dia de sol e praia. Chamou o garçom e pediu mais uma rodada de chope. Pediu também para baixar a lona do bar, alegando que poderia chover. O garçom resistiu, mas vendo a insistência do freguês endinheirado, logo acatou a sua ordem em forma de pedido.

As outras Pessoas não se opuseram à ordem-pedido. Assim, as lonas foram baixadas, encobrendo o rosto magro de Maciel e a miséria da humanidade.

Maciel era apenas um temporal na felicidade daquelas Pessoas. Temporal que ansiavam por ir embora, tão logo, sem causar estragos. Mas Maciel permanecia lá, agora sentado perto daquele rapaz e daquela gente com sorriso cheio de dentes, do lado de fora da vida vivida com dignidade. Não-Pessoa aos olhos daquelas Pessoas tratadas umas pelas outras com significado humano. Maciel era temporal, não-humano, não-Pessoa que incomodava sem ser percebido em sua humanidade. Incomodava feito um temporal, feito força da natureza a ser evitada. Amedrontava feito ventania que varre para longe o que se quer preservado.

O temporal permaneceu àquele lugar, ficou a atormentar e a ameaçar a felicidade dos frequentadores do bar até ser expulso pelos seguranças do local. Maciel se deslocou para um ponto mais distante dos olhares raivosos daqueles seguranças que, diante da miséria, mascaravam suas indigências reais em força física. Maciel foi rispidamente afastado da superficialidade de espíritos que preenchiam seus vazios existenciais em rodadas de chopes e esmolos em formas de moedas. Pessoas!

Na saída do bar, no fim da noite, o olhar do rapaz que fugia mais enfaticamente do temporal se cruzou com o olhar de Maciel. Não era um olhar, mas uma ventania que o rapaz sentia e que arrancava aos poucos a sua máscara, trincada em formato humano. O rapaz correu daquele vento gelado. Apressou-se a entrar no carro. Antes de sair com o veículo, jogou algumas moedas em direção a Maciel. A dignidade do dia seguinte viria jogada na calçada, numa noite quente e sem brisa. A dignidade que seria momentaneamente alcançada, através de um prato de comida, viria jogada por alguém que buscava fugir da realidade da qual não queria fazer parte, sendo humano, não se importava tanto com temporais, a não ser que o ameaçasse. Sendo humano, ele apenas usava o dinheiro para

minimizar os efeitos de temporais, fazendo-se supostamente digno. Era como se pudesse comprar a força da natureza com dinheiro, neste caso, com esmolas. As Pessoas fugiam do que não se parecia com Pessoas. As Pessoas fugiam de quem não se parecia com elas. Maciel era não-Pessoa. Era para ser evitado. Era para ser contido com esmolas ou à força.

Ao entrar a madrugada, Maciel se retirou do local da constatação de sua não-humanidade. Ao atravessar a rua, chocou-se com um carro em alta velocidade, cheio de Pessoas bêbadas. O álcool que as ditas Pessoas dignas ingeriam era parecido, em sua funcionalidade, com o álcool que Maciel buscava para fugir da sua dura realidade. As Pessoas, muitas vezes, bebiam para fugir de suas frustrações e a não-Pessoa fugia da sua invisibilidade. As Pessoas do carro, assustadas, acharam que haviam atropelado outra Pessoa. Desceram assustadas, transtornadas com o trágico acidente. Ao constatarem que era de Maciel o corpo estendido no chão, sem vida, manchado de vermelho, elas expressaram semblantes mais aliviados. Não era uma Pessoa. Que alívio! Era um indigente. Apenas mais um miserável que cruzou o caminho daquela gente nos seus momentos felizes, atrapalhando o fluir da noite. Era apenas um problema que seria resolvido, o mais breve possível. Era só mais um temporal que surgia abruptamente no céu, em um domingo de praia, numa noite de luar regada a chopes, em bares sofisticados; um temporal a ser evitado. Maciel morreu invisível aos olhos das Pessoas, aos olhos do Estado. Foi morto pela irresponsabilidade, assassinado pela indiferença daquelas, declaradamente, “Pessoas”.

SINAIS IRRECONHECÍVEIS

O ônibus seguia seu trajeto diário, longo, enfadonho e planejado. Os passageiros, quase sempre, os mesmos, as mesmas faces distópicas, alternadas entre os primeiros raios de sol e o anoitecer melancólico e atordoante das grandes cidades. O barulho ensurdecedor das buzinas, dos motores e das conversas vagavam e se encontravam nas calçadas; ou se chocavam nas esquinas de cada avenida tumultuada. O semáforo acendia e apagava, oscilando os sinais de ir e vir, de seguir ou ficar, metáfora da sina humana de viver ou morrer nessa dinâmica constante que era a vida por ali. Ali era qualquer lugar. Poderia ser na esquina esquecida de uma rua qualquer, num bar cheio de vozes ansiosas para expressarem suas utopias e suas desesperanças ou na sua mente cheia de fantasias e dissociações com a realidade. Ali poderia ser onde você deixaria a sua vida se despedaçar em lugares pouco amigáveis e com pessoas esquecidas pelas disposições latentes ou iminentes de felicidade.

Dizem que sempre que há um ritmo constante nos passos que dançamos a música da vida, algum ruído emerge da solitária espera pela novidade, em meio a tanta gente. E na mesmice daquela trajetória, cheia de passageiros mesmerizados com a falta de insolência da vida, até hoje, ninguém sabe de onde surgiu aquele rapaz aparentemente com olhos esvaziados de humanidade. Sentou-se no último banco do ônibus, quieto, olhar cabisbaixo, pernas abertas a ocupar quase dois assentos. Descansava ou parecia aprisionar os gestos mecânicos dos seus músculos, aparentemente cansados de esforços sem resultados. Seu rosto tinha traços marcados por um olhar cheio de nada, inquieto e desconfiado, à espera de algo inesperado que nunca aconteceria. De repente soltou um berro, correu pelo corredor do ônibus exaltado, olhos arregalados, cheio de angústia. Gritava para o motorista abrir a porta, ele queria descer em qualquer lugar ou em algum lugar

específico. Desejava, talvez, saltar no nada e alimentar suas desilusões; ou pretendia descer em algum lugar que lhe mostrasse os entornos menos sombrios dos problemas que ele carregava.

Gritava para o motorista parar o ônibus, aquele geringonça sem sentido que nunca chegava ao seu ponto final, porque o ponto final se repetia numa circularidade eterna. As pessoas espantadas com os berros do rapaz, saídas do seu estado de letargia diário, olhavam-no fixamente, assustadas, procurando uma explicação ou uma confirmação dos seus diagnósticos pré-determinados em relação ao sujeito, para elas, esquisito. Como ele ousava perturbar o entorpecimento daquelas pessoas? Quem era ele para quebrar a cadência contínua e constante daquela gente torturada por uma existência mecânica e subjugada pela falta de opções de ações espontâneas no contato com a vida? Quem era aquele rapaz de olhos profundos e enigmáticos que sacudia a vida sem graça daquela gente despedaçada pelo ritmo ingrato de sua servidão?

Gritava com a cabeça para fora da janela do ônibus, as pupilas pareciam seguir trajetórias inusitadas em comparação à truculência contida dos gestos e do medo paralisante nos olhares das pessoas dentro da geringonça. O rapaz empurrava a porta na esperança de que ela se abrisse; em vão, pedia para que o motorista, impassível, parasse. Passado um tempo, o próximo ponto de parada se aproximou, até que o ônibus estacionou e o rapaz saltou precipitadamente, procurando sinais de beleza nas cinzas da vida. Correndo em direção oposta a trajetória percorrida, olhava para o alto e buscava sinais de simplicidade nas asas de uma borboleta que, nos seus delírios de felicidade, acompanhava-o, mostrando o esplendor de uma vida esquecida.

Kelly Coelho

Kelly Coelho Silva é advogada cearense, professora universitária e estudante de doutorado em Direitos e Garantias Fundamentais. Apreciadora das artes, tenta unila ao ensino jurídico por meio da música, literatura e artes plásticas. Ama estar mergulhada na leitura, na música e no mar. Escreve por amor, mas jamais publicou seus escritos. Apaixonada por gente e pelo céu, captura sua infinidade em fotografia, assim como tudo o que chama sua atenção.

Arranha céu. Guriú - Ce. 2020



Tons em faixas de um céu azul sem estrelas



Luís Palma

Luís Palma Gomes nasceu em Lisboa, em 1967. Filho de Lisboaeta e Alentejana. É membro do grupo de Teatro Passagem de Nível, onde representa e escreve. Iniciou-se na escrita, em 1987, com alguns poemas publicados no Diário de Notícias e Correio da Manhã. Publicou ainda alguns poemas no Jornal de Letras e na Revista “Sol”. Em 1995, publica, em conjunto com mais nove poetas a coletânea de poesia “Dez”. Em 1996, vence o VII Concurso de Poesia Santo António da Charneca. Atualmente é professor do ensino secundário na Escola Profissional de Imagem.

«O DESTINO»

O pai do Alexandre tudo fazia para transmitir-lhe o gosto pelas touradas. Desde miúdo que o acompanhava durante a época tauromáquica às praças pelo país fora. Iam aos curros, ver os animais. Gabavam-lhe a bravura e o porte. O pai quisera ser toureiro na sua juventude. Ainda treinara na escola de um bandarilheiro famoso. Mas a vida foi mais teimosa que o sonho e acabou por se tornar escriturário num despachante na Baixa. Diante desta impossibilidade tudo fazia para que o filho cumprisse o seu sonho. E desde que nasceu, Alexandre, viu a sua vida envolvida por passos dobles, referências a toureiros famosos, viagens ao Ribatejo e Alentejo para assistirem a novilhadas e tentas, eventos onde ganadeiros testam a bravura das vacas bravas em pequenas arenas. Foi por ali que Alexandre começou a dar os primeiros passes de capote. E que elegância e destemor já o rapaz mostrava aos 14 anos de idade.

Na escola, tentava esconder esta sua vertente. As touradas eram vistas pelos colegas como um espetáculo de barbárie: "Os animais a sofrerem para os homens se divertirem". Ele ainda tentou esboçar uma defesa da festa brava, mas percebeu que qualquer intenção ou discurso seu nesse sentido seria visto como um ato retrógrado e desajustado da história.

Alexandre apaixonara-se em silêncio por Carolina. Ela tinha um corte de cabelo curto e arrojado, copiado das séries da manga japonesa. Desenhava maravilhosamente. Era rápida e expressiva, parecendo dar vida às suas ilustrações. Esta virtude era aproveitada por Carlos, um colega de ambos com ideais políticos, um discurso bem construído e ideias frescas para o mundo. Carlos escolhia as causas e a estratégia, enquanto Carolina desenhava posters e ilustrações para as redes sociais, os sites ou para colar nas paredes da cidade. Alexandre sempre

calado, mas atento e colaborativo com as diversas ações de protesto e apoio, acompanhava-os. Nem sempre entendia as razões da luta política, mas gostava da adrenalina e amava em silêncio Carolina. Quanto mais distante as atitudes dela ficavam dos valores da sua família, mais se sentia atraído por ela. Parecia, porém, que a Carolina gostava do Carlos de uma forma que ultrapassava a simples admiração ou amizade. Alexandre contemporizava sem perder o alento. Era humilde e paciente.

Naquele fim-de-semana, haveria uma tourada na cidade. Assim, Carlos reuniu o grupo de ação política e delineou o plano: contestação informativa e uma ação mediática. Quando o primeiro touro fosse largado, saltaria da primeira fila para dentro da arena com um cartaz anti touradas, onde correria de uma ponta à outra. Carolina filmaria tudo, sobretudo o clímax da cena que seria a detenção de Carlos pelas autoridades.

Naquela tarde, o pai do Alexandre, na qualidade de vice-presidente do clube tauromáquico, foi convidado a assistir nas barreiras à corrida. As barreiras são o espaço entre o público e a arena por onde circulam os toureiros e forcados. Disse ao filho: "Nunca viste uma tourada dali, pois não? Então vens comigo.". Alexandre não podia dizer não ao pai. Aquele era um momento sagrado na vida dele. Sobretudo se estivesse acompanhado do seu herdeiro.

Era uma tarde de novembro sombria. A praça estava meio cheia. A banda filarmónica tocava músicas ibéricas. As mulheres muito enfeitadas. Alguns homens de chapéu de abas falavam, cumprimentavam-se ou fumavam garbosos o seu charuto dominical. A Carolina e duas amigas na assistência com as câmaras preparadas. Alexandre com o pai, muito envergonhado, tentava esconder-se de Carolina, quando este orgulhoso o apresentava aos membros das tertúlias taurinas, amigos, empresários.

Toca trompete. Mostram a placa do peso e nome do primeiro animal: "Corona – 550 quilos". Abrem as portas e o touro malhado sai demoníaco. A assistência vibra. Um experiente aficionado comenta: "Este é bravo, caramba.". Ouve-se um clamor. Entre os verticais e brilhantes toureiros com seus trajes de luzes, salta o pequeno Carlos para dentro da arena, corajoso e desejoso de salvar o mundo. Traz um grande cartaz com um slogan: "Morte às touradas. Vivam os animais". Carolina e as colegas de máquina em riste filmam tudo. Logo à noite estará tudo nas redes sociais. Carlos excitado e nervoso, pisa o cartaz e cai na areia. O touro investe sobre ele, uma primeira cornada levanta-o, mas logo cai de novo. O animal parece obcecado por quem o tentava defender. Os toureiros não o conseguem distrair. A vontade secreta deles era que o touro acabasse com ele. Os movimentos anti touradas roubam-lhes o “pão da mesa”. Ao ver o colega em perigo de vida, Alexandre pega num capote e, saltando as tábuas, entra na arena. Corre para o animal. Este olha fixo o corpo a sangrar de Carlos. Carolina apreensiva deixa de filmar. Alexandre esquece-se que tem corpo e coloca-se entre o touro e o rapaz. O touro investe no capote. Uma, duas, três capotadas e ele tira o animal dali. Os outros toureiros retiram Carlos da arena. Alexandre empolga o público com o feito. O diretor, tentando aproveitar a ocasião para não prejudicar a corrida, manda a banda tocar. Alexandre olha nos olhos do bicho que respira profundamente. Enquanto espera a investida do animal, pensa: "Aqui estamos os dois, companheiro, frente a frente. Não pedimos para estarmos aqui, mas estamos. É o destino."

de Luís Palma Gomes

O mulato (Crónica)

Tinha ouvido rumores acerca dele. Daqueles murmúrios dentro da sala de professores que qualificam e marcam um aluno agitador. Num dos dias em que eu acompanhava aquela turma como professor-estagiário, ele simplesmente abriu a porta da aula que já decorria e entrou abruptamente. A professora empertigou-se e, fazendo questão de marcar a diferença de estatuto, pediu-lhe que voltasse a sair, que batesse à porta, que pedisse licença, que tirasse o chapéu e que apesar de tudo já tinha falta de presença que não seria retirada. O Diogo, assim se chamava o selvagem, fê-lo da mesma maneira que um general humilhado ao entrar em Roma. Um rumor surdo atravessou a sala. O rapaz era o clássico *bad boy* daqueles filmes que vimos das *high schools* norte americanas. O chapéu dos *Lakers* deixava bem clara essa marca. Sobre ele movia-se aquela luz que acompanha os protagonistas nos musicais da Broadway. Havia uma mistura de heroicidade invejada pelos outros alunos e um sabor de vitória nos lábios da professora, pairando no espectro sombrio e inodoro da sala. Sentou-se e calou-se. A aula continuou na sua mansidão tecnológica: *slides*, exposições e perguntas. Diogo parecia alheado ou distraído.

Identifiquei-me perversamente com aquela personagem. Também eu havia sido um desestabilizador, um desenquadrado, um daqueles que no auge da puberdade fugia das aulas através das janelas. Eram outros tempos, mas Diogo trazia consigo esse testemunho antissistema que quase sempre tem origem em problemas pessoais ou familiares. Não há entendimento para as razões de um revoltado a não ser a injustiça. De onde ela chega é que ninguém o sabe ao certo.

De súbito, um estertor atravessou a sala vindo de um núcleo de alunos. Uma disputa de critérios e interpretações sobre algo irrelevante resvalou para o ataque pessoal. Formaram-se grupos, criaram-se óbvias alianças e a seguir partidos. A agitação cresceu e tornou-se incontável como um incêndio. Surgiu pela direita, depois também pela esquerda da sala, até mesmo os elementos mais tímidos da turma aproveitavam o motim para fazerem a sua catarse. Não havia um foco de incêndio para a professora extinguir, mas vários. Os alunos mais arrojados aproveitavam para expor as fraquezas dos outros e uma luta de humilhações em cadeia parecia destruir o espírito salubre da turma. As ordens da professora perdiam-se no burburinho da refrega. Diogo elevou então a sua voz e pediu calma

com veemência. Como um sargento que ordena nas trincheiras de um campo de batalha, a sua palavra foi ouvida e, senão respeitada, pelo menos temida. O surto da convulsão extinguiu-se. Diogo era mulato e tinha às vezes um olhar assassino, quase cínico. Pensei para mim: «Este tipo é mais do que um revoltado. É um líder e disputa esse lugar com os professores.»

Durante o meu estágio, que durou dois anos, fui acompanhando o Diogo e apercebendo-me da origem dos seus problemas. Vivia apenas com a mãe, tinha problemas económicos e para os contornar tinha de trabalhar depois das aulas. Faltar-lhe-ia a referência de um pai? Ou teria aquele estigma que muitos mulatos transportam? Sentia-se injustiçado pelo destino diante dos outros, mas também mais maduro e emancipado do que eles. Era refilão, adormecia na aula de uma forma entre a provocação e o desespero. Não podia deixar de me rever nele - também ele sentia uma falta de amor que não conseguia colmatar. E por mais que nos amem, nos respeitem, nos acarinhem, ninguém consegue preencher esse espaço de amor que ficou algures vazio. Falei algumas vezes com ele em particular ou em grupo durante os intervalos. Tentei aproximar-me para o entender e ajudar, quiçá. Retenho o seu conselho lacónico: «Não fique nesta escola, professor. É uma merda.»

Os dias passavam. A turma harmonizava-se com o destino. Os alunos, ainda que lentamente, cresciam, já caminhavam sozinhos rumo ao futuro idealizado. O Diogo tropeçava, mas com estilo. Ora de cabeça erguida como um bicho bravo, ora com ela caída como um cristo no seu último suspiro. Depois de mais uma noite mal dormida, continuava também ele a sua caminhada por um terreno menos suave e constante, ainda que a sua fama de rebelde parecesse agora transformar-se na de perdedor, no julgamento dos colegas.

O meu afável e experiente orientador, informou-me que iria assistir a algumas aulas planeadas e lecionadas exclusivamente por mim. No primeiro dia em que ele assistia e avaliava a minha aula, o Diogo transformou-se, como um lobo que decidiu vestir-se de cordeiro. Não se revoltou, nem deixou cair a cabeça adormecida. Foi o aluno mais atento e participativo daquela aula. Falou com uma clareza e confiança excepcional. Questionou-me com uma curiosidade verossímil, como só um académico faria. Aquela personagem tão rapidamente encontrada por ele era tão guerreira como todas as outras que eu o tinha visto representar. Era o soldado

movendo-se para resgatar o outro soldado. Fiquei comovido. Pensei nas falanges atenienses, os hoplitas, que juntavam os corpos formando com os seus escudos uma barreira inexpugnável e com as suas lanças, um furor lancinante.

Fiquei obcecado pela ideia de dedicar o meu relatório de estágio «Aos pobres, apenas». Ou de uma forma mais precisa: «Aos pobres de amor.» Mas alguém mais conhecedor da alma humana aconselhou-me a não o fazer. Podia ser mal interpretado. Segui o seu conselho e fiz a habitual e vegetal dedicatória dos relatórios de estágio.

Luís Palma Gomes

Luiz Henrique Soares

Tem 25 anos. Doutorando e mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Ibilce), Campus de São José do Rio Preto. Possui textos publicados em diversas revistas de literatura e premiações em diversos concursos literários.

o brasil vende tudo

o brasil vende tudo vende a mãe vende o filho da mãe vende castelo e mulheres de areia a noite vai ter lua cheia vende índio vivo ou morto à escolha do freguês vende pedaço do céu e terreno para construir igreja vende bíblia encadernada com e.v.a vende pastor bem-intencionado vende gado vende árvore vende prédio na paulista vende engradado de coca-cola vende rato vende barril de petróleo vende chiclete mascado pela marquezine vende caixa de isopor vende ex-bbb vende fusca cheio de cerveja vende até fóssil antigo de uma mulher chamada luzia que dizem ser a primeira mas ninguém acredita vende festa de aniversário para cachorro vende homenagem para torturador vende traumas históricos em pacote lacrado vende golpe de estado vende gosto de pólvora na boca vende tiro de borracha em professor vende negro algemado e triturado de bala vende dinheiro na cueca vende terra plana vende disco voador vende disco de cantor sertanejo que bate na mulher vende livro a cinquenta reais vende prato de comida a trinta vende doméstica a dez vende o almoço de quem não tem café da manhã vende café vende trigo vende beleza tropical e morenas lindas na tevê vende paz no especial da globo vende o cristo redentor de braços abertos vende um país abençoado por deus e bonito por natureza vende mendigo e museu pegando fogo vende criança dormindo na calçada vende marielle assassinada vende papelão vende a roupa do corpo mas veja só que beleza de empreendedor vende deputado que assiste pornô no congresso vende preso político desde a invasão de cabral vende jogador craque em sonegar imposto vende cavalo de raça vende coxinha de frango vende muro pintado de cinza vende desgraça vende crônica anunciada vende santa catarina inundada vende peixe de água doce vende caldo de cana mas sem a promoção do pastel grátis vende engenho vende álcool vende liberdade poética vende poeta perseguido vende peça censurada vende travesti violentada

sim, o brasil vende tudo e ainda não acabou

vende até este texto

cuidado, menina!

o brasil vende mapa astral vende horóscopo que diz para não casar com gente de escorpião vende ônibus incendiado vende sequestro arquitetado vende solução milagrosa vende gente de alma leve que não olha para o passado mas também vende montanhas de gente morta vende cordéis de caixões vende as tragédias mais naturalizadas vende milho vende show do milhão e só não vende a playboy da vera fischer porque anda fora de circulação

Marcos Almir

Marcos Almir Almeida de Souza nasceu em 1998, natural de Manaus, Amazonas, local onde reside atualmente, é graduando de Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), professor residente na Escola Estadual Sólon de Lucena e aspirante a escritor.

A árvore torta

A árvore sinuosa do quintal

Sofre a ameaça de ser cortada,

Pois quando nasce torta,

Difícilmente é endireitada.

A regra é seguir a direção certa,

Que seja direita, forte e reta.

Pobre árvore

Será cortada.

Na condenação

De que sua raça

Será aniquilada.

Nefasta, lesada.

Que insiste

Na dita ideia

Revolucionária.

Deus escreve certo por linhas tortas,

Desenha torto por obras certas.

A árvore será decepada

Colocada em extinção,

O seu pecado capital

Foi não ter seguido o padrão.

O AMIGO POLÍTICO

Fiz amizade com um político

Independente dos críticos

Louvarei a amizade

Hodiernamente reconheço

O seu caráter e honestidade.

Devo ressaltar a verdade

A sua intensa luta pela liberdade.

Perpetuarei essa amizade

União anticorrupção.

Todos que odeiam ele

Agem por pura contradição.

Marcos Andrade

Poeta, Contista e Pesquisador. Mestrando em Sociologia (PPGS/UECE). Especialista em Gênero e Diversidade (UFC). Tenho publicado poesias e contos na Revista LiteraLivre, Ecos da Palavra, Revista Barbante e em outros periódicos literários no Brasil e em Portugal. Acadêmico correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciência, 'A Palavra do Século XXI' -ALPAS 21. Moro em Canaan, interior do Ceará.

A escrita subversiva de escritoras negras: uma conversa com Carolina Maria de Jesus e Maria Toinha

A poesia nos oferece a ocasião privilegiada para reflexão sobre temas sensíveis da nossa sociedade. Ela abre virtualidades para que a sociedade explore através da imagem modalidades de existência invisibilizadas, silenciadas pelo conhecimento hegemônico. A poesia recupera essas experiências e lhes toma como oficina de produção da resistência, de subversão das textualizações hegemônicas, de inscrição de novos valores culturais.

Quando pensamos a escrita como uma forma de resistência percebemos que a função das poetisas negras é fundamental na sociedade. Basta lembrar o legado da escrita subversiva de Carolina Maria de Jesus, que ousou descrever com precisão a condição negra na sociedade brasileira desde à abolição. Carolina se tornou um marco da escrita na Literatura Brasileira ao se posicionar como mulher negra, pobre e “favelada” na década de 1960 em seu clássico *Quarto de Despejo*. Carolina tornou a escrita uma forma de falar sobre si mesma, denunciando a condição marginal das “minorias” através do testemunho, do lirismo - marcas de sua criatividade literária.

A descrição que Carolina faz da fome ilustra sua sensibilidade para compreender e discutir a desigualdade social e racial a partir da própria experiência como mulher negra e favelada. A autora negra emociona através de sua escrita particularmente fixada na realidade, desvelando a injustiça social que marca a experiência negra na sociedade brasileira ao evidenciar que a “abolição” não se efetivou como uma transformação social profunda (FERNANDES, 2017).

Não é de se espantar que Carolina Maria de Jesus tenha capturado com precisão o episódio da fome, quando essa circunstância cruel marcava sua realidade familiar e estruturava sua posição desigual no mundo. Esse trecho

merece ser citado na íntegra, pois não acredito que seja capaz de fazê-lo tão bem quando a autora:

13 de Maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. ...Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair.

...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: - Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim: - “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude catar papel. Agradeço, Carolina”. ...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome! (JESUS, 1960, p. 27).

A produção literária de Maria Toinha, mulher negra, pobre, mãe de santo e nordestina em muito me lembra a escrita autobiográfica de Carolina Maria de Jesus. Ela escreve aos 85 anos sobre os *Encantados*, os quais na sua textualização são descritos como *entidades espirituais* comuns aos cultos de *umbanda*. Maria Toinha escreve de um lugar socialmente invisibilizado sobre uma temática alvo de

preconceito e discriminação no Brasil. Sua escrita é subversiva especialmente por tomar sua experiência como ponto de partida para reflexões mais amplas:

A mamãe costurava nossos vestidinhos de saco de açúcar. Quase não tínhamos roupas e as poucas peças que possuíamos eram costuradas pelas mãos de mamãe a partir de retalhos reaproveitados. Uma experiência de fornecer utilidade ao que já tinha sido perdido por outros. E entre retalhos - pedaços de vida - e sacos a gente se vestia de estórias. Sobre este tempo me recordo de uma vez na qual eu só possuía um vestidinho e precisei ficar enrolada no lençol enquanto minha mamãe foi lavar aquela roupinha no córrego (SANTOS; SANTOS, 2020, p. 36).

Nesse sentido, tal como Carolina Maria de Jesus, essa outra mulher negra e pobre relata episódios fortemente marcados pela pobreza, e emociona na medida em que reflete sobre a existência social dos nordestinos nas décadas de 1940 e 1950 tecidas pelo sol e pela desigualdade social. E enquanto reflete sobre a pobreza constitutivas de certas experiências sociais invisibilizadas pela literatura hegemônica, Maria Toinha lança mão da autobiografia para afirmar um modo de vida, uma estética da existência sem valor de mercadoria. Exatamente por essa razão que as experiências de Carolina e Maria Toinha são perfeitas para a poesia, como diria o poeta Manoel de Barros.

Essa poesia construída por mulheres negras em seus escritos evidenciam uma sociedade desigual, no seio da qual vidas são protegidas ou expostas de formas radicalmente diferentes. As vidas das mulheres negras sempre estiveram expostas a fome, a violência e à morte. Tecer memórias sobre essas experiências é um ato de resistência, sobretudo numa cultura racista que nega as mulheres negras o direito de falar sobre si. Maria Toinha escreve aos 85 anos sobre suas experiências como *Mãe de Santo* e porta voz dos *Encantados* neste mundo. Como leitores, podemos imaginar os desafios que essa mulher enfrentou até que esse momento se consolidasse e sua voz tivesse como ser ouvida mais amplamente.

Maria Toinha constrói por meio de seu relato uma concepção de *Mundo Encantado*. Essa concepção é tecida cuidadosamente por meio da experiência como *Médium* e como *Mãe de Santo* que recebeu os ensinamentos dos *Encantados* através de diferentes comunicações nos sonhos, em trabalhos de Umbanda, em visões, nas conversas com seu *Pai de Santo*. E assim, essa outra autora negra afirma que:

Foram os mistérios dos *Encantados* que me transformaram em *caminhante* e que me fizeram ser uma *poesia vagante*. Fazer o bem, mas não num lugar à espera do outros, à espera de ser encontrada por quem sofria. Não. Meu destino consistia em ganhar o mundo e descobrir aqueles que sofriam, oferecer-lhes ajuda, cura-lhes na *mística* dos *Cavaleiros de Luz*. Eu tinha de descaminhar abrindo veredas pelo mundo, criando passagens, encontros, despedidas. E os *Encantados* passariam. Chegariam aonde ainda não tinham ido. Anunciariam suas presenças através de mim; mostrariam a força; enfrentariam o mal e trariam esperança para aqueles que sofriam. Minhas andanças tornavam este mundo maior para os Encantados, multiplicando suas ações de caridade. (SANTOS; SANTOS, 2020, p. 49).

A concepção de um *Mundo Encantado* ressoa do livro “A Mística dos Encantados”, escrito por Maria Toinha, como uma abertura através da qual o mundo é refeito pela presença e deslocamento de *entidades espirituais* que se pertencem ao mistério. Essa possibilidade, entretanto, se concretiza a partir da mediação de *Mães* e de *Pais* de Santos - os *médiuns*. Portanto, a potência deste conceito pode ser visualizada em sua tentativa de reconciliar este mundo com tantos outros mundos que existem para além da racionalidade cartesiana.

O *Mundo Encantado* como promessa da *escrita de si* de Maria Toinha é um exercício que questiona os limites de nosso conhecimento, afirmando que o mistério é central numa proposta de conhecimento mais aberta e generosa à complexa experiência humana.

Referências Bibliográficas

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo: Expressão Popular / Fundação Perseu Abramo, 2017.

JESUS, C. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

SANTOS, M. M.; SANTOS, M. A. A. **A Mística dos Encantados**. Trairi: Editora Edições e Publicações, 2020.

Maria Catarina Correa Gestina

Nasceu em fevereiro de 99 na cidade de São Paulo. Se formou em Letras-Tradução pela PUC-SP aos 20 anos, e é, hoje, tradutora e professora de Inglês e Português. Apaixonada por literatura e educação, encontra-se no universo da escrita e da poesia desde os 15 anos.

Cidade

Não se vê no céu
as luzes impossíveis,
mas nos blocos sempre
tão retangulares

Os labirintos engolem
os sonhos,
a gente
se perde

Linhas

Linhas sempre tênues
entre uma e outra coisa,
tudo infinitamente
divisível e multiplicável

Estradas não começam
nem terminam,
países não entram
não saem

Distinguir:
passado, presente, futuro

Para que servem as vírgulas

São essas linhas
sempre tênues
cismas de tempo -
espaço

A porta entreaberta
nem quarto nem corredor
que o caminhar destrói

Razão

É um balanço tão antigo quanto
o primeiro verso não escrito, mas pensado
que me carrega quintal afora

Empurrada pelas mãos de velhos poetas
além do meu próprio impulso
e do vento sussurro dos mortos

Sob os meus pés, e a terra úmida
dentes e ossos partidos de todas as mulheres

Aperto as cordas com mais força

Restos de Carnaval

Quarta-feira

e mais nada

Nem o vento

nem as ondas

nem o povo

nem mesmo

os cães de sempre

fazendo alvoroço nos portões

Vazio insólito:

o silêncio canta saudade

e há fantasmas

preenchendo a avenida

de cores esmaecidas

danças transparentes

riso

e serpentina

Coisas que só veem as almas

feitas de festa

Samba

O dia inteiro resumido em
dançar na sala do apartamento
em enlevo seu e só

Dançar de começo distraído
apenas pela vontade dos pés
de encostar as batidas brasileiras

Colocaram no boteco da esquina
um samba antigo, e você acabou ouvindo
porque mora no primeiro andar

Desmanchou o corpo
todo em cima do pé,
coração mole

Paulo Sergio

Paulo Sérgio Micali Junior. É professor e historiador. Mestre em História social, graduado em História, Letras e com MBA em Comércio exterior. Fluente em inglês e francês. Leitor voraz e com gostos bastante ecléticos. Autor de artigos publicados em revistas acadêmicas, anais de eventos e em um jornal regional. Costuma escrever sobre filmes, imagens, violência e boxe. Atualmente, tem se aventurado no terror.

Sexta-feira Santa

- Dona Ivone, tá pronta?!

- Tô, Cleusa. Guenta um minuto!

Conforme prometido, a primeira senhora não se demorou. Antes de sair, no entanto, gritou algo para quem estava na casa, fechou a porta, dirigiu-se ao portão e, depois de cruzá-lo, fechou-o com corrente e cadeado.

- Pra quê trancá? - perguntou Cleusa.

- O bairro tá ficando perigoso, menina. Lembra da Alzira? Coitada. Num é mais igual antes não - respondeu Ivone.

De fato, antigas regiões rurais que foram se urbanizando tornaram-se mais violentas em função do aumento populacional, da crise e da inflação provocada pela péssima administração militar.

A casa de Ivone estava inserida nesse tempo, mas paradoxalmente ela era reflexo de um tempo que não existia mais. Aos poucos ia assumindo traços da modernidade. Antigas janelas de madeira foram substituídas por modernas sasazakis de lata e com grades. O muro, baixo o suficiente para ser pulado por uma criança, era coroado com um amigável portão adornado com lanças encabeçadas por bolinhas. O cadeado representava o medo e o muro baixo, uma tranquilidade que deixou de existir. A coexistência dos dois poderia significar ou a ignorância ou falta de dinheiro para se mandar construir um muro maior e um portão menos convidativo. Lanças que não machucam? Ridículo.

Arquiteturas à parte, pela rua de paralelepípedos caminhavam as duas senhorinhas de braços dados, muito simpáticas, rumo à igreja. Era Sexta-feira Santa, então a missa acabaria um pouco mais tarde que o de costume.

Todos na região participavam das missas, com exceção de duas pessoas: Carlos, o neto que vivia com Ivone e que todos consideravam um belo de um vagabundão; e o seo Clóvis, um velho esquisito de quem todos tinham pena e medo sabe-se lá o porquê.

Carlos tinha dezesseis anos e não trabalhava. Naquela época, não trabalhar com essa idade era mal sinal. Não morava com os pais porque não se dava eles. Como havia lido um livro e meio de Nietzsche, tornou-se num convicto e arrogante ateu, o que fez com que sua relação principalmente com o pai se deteriora-se.

A avó não gostava do estilo de vida do neto. Até que era prestativo em casa, pois cozinhava bem e fazia faxina, mas não tinha renda e desacreditava de tudo o que era santo. Aquilo era um escândalo, evidentemente, mas a esperançosa avó nutria a ideia de que “ele era só atoa, logo amadurece e passa essa fase”. Na verdade, a pobre Ivone nunca o saberia.

Foi justamente para Carlos que a avó gritou antes de sair para a igreja. Ela disse para ele fechar as portas. Estranhamente, não foi um pedido carinhoso como o costumava fazer. Na verdade, era uma ordem com um toque de angústia. O garoto estranhou, pois não sabia que os dias santos costumavam trazer maus agouros para região. Sim, você não leu errado. Naquele local em específico, dias santos não eram tão santos, pois era durante eles que galinhas e cachorros sumiam, portas e janelas eram arrombadas, casas eram vandalizadas e até o coitado do Jaime, que vivia bêbado pelas ruas, sumiu numa noite de Natal. Apesar de pingüço, o pobre era bacana, coitado.

Em dias santos Ivone tornava-se ainda mais religiosa. Claro que era em função do medo, mas e daí? Nem só de paz e perdão se faz o coração do cristão. Ah, como ela queria que Carlos parasse com aquelas besteiras de ser atoa!

Aquele seria o primeiro dia santo em que neto estava na casa da avó. Havia se desentendido com o pai há algumas semanas. Eles moravam até que próximos da matriarca, mas também era longe o suficiente para estabelecer um distanciamento pautado na birra filial.

Carlos estava só, bebendo uma garrafa de pinga que havia comprado escondido na venda. Espremeu uns limões-rosa pra deixar o veneno mais palatável, mas não deu muito certo. Era forte demais, a qualidade do produto era hilariante e o garoto não estava habituado ao gosto do fogo. No entanto, não havia mais nada para se fazer. Já se passava das 20:00 e não havia mais nada de interessante no rádio. Televisão, naquela época, quase ninguém tinha. O jeito era beber, então ele bebeu, bebeu e bebeu.

Ao invés de trancar a porta, escancarou-a e se sentou na varanda. Era uma noite agradável de lua cheia, o clima estava fresco e estranhamente havia poucos mosquitos. Geralmente, durante a noite, eles eram tantos que poderiam secar uma novilha! O bairro crescia rapidamente, mas as casas ainda eram afastadas umas das outras e, entre elas, havia remanescentes das matas nativas, pomares e qualquer outra coisa que os moradores plantavam.

Carlos estava semiembriagado e os sentidos tornaram-se falhos. De repente o clima fresco tornou-se quente, o ar agradável ficou mais pesado e uma sensação misteriosa começou a correr pelo seu corpo. “Para onde foi a mosquitaiada” - pensou o jovem pinguço.

Entre um gole e outro, percebeu que estava com medo. A pele dormente e a produção exagerada de saliva parecem ter anuviado a sensação, mas quando se percebeu aquilo que sentia, arrepiou-se todo. Falso valente, insistiu em continuar ali. “Besteira de gente crente” - resmungou em voz baixa.

Ouviu-se um farfalhar de folhas. Carlos rapidamente olhou para o lado, mas estava muito difícil de enxergar. Novos barulhos e dessa vez vinham de todos os lados. O que seria aquilo? - pensou, agora arrependido de ter bebido tanto. A coragem lhe faltou e ele resolveu se levantar rápido e correr para dentro de casa. A vertigem o atrapalhou, as pernas se entrelaçam e ele caiu. O baque seco no chão feriu seu cotovelo esquerdo, mas o corpo estava anestesiado pelo medo e pelo álcool. Tinha de tentar de novo e rápido. Seu tempo estava acabando.

Algo saiu do meio do mato. Era uma silhueta aparentemente humana. A monstruosidade das formas ficou por conta tanto da escuridão noturna quanto pelo pavor sentido por quem está se cagando de medo. Para piorar, o ser emitia um som horrendo. Parecia o gorgolejo de algo que havia se empanturrado de sangue e se engasgado com pedaços de ossos quebrados. Era o fim!

Filho da puta! - gritou Carlos antes de jogar a garrafa de pinga contra a coisa.

A figura desviou agilmente para não ser atingida e imediatamente parou de emitir o som monstruoso.

Pau de bosta! Me tacou garrafa só porque ri que você caiu? - Perguntou Euzéias, bastante zangado.

- Puta que pariu, né Zéia? Você me assustou com essa sua risada desgraçada.

- Uma bela дума bosta de amigo você. Me taca uma garrafada e ainda xinga a minha risada. Amigo da onça.

- Foi mal! Eu me assustei.

- É, tá, aham... viu, posso me senta ou você vai me dá uma facada também?

- Senta logo, bunda suja. Fugiu da missa?

- Fugi. Acredito em Deus, mas missa é muito chato. Demora demais pra acaba.

- Se não gosta, por que vai? Hipócrita.

- Hipócrita é teu cu.

- E você sabe que que é hipócrita?

- Elogio que não é.

- Boa! - Riu Carlos.

Euzéias era um rapaz que vivia por ali. Era bom moço, mas era um pouco pior do que parecia ser. Apenas a título de exemplo, fugia das missas quando se enjoava (e isso acontecia todas as vezes). Como sabia que não encontraria nenhum camarada fora da igreja além de Carlos, resolveu ir lhe visitar.

- E esse povo que não sai da igreja, Zéia?

- Para de me chamar assim que eu te do um soco.

- Tô brincando. Oxe!

- Sei lá. Todo mundo aqui da vila sempre foi bem religioso, mas depois que essas coisas aí começaram a acontecer, piorou.

- Tá na cara que é raposa e ladrão - disse Carlos, com desdém.

- Não é, Carlos.

- Ah! Que que é então?

- Promete não ficar falando por aí? Não gosto de fofoca.

- Conta logo!

- Promete ou não?

- Prometo, prometo! Vai, fala.

- Então... sabe o seo Clóvis? Ele se mudou pra cá faz o quê? Uns 15 anos. Por aí. O cara tá velho e não tem família. Ninguém sabe nada dele, ele não fala com ninguém. Eu acho que é ele que faz essas parada aí.

- Eu vi ele umas três vezes, e toda vez ele tava com uma cara de choro. Olho vermelho, esbugalhado, sei lá. Não dá pra saber se o cara tá chorando ou puto de raiva. Deve tá drogado. Bicho louco.

- Sei lá Carlão, mas o cara é bizzaro.

O susto fez com que Carlos volta-se a sobriedade mais rapidamente. Conversou com o amigo por mais ou menos uma hora. Quando deu 9 horas, despediu-se, entrou, esqueceu de trancar a porta, escovou os dentes pra disfarçar o bafo de pinga e foi dormir.

A velha chegou por volta das 22:00. Verificou que a porta estava aberta e torceu os lábios em sinal de desaprovação. Foi até o quarto e viu que o neto dormia. Preferiu não dar a bronca naquele momento. Trancou tudo, tomou uma caneca de leite com bolachas de maisena e foi dormir.

Carlos dormia profundamente. Nada mais sonífero do que uns goles de pinga enquanto se é jovem. A paz etílica não durou muito, no entanto, pois, de repente, começaram os latidos. Mais de um cachorro ladrava. Carlos acordou mal-

humorado, mas tentou voltar a dormir. Agora os latidos eram intercalados por ganidos desesperados. Um latido a menos. Dois. Carlos ficou curioso e resolveu olhar pela janela. Não havia nada além de escuridão e barulho. Foi então que, no meio da rua, passou correndo o fila do seo Joãozinho, olhando preocupado para trás enquanto latia. A propósito, só ele latia. Os outros haviam se calado. Aquele cachorro, em especial, era um boi. Com certeza ele teria pego alguns cachorrinhos e os feito em pedaços igual na semana passada. Por isso aquela latição toda. O estranho era que aquele cachorro estava correndo de algo. Aparentemente ele estava é com medo, mas do que? Todos os outros haviam se calado. Estavam mortos?

Carlos desinteressou-se, virou para voltar para a cama, mas ouviu o grandão ganindo freneticamente. Rapidamente, voltou a olhar pela janela e o que viu foi perturbador: o fila enorme estava estrebuchando!

Porra, é onça! - Pensou Carlos.

Apenas uma onça poderia fazer aquilo com um cachorro tão grande, mas antes que a imagem do felino se formasse claramente na mente de Carlos, o cachorrão de 50 quilos foi puxado para dentro do milharal.

Silêncio total.

Aquilo foi um choque para Carlos. Queria correr, mas para onde? Queria gritar, mas para quem? Vomitou. Limpou a boca e foi até o quarto da avó, trêmulo.

O que era aquilo que puxou o cachorro?

- Vó - disse ele, baixinho.

A velha se assustou, ligou o abajur e colocou os óculos.

- Que foi, filho?

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, uma janela foi estourada.

- Meu Deus do céu, vó! É um monstro!

Aquele momento foi um pandemônio. O tilintar dos cacos de vidro da janela quicando pelo chão pareciam o badalar dos sinos do inferno. Carlos amava a avó, mas diante daquela situação a autopreservação falou mais alto. Quando as grades da janela rangeram, ele correu para a cozinha e escondeu-se debaixo do armário. Dona Ivone, coitada, apenas conseguia gritar. O raciocínio e as pernas lhe falharam

Os barulhos de quebra-quebra cessaram repentinamente, mas o clima ainda era de total tensão. A velhinha chorava. Aparentemente havia visto a coisa porque o desespero de seus gritos tornou-se inumano.

O que era aquilo? Seja lá o que fosse, Carlos queria que fosse embora, sumisse, desaparecesse! Ouviram-se então batidas na porta. Arranhões, talvez. Nessa altura do campeonato, quem se importa? A velhinha estava em prantos, a porta estava sendo espancada e Carlos, com um choro seco preso dentro da garganta, continuava escondido embaixo dos armários.

Aquilo era um pesadelo? Com certeza Carlos continuava bêbado. Talvez ele estivesse na varanda, vendo o tempo passar. O Euzéias não havia passado para visitá-lo e a avó certamente ainda estava na missa. Sim, tinha que ser isso.

A porta veio abaixo. Dona Ivone suplicava por Deus, Nossa Senhora e Jesus, mas a resposta foi um rugido diabólico. Novo silêncio. A avó já não gritava, mas batidas ainda podiam ser ouvidas pela casa. O chão de madeira ecoava passos pesados ao passo em que algo pesado era arrastado e recorrentemente chacoalhado. O peso do objeto arrastado parecia ser o de uma pessoa.

Sim, era um pesadelo. Tinha que ser. Aquilo não podia estar acontecendo porque monstros não existem. É claro que não existem. Talvez nos pesadelos, e uma hora eles têm de acabar. Infelizmente para Carlos, no entanto, o pesadelo foi longo. Longo demais. Foram minutos? Horas? Dias? Difícil precisar, mas, assim que a noite se tornou dia, homens fardados chegaram ao local. Tudo era caos. Havia sangue por todo lado, as janelas estavam arrebitadas, a porta estava no chão e curiosamente havia um rapaz dentro do armário, embaixo da pia, abraçado aos joelhos, sorrindo e com lágrimas secas. Estava catatônico e assim continuou.

Pedro Caroca

Pedro Caroca nasceu no sertão paraibano em 1984. Seus primeiros escritos vieram a público nos anos 90 com a redação “O Jacaré Lilico” publicada em livro infantil da Editora Objetivo. Em 2008 mudou-se para Brasília, onde vive atualmente e é ator, produtor, gestor cultural e escritor. Em 2003 começou a escrever poesias e dez anos depois foi selecionado no Concurso Nacional Novos Poetas com o trabalho “Outros Passos”. Desde 2009 escreve peças teatrais, com apresentações em Brasília, Rio de Janeiro e Argentina, quando em 2017 foi premiado no Encuentro de Dramaturgia Internacional Emergente com a obra “Aqui Há Faltas”.

LIVRO-ME

Um livro. Há anos, desde que ali chegou, nunca havia sido escolhido. Nem sua cor acerejada atraía os visitantes daquela estante. Desconfiava de seu conteúdo. Todos seus companheiros de seção, ao menos uma vez, foram levados emprestados. Outros ostentavam o título de mais procurados, com uma longa fila de espera. Um dia, aproveitou-se do movimento de seus vizinhos imediatos, à esquerda e à direita, e se lançou na bolsa de uma estudante distraída. Temendo o soar do alarme de segurança na saída da biblioteca, o livro hesitou e por pouco não se deixou cair no chão para ser apanhado e levado de volta ao seu fado. Se ao invés de celulose, fosse feito de água, teria escorrido uma gota de suor de sua testa. Por um momento desejou o ser, assim a umidade acabaria com seu tormento. Afinal, sentia-se inútil. De que serve um livro se não o leem, pensou. Ao atravessar a catraca enferrujada, um breu tomou conta de sua vista. Era seu fim. Sua única chance de viver fora daquela apertada e injusta prateleira acabava naquele instante. Ouve-se a volta da catraca acompanhada de silêncio. Bastaram três segundos para que um feixe de luz ofuscasse seu campo de visão. Estava do lado de fora. A energia do prédio havia acabado no exato instante em que a garota cruzava a saída. Um golpe de sorte. Via pela primeira vez o céu, árvores, pássaros. Nasceu dentro de paredes e já foi colocado numa caixa e transportado para a biblioteca, como doação. Sua capa se abriu como quem sorria. Foi interrompido com um solavanco. Sua cúmplice de fuga, ainda que acidentalmente, subiu no ônibus. Sentada, com a bolsa no colo, percebeu o livro. Surpresa, fitou aquele desconhecido por um instante. Era mais uma primeira vez dele, alguém o encarava de frente. Ela o pegou e folheou algumas páginas. Ele sentiu cócegas e prazer por ser finalmente folheado. A garota olhou pros lados desconfiada. Levantou-se e depositou o livro num bolsão transparente instalado no vidro atrás do motorista. Ficou ao lado de uma apostila de concurso. A

alegria durou pouco. Um passageiro que se levantava, deixou cair água no plástico que o acomodava. As gotas que escorriam pareciam lágrimas. Sobe e desce. Senta-se e se levanta. Ouvia repetidos sons de catraca dando a volta, e recordava daquele som que antes representava sua liberdade. Anoitecia e ninguém se interessava por ele. Fim da linha. O cobrador já saía quando parou em frente ao livro, tirou de sua mochila um outro, amarelado. Trocou os dois de lugar e desceu satisfeito.

Pedro diniz Franco

Pedro Diniz de Araujo Franco. Pedro Franco. 15/03/1935. RJ. Cardiologista em atividade. Professor Emérito UNI-RIO, Professor EMC-RJ de centenas de alunos, inclusive filho e neta. Emérito ABRAMES e SOBRAMES-RJ. Remido SBC. Membro UBE-RJ com medalha Antônio Olinto. Livros publicados 22, sendo 11 de contos, 6 crônicas, 3 teatro e 2 de ensaios. Em 196 coletâneas. Prêmios literários: contos 270, crônicas 164, poesias 107, livros 26, ensaios 26, peças teatrais 9. 25 prêmios literários auferidos fora do Brasil. Trabalhos editados em livros ou revistas de Medicina, 105. Últimas publicações. Moças de pousadas, Seleto Editorial/2020 e Ensaizando Simplesmente, Arte Impressa Editora/2021.

Conto

Pedro Franco.

William Faulkner. “quando seriamente explorada, a história curta é a mais difícil e disciplinada forma de escrever prosa.”

A palavra conto deriva do termo latino “compūtus”, que significa “conta”. “Um conto apresenta um grupo reduzido de personagens e um argumento não demasiado complexo, uma vez que entre as suas características aparece a economia de recursos narrativos”. É possível distinguir entre dois grandes tipos de contos: o conto popular e o conto literário. Devem-se às histórias orais, que passavam de família em família, o primeiro tipo de conto. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador e personagens. Segundo outras definições, o conto não deve ocupar mais de 7.500 palavras”. Já bastam as limitações dos editais de determinados concursos literários que delimitam o máximo de duas laudas. Já encontrei concursos de contos com apenas cento e quarenta toques, seria o mini mini conto. O mini conto teria no máximo uma lauda e com as características de restrições acima anotadas. Sem querer ser agressivo acredito que estes mini contos estão para o conto, como a aldravia está para o soneto. Outra definição de conto. O conto representa uma história completa e fechada como um ovo. É uma célula dramática, um só conflito, uma só ação. A narrativa passiva de ampliar-se não é conto. Poucas são as personagens em decorrência das unidades de ação, tempo e lugar. “O conto se assemelha a uma tela, em que se fixasse o ápice de uma situação humana”. Vemos que as definições de conto pululam e quando algo permite numerosas definições, é porque nenhuma abrange toda a riqueza, no caso, a definição de conto.

Eça de Queiroz foi ao conto. De J. Tomaz Ferreira, no livro “Eça de Queiróz Contos”, “Nota introdutória. Eça de Queiroz - O homem e a obra”, livro da “Publicações Europa-América, Ltda”. Editor Francisco Lyon de Castro, Mem Martins, Portugal, 2000. E nas considerações sobre o romancista destaco e sem nem de longe concordar com as observações feitas ao romancista por J. Tomaz Ferreira: “Da obra de Eça se encontra de todo em todo ausente a análise da dinâmica dos grupos sociais, do seu contraste mútuo, do entrecocar dos seus interesses. Não encontrará eco nele o tema da exploração, tão visível, por exemplo, em Balzac e Zola, e a abastança dos personagens é um dado adquirido sem raiz nem explicação conhecida, e cujas consequências funcionam apenas em benefício do favorecido.” “Correndo, embora, o risco de cair em heresia, atrever-nos-íamos mesmo a afirmar que o artista consegue um brilho mais claro quando conta do que quando romantiza.” Não concordo, visto que julgo Eça primoroso e corajoso romancista e apenas bom contista, ainda que destaque “Civilização” como ótima obra.

Em “A Arte do conto” Raymundo Magalhães Júnior estabelece tipos de conto, a saber, em verso, fantástico, de muitos donos, de canibalismo, moral, epistolar, o de teatro, policial, satírico, de hipótese e breve. Se Magalhães Júnior descreve o conto em verso, vou acrescentar um tipo ao gênero e é o conto canção e, entre milhares pelo mundo todo, cito duas músicas, “Morro Velho”, de Milton Nascimento/Celso Brant, na voz daquele anjo barroco, contando a história de dois meninos, o filho do fazendeiro e o filho do colono, crescem e a vida dos dois muda. Outro conto cantado é “Strange Fruits”, poema do Professor de Inglês Abel Meeropol, musicado depois por ele sob o pseudônimo de Lewis Allan e que fez sucesso na voz dolorosa e rascante de Billie Holiday. Os frutos estranhos eram os corpos dos negros mortos pela Klu Klus Klan e pendurados em árvores. Acho que

os dois exemplos são significantes. Já indagaram quais meus contos prediletos e entre muitos e põem muitos nesta lista, citei quatro. “O curioso caso de Benjamin Button”, de Scott Fitzgerald; “O rouxinol e a rosa”, de Oscar Wilde; “O presente dos Magos”, de O. Henry e “Missa do Galo” de Machado de Assis. Sobre O. Henry, que é nome artístico, vale dizer que poderia ser outro conto citado como favorito do neste ensaio, a saber, “Prisão sem grades”, ou, “A última folha”. Muito de sua pena saiu quando estava preso e com suficientes razões jurídicas para seu confinamento. Talvez dos citados contistas O. Henry seja o mais poético e acre ao mesmo tempo, quem sabe em função de sua atribulada vida. Volto a enfatizar algo sobre Scott Fitzgerald e que de fato me marcou, por inesperado e peculiar. Scott vivia em Paris, gastando e gastando e os dólares não vinham dos ótimos romances do escritor e posso citar “O Grande Gatsby”, “Suave é noite”, “O outro lado do Paraíso”, “Belos e malditos”, enfim livros da melhor qualidade literária. Em 2011 fizeram lista dos cem melhores livros escritos no idioma Inglês e o Gatsby só perdeu para o “Ulisses” de James Joyce, livro este de difícil leitura, ao contrário do romance de Scott Fitzgerald. O livro “Seis contos da era do jazz” talvez tenha vendido mais que o Gatsby. Neste da era do jazz está um dos quatro contos, entre outros, que gostaria de ter escrito. “O Estranho caso de Benjamin Button”. Levaram o conto ao cinema, não entenderam a evolução cronológica do personagem principal, contrariaram Fitzgerald e se salvaram apenas os efeitos especiais, desta vez não defeitos especiais. Quanto ao “O Rouxinol e a Rosa”, de Oscar Wilde, um dos maiores gênios literários do mundo, pois trafegou com elegância no conto, no romance, no teatro, na poesia e nos paradoxos, sem perder valor literário em nenhum dos gêneros. Sobre o citado conto há que aceitar que é sumamente machista, belo e extraordinariamente romântico. E se o autor vivesse em um lustro mais adiante, não teria sofrido tanto em sua vida particular. Wilde se exilou em Paris e morreu triste por defender “O amor que não ousa dizer seu nome” (vide magnífica

tradução desta poesia por Ferreira Gullar). Vale então explicar porque incluí o conto de Machado nesta lista de textos escolhidos sob um critério eminentemente pessoal e com obras que não têm muito em comum. Citei um conto estranho com a vida correndo de forma inversa; um romântico, de amor; um de ternura, amor e desenganos da vida e um de conotação erótica. Um Machado de Assis erótico? Sim, erótico e no melhor sentido da classificação. Há que lamentar que erotismo e pornografia estejam sendo confundidos até em literatura e tanto esta confusão está estabelecida, que encontrei classificada como poesia erótica a de um Mestre Poeta, quando mesmo de boa vontade não fogem de pornográficos os versos publicados pós morte. Talvez a desculpa para determinados poetas ocorra, pois, as publicações destas poesias são póstumas. Esvaziar gavetas de autores famosos, falecidos, pode desencadear aflições, ainda que beneficie herdeiros. E eis que Mestre Machado, que é eclético, como nenhum outro escritor em língua portuguesa, pois foi ao romance, vários e magníficos, poesia (ah, Carolina), ensaios, dramaturgia, traduções e crônicas, algumas atualíssimas, pois abordam assuntos políticos, como se hoje tivessem sido escritas. Machado nos sai com um conto especial, escrito também nas entrelinhas, nas intenções, em nuances de gestos e vestes. Pode parecer forçado afirmar que um autor escreve nas entrelinhas. Se não descermos a explicações, seria como comentar a obra de um pintor de renome, dizendo que o melhor da obra ficou por trás da tela. Um pintor ainda pode pintar algo, que marque época, suas interpretações, e então nas entrelinhas de sua pintura terá abordado algo, que não aparece explicitamente na tela. O filme de Ettore Scola, “O Baile”, conta uma história por meio das músicas dançadas e sem falas. Nas entrelinhas das músicas e com as mudanças das vestes dos dançarinos se conta a história da época nazista na Itália. E como um escritor pode escrever nas entrelinhas? Basta contar com a colaboração do leitor. Então seria preciso uma combinação do escritor genial e Machado é, e um leitor. O leitor

de Missa do Galo, se tornando especial, adicionará as intenções de entrelinhas ao que leu. Machado é tão Machado que transforma leitores comuns em leitores especiais, pois, com sua sensibilidade, oportunidade de dar ênfase a determinadas frases, vira o leitor em parceiro, cria climas e faz um conto aparentemente de costumes, transcender a erótico. E são duas pessoas trocando frases em uma sala, vestidas na moda e recatadamente; Conversam e conversam, não infringem os ditames morais daquele momento (“Era pelos anos de 1861 ou 1862”), os bons costumes da época. E vem um borra botas ver erotismo na conversa amena, educada e civilizada; E assim fica até o fim. E, teimo, Machado de Assis escreveu um formidável conto erótico. Foi esta sua intenção? Creio que foi e fez com perícia cirúrgica, dissecando e deixando ver paixões escondidas, devaneios, desenganos e nem por estas razões menos palpáveis, sem méritos. Vamos entrar no conto e pescar aqui e ali, algo que dê cunho, ao que apregôo. “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal”. A Dona da casa se chamava Conceição, era mulher de Menezes e Nogueira, o de dezessete anos, com eles morava, para prestar os exames preparatórios. Adiante Machado nos conta. “Menezes trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era tudo muito direito.” “Conceição entrou na sala, arrastado as chinelinhas da alcova“. “Que velha o quê, D. Conceição?” “Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir.” “Não estando abotoadas, as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderia supor.” E Conceição lhe diz, comentando a altura da fala de Nogueira: “_ Mais baixo! Mamãe pode acordar.” “Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabara de cruzar as pernas.” “Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei

para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja.” “E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos.” Ocorreu de fato uma química obscura entre Nogueira e Conceição. Ele nos conta, ela ficou acordada e, para usar um termo em voga, fez seu charme. Nem Conceição sabia que em breve estaria viúva, mais uma das viúvas de Machado de Assis. E Nogueira, depois daquele período no Rio de Janeiro, nunca mais viu as graças de Conceição.

Voltando ao conto, gênero que já produziu mais lucros monetários, vale encontrar nas biografias de Scott e de Zelda Fitzgerald que o casal vivia à tripa forra em Paris de vender contos e enfatizo que o romance “O Grande Gatsby”, só perdeu para o “Ulisses” de James Joyce, na escolha dos melhores livros escritos em língua inglesa em todos os tempos (lista de 2011). Scott viveu de escrever contos e vendê-los às revistas, muito mais do que com a vendagem de seus livros. Viver e gastando muito e por vender contos deve ser fato raro, mesmo na literatura mundial. Que revista compra contos? Um comentário que se impõe, é que sendo o Brasil país com muitos contistas, porque só Machado de Assis foi citado? Sempre há o receio das omissões inadmissíveis e, vencendo temores, vou listar contistas notáveis e sem qualquer compromisso de ordem cronológica, ou de conceito de valor, fiando-me na memória e no gosto pessoal, até porque muitos romancistas e dramaturgos e mesmo poetas foram ao conto com arte. Citar cronistas é desnecessário, porque raros cronistas não foram ao conto/crônica, ainda que em matéria de definição este novo gênero, citado agora, ainda é mais complicado para definição, já que algumas crônicas têm corpo de cão e cara de gato, conto. Vamos à lista e da forma

anunciada. Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Teles, Monteiro Lobato, Wishner Fraga, Mário de Andrade, Heloisa Seixas, Fernando Sabino (lembra-se do homem nu?), João Ubaldo Ribeiro, Osman Lins, Medeiros e Albuquerque, José Condé, Rubem Fonseca, Clarice Lispector, André Telucazu Kondo, Dalton Trevisan e por aí vai e com mil outros não citados. Há contistas que se julgam e são excelentes contadores de histórias, mas se queixam da crítica que os questiona, por não inovarem. Um destes contadores de histórias, que fazia biscoitos finos, faz-me lembrar queixas dos críticos em relação à obra de Fernando Sabino, reclamando que o grande escritor mineiro só fazia biscoitos, ao que ele aduzia biscoitos muito finos. Com absoluta razão, defendeu-se. E quem escreveu “O Encontro Marcado” não precisa de defesa.

Em contra partida li contos que não me abalaram e, segundo doutos, deviam ter me posto em êxtase. James Joyce (Contos Dublinenses), Franz Kafka (Um médico rural, único livro, que dedicara ao pai e pediu que não fosse queimado), Alice Munro (O amor de uma boa mulher, com seus livros de contos chegou ao Prêmio Nobel de Literatura, 2014). Olga Tokarczuk ganhou o Prêmio Nobel de Literatura 2019 e, ainda mais renomada é pelos seus contos no livro “Os viajantes“. Da autora li “Sobre os ossos dos mortos”, estranho romance policial, baseado também em astrologia. Confesso que estou tomando coragem para enfrentar seus viajantes

E qual é o futuro literário do conto? Ficará em redoma para grupos literários, ou voltará às revistas e jornais, havendo então mercado financeiro para contistas? É difícil fazer qualquer previsão otimista.

O enfoque final fica aos cuidados de um contista americano, William Saroyan, tipo conselho a quem se inicia na difícil arte de escrever contos. “Esquecer Edgar Allan Poe, O. Henry e todos que escreveram, o que quer que seja, a fim de cada qual possa compor o tipo de conto, de que se sinta capaz.” Temo que

esquecer grandes autores não seja recomendável. Saroyan aconselhe é que se tenha cuidado em não copiar ídolo literário e sim enveredar por terreno próprio, conseguido com inspiração e muito trabalho na leitura de contistas famosos.

Pedro Monir Rodermel

Pedro Monir Rodermel é catarinense, do interior do estado. Formado em economia, escreveu alguns livros técnicos nesta área e também o romance “Do destino, de asas e de fantasmas” e os infanto-juvenis “O jacaré sonhador” e “As caixas magníficas”. Seus poemas não foram editados.

Primeiro verso

Andei infinitos, feitos de raios, abóbodas e pássaros velozes
Que inesperadamente pousam em mastros
De navios despedidos sem adeuses.
De repente fixam ancoras parecidas com
Punhos de homens
Que não conseguem abrir as mãos
Para acenar antes da partida.
Vejo então, a água verde que
Anômala parece marrom,
Uma cor profunda como o castanho dos olhos
Daquela que tentou chorar ao sentir a partida
Deste barco habitado por homens que lembram arbustos,
Algas ou vagas sustentadas por sereias.
Que canto romperia este grande vulto
Navegando como dantes não houvesse tido
Outros mares navegados,
Acumulado em seu casco
Espumas, algas e peixes petrificados?
Talvez sinta como marinheiro
Que ao mostrar seu moreno e assombroso corpo
Expõe desenhos que lhe tatuam na alma
Os lugares que ainda tem por explorar.

Segundo verso

Não sabemos porque a noite

Atravessa indelével gerações

Causando sempre esta impressão

De negra ausência regressada

E desesperada ânsia de encontros.

O negrume, tentamos explicá-lo

Aceitando que as cores diárias

Apercebem-se de sua efemeridade

Ao cair da noite.

A ausência, esta inexplicavelmente

Exacerba-se quando

As companhias encolhem-se

Com este frio de cores noturnas

Transpassando-lhes a alma.

Aí saímos,

Figuras desesperadas,

Buscando nos encontros furtivos

Algo que nos aqueça um pouco,

Que recupere em nós cores outras

Capazes de apresentar matizes primárias

E escandalosamente solares.

Terceiro verso

Onde se ouvem os ecos dos gritos que dei
Sequela de revoltas, que em revoada
Arrancaram de mim sentimentos turvos
E os espalharam impiedosamente
Sob céu inclemente e negro?
Que são dos sombrios ais
Derrubados em endereços incertos?
Como duros seixos entrelaçaram-se
Para formar figuras difusas,
Como se não compusessem a matéria
Cálida e diáfana dos fantasmas.
Agora que me acomodei,
Com o pó dos anos acobertando uivos e arranhões,
Gostaria de recolhê-los e por capricho,
Encaixotá-los em caixa nobre
Embrulhando-a em papel de seda
Cor de galáxias e,
Com lindo laço de crepe indiano,

Dá-la a ti,

Para que quando a abrires

Saibas que também eu

Agonizei e soltei berros,

Ainda que inutilmente.

Phillipe Sakai

Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional. Colunista da Editora Hecatombe/Urutau.

espirometria

- Inspire.

sobre o pó aspirado

transpiração

o orvalho dos dias

esfumaçados

no cinzeiro grande

bitucas ofegantes

tropeçam tão cinzas

quanto o céu

apagado

o fôlego ausente

sopra a fuligem

dos colarinhos pretos

dos descamisados

com enfisema

os versos são curtos

onde falta ar e poesia

o peito se ocupa

com outras coisas

- Expire.

Rafael Crestani

Me chamo Rafael Balieiro Crestani, sou de Maringá-PR e tenho 23 anos. Geógrafo de formação, sempre gostei dos versos e das letras. Tenho muito interesse em idiomas, poesia e esportes. Escrevo buscando uma espécie de refúgio, uma saída, uma forma de expressão que se dá em mim mesmo. Uma forma de conversar comigo. Também gosto muito de história e muitas vezes isso transparece em meus escritos. Acredito que uma excelente forma de compreender o agora e almejar o futuro é olhando (e enxergando) um pouco do passado, do que fomos, de forma geral.

Flor de Papel

Das suas formas, perfeição
As suas dobras, feitas a mão
Foram sinais da perspectiva
Da ilusão

O seu trabalho, admirei
Imitei e ressignifiquei
Mas dentro de uma caixa,
Infelizmente guardei

O seu projeto de nação
Esvaiu-se, desapareceu
Como tantos outros escritos
Foi ignorado e apodreceu

Nas pétalas, o tempo
Marcas de uma paixão
Mudança de estrutura,
Decomposição

Desse país que nos faz estrangeiros
Estranhos entre conhecidos
Dos direitos que não temos
Dos combatentes falecidos

De todos os nossos rios

O de sangue ainda é o mais caudaloso

De gente

Gente verde, amarela, azul anil

Ninguém nos mata mais do que o Brasil.

Escritores de *Brasilis*

De todas as rotas e caminhos
Oriundos dos pontos cardeais diversos
Da periférica periferia
Mundo distante, outros universos

Das casas de Maria
Do interior perverso
Do Brasil, terra *Brasilis*
De solo fértil e granjeio incerto

A cidade é grande
seja a carioca ou paulista
O interior é maior,
exprime o sabor de conquista

Mesmo de lá, eles aparecem
Munidos com rimas e versos
Atiram caracteres
Alvejam amontoados e dispersos

Se fores atingido por uma frase solta e desconexa
É permitida a onomatopeia
Mas saiba que não és vítima e sim afortunado
É apenas um dos Escritores do Brasil
“Verseando” o país de “cabo a rabo”.

Raphael

Carmesin

Natural de Belém/PA, Servidor Público Federal, Mestre em Educação, tem publicado textos (poesias, contos e crônicas) em coletâneas desde 2009, por meio de Concursos Literários.

Beijo de Vó

Raphael Carmesin

Nunca entendi mania de gente rica. Sempre trabalhei em casa de família, desde que tive que largar a escola para sustentar o meu filho, sozinha. Modéstia à parte, faço o meu trabalho direitinho. Não é à toa que meu nome corre, de boca em boca, nos condomínios fechados que arroteiam a comunidade.

Cedo já estou no batente. Ninguém ouse me tomar por relaxada ou preguiçosa. Mas, confesso que tenho um privilégio: tenho com quem deixar o menino. Sim, isso é uma vantagem aqui na vizinhança. Meu privilégio se chama Maria da Conceição, minha mãe.

Por isso, não entendo mania de gente rica: praticamente, todas as casas que frequento entregam os seus velhos para o asilo! É de cortar o coração. Embora não seja de fuxico, eu sei disso porque é impossível não ouvir as conversas de família. Tudo fica mais doído, ainda, quando chegamos na casa e conhecemos o idoso, a idosa, até um dia qualquer em que nos contam: “Mamãe? Ah, achamos melhor coloca-la numa casa de repouso...”.

E não falo isso por me sentir melhor que ninguém. Podem até maldizer, insinuando que não faço o mesmo porque preciso, ainda, da ajuda de D. Maria. Mas a verdade é que acho isso até pecado.

Eu sei que é difícil cuidar de idoso. D. Maria, minha mãe, que o diga! Acordava de madrugada para lavar roupa para fora a fim de nos sustentar. Cansei de vê-la, xícara de café ao lado, cigarro na mão, costurando vestidos ou, como diarista, voltando para casa tarde da noite para acordar antes de todo mundo.

Com uma vida assim, não tem outra: a gastura chega cedo, os cabelos brancos, as rugas, as moléstias. Posso não ter percebido de pronto que minha mão envelhecera. É difícil, porque nos acostumamos com aquela pessoa cheia de

energia, como se feita de ferro, fazendo de um tudo. Até que um dia, de súbito, a memória fraquejou, os olhos falharam, a perna amoleceu e tive a revelação: mamãe ficou velha, cheia das dores da velhice.

Mas isso é coisa da vida. Ninguém vai ficar para pedra. Problema que essa gente rica se livra dos pais por coisa besta. Como alguns velhos já esquecem de tudo ou são chatos como o diabo - e torram a paciência de seus filhos -, são mandados para casas de repouso. Mas no fundo, acredito que quem quer repousar, mesmo, são os filhos e fazem isso para manter a consciência limpa.

Eu não conseguiria. Deus me livre se um dia ficasse rica para me livrar de D. Maria! Não. Acho que todo velho tem que morrer entre os seus, dignamente, como um memorial da família. Essa gente rica não tem passado, história, recordação? Se tem, acredito que não ligam para isso.

Não imagino deixar o meu filho sem as histórias e os beijos da vó. Os dois são muito ligados. A quem D. Maria contaria as suas aventuras de criança, ainda na Bahia? Ou como ela foi uma das primeiras da comunidade que organizou a luta pela regularização fundiária da comunidade? Como ele saberia as histórias da África, dos nossos antepassados, de gente que está em nossas raízes?

Caso fosse rica, pagava todo o tratamento, cada remédio e consulta de minha mãe com gosto - ela merece -, desde que sempre estivesse do nosso ladinho. Ao contrário do que ela mesmo pensa, ela é o nosso repouso, o nosso pouso, o nosso querer estar.

Digo isso, porque às vezes a pego chorando pelos cantos do nosso barraco, olhando para o céu, através da janela, murmurando sabe-se lá que rezas. Embora não confesse, eu sei do que se trata. Chora sua velhice, lamenta a sua dependência. Não poucas vezes diz que queria morrer, que não queria dar tanto trabalho, consumir tanto gasto.

Eu repito, no entanto, que isso não é favor, nem se trata de mera obrigação moral. É amor, amor a quem, de certa forma, forjou o nosso mundo, pelo menos o mundo que conhecemos; que nos ensinou a falar e a enfrentar a sina, a correr atrás do nosso quinhão.

Agora, vendo o noticiário, percebi quantas famílias perderam os seus velhos para o Coronavírus. Até os indígenas, coitados, estão perdendo os seus antigos. E eles são como eu, sabem que os antigos têm os fundamentos, o conhecimento, o jogo de cintura para a vida. Quando morre um, é como se tocassem fogo em uma biblioteca.

Não quero dizer com isso que D. Maria fosse letrada, longe de mim. Ela pouco estudou, sabendo rabiscar, quando muito, seu nome. Mas ela sabe ler a vida ao redor e, quando conta seus causos, traz consigo poesia e graça.

Esses dias mesmo, me disse, como se falasse um segredo, que achava que o Presidente não gostava de velho, que para ele, velho era descartável. Desconversei o assunto. Ela estava certa, mas não era de bom tom alimentar essa prosa. Meu filho ouviu a conversa e logo veio falar para ela tirar essa ideia da cabeça. Que ela podia ser descartável para político, mas, para ele, D. Maria era preciosa.

Os seus olhos marejaram. Estendeu os braços para o menino e, como todos os dias, antes de dormir, beijou-lhe a cabeça. Foi aí que pensei: pobrezinhos desses filhos de gente rica. Terão todos os celulares de última geração que quiserem, mas jamais terão beijo de vó.

Renato Passos de Barros

Nascido em Uberaba/MG, no dia 21/04/1973, Renato Passos de Barros é professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Distrito Federal/SEDF. Viveu boa parte de sua vida no Distrito Federal nas cidades de Taguatinga, Ceilândia e São Sebastião. Escreve versos e prosas desde 1988. Sua poesia sofre influência das periferias onde morou. Parte do seu repertório poético pode ser encontrado na internet em em blogs, sites e no youtube.

Antes do circo, o pão

Antes da carne, a alma

Antes do medo, o trauma

Antes do enredo, a trama

Antes das drogas, a fama

Antes do vômito, a ânsia

Antes de ver a distância

Antes da ordem, eu peço:

Antes da música, o verso

Eu procuro chamar a atenção:

Antes do circo, o pão!

Já que lá fora é duro

E a vida então ensina

Que depois dos trinta

Qualquer sorte é vinda

Sem reclamar...

Eu procuro também não me importar

Antes da chuva, o vento

Antes do choro, o lenço

Antes da cura, o câncer

Antes que o dono alcance

Antes de tudo, o nada

Antes da luta armada

Antes do luto, a paz

Antes! ... se alguém for capaz!

Eu procuro chamar a atenção:

Antes do circo, o pão!

Se a cidade é santa,

Canta, pula e dança

E a fome, então, se some,

É que o trio avança

E não pode parar...

Eu procuro também não me importar

Eu não nasci ontem pra tentar não entender

é bacana bancar o boa praça,
fingir que não tem desgraça
nesse mundão de Deus! ...

mas ser um cara fingido
também não é comigo,
a mentira não convenceu! ...

se todos topam um bacanal,
apaga a luz e, no final,
quem é que mais se fodeu?

eu não nasci ontem pra tentar não entender!

que o pobre sofre e morre
de alegria não sei do quê

eu não nasci ontem pra tentar não entender!

o pobre tá esnobe,
é cantor pop de caraoquê!

vem baú lotado
de sovaco e pé inchado,
vô bodando, tô um caco

a grana se escafedeu

que porra de esquema fraco!

todo peixe vai no vácuo!

canalha pistolão,

tira a mão do que é meu!

esse lance de ser legal,

pra mim, é k ô,

mas não faz mal

tô de boa, vou com Deus...

eu não nasci ontem pra tentar não entender!

que pobre sofre e morre

de alegria não sei do quê

eu não nasci ontem pra tentar não entender!

o pobre tá esnobe

é cantor pop de caraoquê

Somos nós nossos heróis

rebento é o choro do grito
de escrito registro em ata
violentas margens mudas
empurram águas futuras
até a foz desde a nascente
deságua então suas mágoas

somos nós nossos heróis!
faróis sem lanterna ao breu!
abreu paga só depois
pouco leite, muita boca
beija o beijo, morde e assopra
amor de aluguel vencido

somos nós nossos heróis!
só bem na hora nem sempre
espreita a vigília à noite
prisão e acoite aos suspeitos!
se o defeito vem de fábrica
quem fabrica a classe rica
senão os heróis que são deles?

somos nós nossos heróis!
o algoz do fogo inimigo!

boteco e as portas pra baixo
declaram guerra às formigas!
ninguém mais e o resto é o resto

antes do galo cantar
no batente da labuta
somos nós nossos heróis!
no baú sempre lotado
e repete o dia a dia
vezes quatro em ritual
nas filas dos hospitais
ficam os pais, mas vão-se os filhos
fora dos trilhos, bem longe
uma hora em paz chega enfim
só pra mim sobram vocês
mas pra vocês... quase nada

Renato Soares de lima

Renato Soares de Lima, moro em Porto Alegre, engenheiro civil, formado na UFRGS, 69 anos, natural da cidade de Rio Grande / RS. Nos anos 70, participei de concursos literários, publiquei contos nos jornais de Porto Alegre e nos Cadernos Literários da UFRGS. Retornando, agora, à literatura, voltei a participar de antologias e publicações na internet.

Socialização

Morávamos há uns dois anos naquele condomínio. Inicialmente, fui contrária à ideia de nos mudarmos para lá, mas meu marido insistiu: a cidade estava muito violenta, nosso filho com apenas cinco anos, trabalhávamos em locais distantes, não poderíamos estar sempre presentes... Terminei concordando, pois, além de tudo, o lugar era realmente lindo com seus inúmeros gramados e vários locais para as crianças brincarem. Nosso filho, Otavinho, adorou. Longe, se avistava o oceano e a praia. À direita, estendia-se, para martírio de meu esposo, a favela.

Como assistente social, algo que sempre me incomodou foi o fato de vivermos “encastelados”. Otavinho cresceria em meio daqueles muros, como se também não pertencesse ao mundo além dos mesmos. Desejava que ele tivesse uma gama maior de contatos, principalmente com pessoas de outras classes sociais. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que transpor aqueles limites.

Nesta época conheci uma colega que trabalhava na escola situada em meio à comunidade de nossa vizinhança. Era recém-formada, o idealismo ainda pulsando forte em todas suas ações. Trocamos experiências das nossas atividades paralelas: ela na escola da favela, eu em um colégio de classe média.

Logo foram demarcadas as diferenças existentes entre nossos trabalhos: os garotos do morro espremidos em ruelas, brincando sobre uma laje, em um prenúncio de um futuro *funk*, as pipas sendo empinadas como um aprendizado de duplo sentido; por outro lado, meus alunos possuindo mais condições de elaborar brincadeiras, o faz de conta contra a realidade do desafio corporal.

Conversando com meu marido, tentava lhe mostrar o quão difícil era o crescer para aquelas crianças, sem um apoio externo. Para seus pais, a escola não era um fim, mas apenas uma passagem obrigatória, pois a necessidade de auxiliarem no sustento da família, logo ali adiante, iria se impor. Ele, racionalmente, tentava me demonstrar que tudo na vida dependia de nós mesmos, da nossa capacidade de superação.

Aconteceram, então, alguns incidentes: jovens do condomínio que costumeiramente compravam drogas de nossos vizinhos tiveram alguns desentendimentos com os fornecedores e, por consequência, sofreram alguns safanões. Nada, além disso, pois eram considerados “clientes regulares”. Como não podiam contar a seus pais a verdade, inventaram uma história que, resumidamente, os colocava no papel de vítimas totalmente isentas de qualquer envolvimento. A consequência imediata foi a convocação de uma reunião

extraordinária do Condomínio para resolver os problemas da violência que nos ameaçava.

Muitas discussões, pessoas quase se agredindo, enquanto eram propostas medidas radicais contra aqueles malfeitores, ao mesmo tempo em que muitos alertavam sobre a possibilidade de represálias. Foi quando lembrei de minha nova amiga e elaborei a seguinte proposta: “quiséssemos ou não, éramos vizinhos e teríamos que apreender uma maneira de convivência pacífica. Precisávamos criar algum elo de comunicação. Por exemplo: viabilizar um processo de socialização entre as crianças da escola e nossos filhos”. Mais gritaria, protestos, mas o temor falou mais alto e ficou resolvido que poderíamos fazer uma tentativa, antes de partir para ações drásticas.

Como iríamos fazer isto? Concluimos de que o primeiro passo seria aproximá-los através de uma festa. Depois, de posse de novas avaliações, poderíamos elaborar um plano de continuidade. Deste modo, em um belo domingo à tarde, no salão do Condomínio, organizamos o evento. Já, então, contávamos com o auxílio de outros pais (mães, em sua maioria), alguns movidos por um espírito solidário, outros visando, antes de tudo, minimizar a insegurança que nos rodeava.

O grupo de alunos escolhido foi o de crianças até seis anos (abandonamos a ideia de série, pois haveria muitos alunos com idades superiores por não terem conseguido ultrapassar os primeiros anos escolares). O mesmo critério serviu de opção para as crianças do condomínio. Eu e minha colega seríamos as responsáveis, auxiliadas por pais locais e dois funcionários da escola. Não pudemos deixar de perceber certa tensão acompanhando os fatos: seria a primeira tentativa de aproximação entre as duas comunidades geograficamente tão próximas, mas, socialmente, muito distantes.

Uma mesa repleta de petiscos era o atrativo principal, acompanhada de alguns balões e brinquedos. Quando o furgão estacionou, conduzimos todos os pequenos para dentro do salão (senti que, com este gesto, estávamos, na verdade, protegendo as crianças visitantes de um grupo não muito amigável de condôminos. Talvez tenha sido a razão para não realizarmos a festa na pracinha dos brinquedos). Lá dentro, nossos filhos esperavam os visitantes. Já tinham sido devidamente preparados para o papel de “anfitriões”.

Inicialmente, constrangimento, curiosidade e timidez. Depois, no entanto, começaram a interagir: as primeiras trocas de informações, a possibilidade de brincadeiras conjuntas. Conduzíamos o encontro oferecendo ideias, aparando arestas. A primeira divergência que surgiu foi uma discussão sobre quem era o dono da praia situada ao pé do morro. Um dos garotos da escola

argumentou que seu pai havia dito que eles eram os donos, pois moravam naquelas encostas muito antes de aparecerem os tais condomínios. Nunca me ocorrera, até então, imaginar que aquele pedaço de litoral era também um símbolo de *status* para a comunidade, pelo simples fato de ser um dos belos postais de nossa metrópole.

As nossas crianças estavam acostumadas, quando de seus aniversários, a terem sempre cartazes de personagens infantis famosos e animadores contratados. No entanto, naquele dia, tudo transcorria diferentemente. Eles eram participantes e, ao mesmo tempo, condutores de sua própria diversão. Não precisavam se submeter a um programa pré-estabelecido por profissionais contratados: criavam suas próprias brincadeiras. Alguns reclamaram desta ausência, outros se sentiram “mais donos do pedaço”.

Também constava uma pequena tradição em que, ao final da festa, todos ficassem encostados na parede do fundo do salão, fechando os olhos, enquanto eram escondidos alguns brinquedos. A posse de cada um ficaria com aquele que tivesse a sorte de encontrá-lo. Uma das mães sugeriu que deixássemos aquela brincadeira como um *gran finale*.

Tudo transcorreu dentro do que pretendíamos, com pequenos contratempos de teimosia e choro. Algumas crianças já se mostravam exaustas, nos levando a tomar a decisão de realizar o último entretenimento. Avisamos, então, que esconderíamos alguns brinquedos para eles procurarem. Como era costume, um dos pais gritou: “Todo mundo pra parede!”. Os pequenos visitantes seguiram correndo atrás de nossos garotos até o fundo do salão, onde se encostaram à alvenaria. Nesse momento, ficamos todos imobilizados. O quadro era deprimente e assustador: enquanto nossas crianças encostavam a frente no braço, junto ao muro, cerrando os olhos, os aluninhos da escola estendiam seus braços para cima, de encontro à parede. Mantinham as pernas afastadas e os olhos abertos, prontas para serem revistadas. Seus olhinhos apreensivos contrastavam com o olhar enigmático de nossos filhos: “o que estava acontecendo?”.

Eu e minha amiga nos encaramos tristemente. Era o momento em que o lúdico se misturava, de maneira grotesca, com a realidade. Procuramos nos recompor e explicamos, o mais detalhadamente possível, o teor da brincadeira. Seria um longo caminho a percorrer...

Tem Leite?

Agradeço e a cliente sorri, mas quando leu o jornal, não deve ter me achado tão simpático. Naturalmente, soube que eu estava metido no meio daquele rolo. Como não estaria, com o meu estabelecimento tão perto do prédio? Também li aquelas baboseiras todas, tudo muito romanceado... Sim, aconteceram momentos emocionantes (esses jornalistas têm um jeito danado de revestirem com poesia e sentimentalismo, fatos que, na realidade, são bem diferentes).

Acompanhei tudo desde o início. Como os demais, imaginei que fosse outro acidente em meio a esse trânsito louco. Não dei muita bola, pois, principalmente naquela esquina, quase todos os dias acontecem: um morto a mais, um morto a menos...

Quando surgiram os primeiros rolos de fumaça e a gritaria do pessoal preso no prédio, é que nos demos conta da tragédia. Senti uma tremedeira ao ouvir os gritos e os rostos desesperados se comprimindo nos vãos das janelas. No jornal, descrevem aquilo tudo dentro de certa racionalidade, mas o único elemento presente era o desespero. Um dos poucos fatos sombrios que noticiaram, foi o do acesso ao terraço. Um dos guardas me confirmou: o pessoal que conseguiu chegar lá, na frente dos demais, trancou a porta de ligação ao corredor. A justificativa foi: como os helicópteros iriam realizar o resgate se o terraço ficasse lotado? Omitiram, também, que algumas pessoas se feriram propositadamente para serem levadas em primeiro lugar. Como culpá-las? Afinal, suas vidas estavam em jogo, era uma questão de serem mais rápidas, mais espertas, mais fortes... No dia a dia, não é assim que agimos? Não ludibriamos para obter uma pequena vantagem? Somos criados em uma concorrência que exclui titubeios... Isto não é buscar um lugar no terraço? Subir até o topo rapidamente, utilizando todos os recursos possíveis, atingir o local antes de a porta ser cerrada, conseguir o emprego tão sonhado e ao

alcance de poucos... Meu Deus, tanta competição por qualquer coisa, como agir quando a morte nos ronda?

Relembro a multidão defronte ao prédio, assistindo às pessoas se jogarem em total desespero, e, ao mesmo tempo, torcendo para a atuação arriscada dos bombeiros. Percebendo quão frágil é a condição humana, sua finitude tão presente... Sentindo-se recompensados quando os soldados salvavam outra vida. Renascia a esquecida solidariedade dentro de suas existências mesquinhas... E não me venham falar baboseiras sobre esses “heróis do fogo”. Já li notícias envolvendo alguns desses homens em situações bem complicadas: laudos adulterados ou encobrendo irregularidades... No entanto, neles, como em nós, ainda existem valores que dignificam a sua condição humana. Valores que, nesses momentos, dominam seus sentidos. O instante em que uma pessoa se defronta com algo superior ao racionalismo de sua jornada diária. Somos gratificados ao notarmos que, por um gesto ou ação, voltamos a nos incluir na honesta e singela essência da raça humana.

No entanto, foi quando resolveram arrecadar leite, devido à intoxicação dos sobreviventes, que entrei na história. De maneira bem atravessada, para falar a verdade. Os primeiros visados foram os bares da redondeza. Conseguiram uma pequena quantidade até entrarem em meu estabelecimento. Meu estoque era grande naquele momento e percebi que teria um belo prejuízo. Rapidamente lembrei-me dos gritos desesperados, mas junto vieram as lembranças dos anos sofridos para erguer meu comércio, do desespero de tantos amigos com seus sonhos destruídos pela competição implacável. Tudo se resumiu, dentro de minha cabeça, como aquelas frases motivacionais repetidas nos cursos empresariais: “um verdadeiro negociante jamais desperdiça a ocasião que lhe bate à porta”. Então, tornando-me surdo aos gritos, mas coerente com minhas escolhas, proferi aquelas palavras: “o órgão público teria de se comprometer, por escrito, a pagar todo meu

estoque de leite”. Já tonto devido àquela confusão, ouvia outras vozes que sussurravam: “paga-me pelo pão que te alimenta, paga-me pelo serviço que recebes, paga-me pela diversão que te ofereço, paga-me pela saúde que te conservo”.

Outros agiram da mesma forma e fomos todos presos. Na delegacia, até o momento de nos liberarem, pude vislumbrar trechos, em uma televisão, da reportagem sobre o acontecimento. Imaginei aquelas enormes e terríveis labaredas dançando em tantas telas, em tantos lares, fazendo as pessoas se emocionarem, enquanto surgia uma confusa sensação de que elas também sobreviveram... Sim, aquele noticiário deve ter atingido os maiores níveis de audiência.

– Tem leite, seu Francisco?

– Claro que tem, minha senhora. Para as boas freguesas, sempre guardo uma caixinha.

A realidade dos dias volta a me abraçar, me devolvendo aquele velho sentimento de segurança.

Rhalija Zaccaron

Rhalija Zaccaron Rocha, estrangeira, a tentar expressar o inexpressável por intermédio das palavras.

Sonho 2 - Esfolado

Seguem-se os contos da beira-mar,
Empalidecidos como as ondas tortas.
Contam-se, diante das ondinas, a suar,
Encerrados nas dádivas oferecidas as gaivotas.

O medo livre engoliu o escrivão da jornada,
Que entristeceu ao naufrágio invisível.
Mortificando;
A mais e mais poesias queimadas.

E assim confusos, fogem do calor feito répteis,
Chupando toda ossada dos demônios.
Que quentes, e na penumbra, inertes,
Têm o gosto do sangue em lábios tristonhos.

O espetáculo mordisca fundo, inundando.
E dentro d'água, o todo silencia.
Dançam saltitantes sob o pêndulo,
E os sons do estômago sinfonizam a carnificina.

É o oceano, em seu choro atropelado,
Chupado pelas gretas enviesadas.
Enquanto é atravessado por seu segredo velado,
Abrem-se os braços da esperança castrada.

Vislumbrando toda poética portuária,
Sob o píer, mil faróis queimam nessa selva.
As ossadas vestem estátuas calcárias,
E mais chimpanzés ardem na fogueira, sem trégua.

Canta; canta a figura de vermelho,
E chupa todos os complexos mentais.
Escorrendo, como fel, nos chifres do mar velho,
O náufrago queimado roga por mais.

Como o amanhã ou como os credos,

Os fiéis roem seus silêncios em uníssonos.
Corroídos pelos inflamados medos,
Vestindo mais vermelho, pelos que somos

Retificando, com latão, seus dentes amarelados,
Suas preces estão implantadas em olhares sem nome.
Chupando a ignição lépida dos emaranhados,
De pés descalços e estigmas sem prole.

Consome-se o naufrago, em carne nova,
Sob a areia, brilhante de vidro estilhaçado.
Percussa de vermelho o caminho; sinagoga.
Soprando em brasas como um cão coitado.

Sucumbe o espetáculo e sucumbe o destino,
Sucumbe o passado na boca dos demiurgos infelizes.
Saboreando do oceano, seus inquilinos,
Projetados sobre a sombra, de nossos sonhos temíveis.

Encerram-se os contos, caem corolários,
De um oceano onde dormem os danos.
Calam os dançarinos, chupando os incendiários,
Plenos de sua santidade, entre temor dos meridianos.

Rodrigo Briveira

Rodrigo Briveira é professor, poeta, videoartista e tradutor. Autor de *Deve ter fim* (Edições ¼, 2017), *O pecado de voar* (Edições do Escriba, 2018), *Escombros* (Edições Temulentas, 2019) e *Plumas* (2020). Nascido em Belém (PA), também produz videopoemas que são publicados em seu canal no YouTube, colabora em revistas literárias e faz parte do coletivo de poetas “Povo da Noite” desde 2017. Em 2020 colaborou na Revista Zunái com a tradução de dois poemas da Laura Yasan, poeta argentina.

A utopia do corpo dos fluidos e das sensações

após a pandemia tudo será erótico

a promessa de um beijo

corpos desconhecidos

se tocando nas filas

olhos combinando olhares

bocas combinando línguas

o aperto de mão será uma

carícia entre palmas

e o abraço se revelará como

o prazer de uma entrega total

a cumplicidade das palavras

unirá os idiomas e

tudo se realizará no silêncio

as quatro paredes ficarão apertadas

o calor da presença de outra pessoa

será um frisson elétrico

mulheres e homens andarão

de mãos dadas com amantes e amores

ninguém ligará pois na pós-pandemia

o ódio e a intolerância baixarão

a guarda e o mundo fará amor pela

primeira vez em séculos

realizaremos a utopia do corpo
dos fluidos e das sensações
troçadas a todo instante

sem esquecer dos horríveis dias
de penúria faremos de cada dia
uma chance de sermos melhores
reconstruiremos o mundo
como quem descobre novas
posições de ser feliz

Oh estrela em minha transparência

oh estrela em minha transparência
desperta dentre as direções que ainda desconheço

põe-te às cegas a oeste das distâncias que trago
sempre à minha frente e interrompe a escuridão
e quebra o antirreflexo

infiltra tua imagem no meu ser
ante o silêncio do que ainda não sou
ante a carne que encerra o verme & o pássaro

pelo teu olho miro a porta mítica
a próxima novidade e o início da luz
morrerei sob a tua substância e quando chegar a hora
nossas ossaturas serão um único esqueleto

oh pantera faminta sobre minha geografia
sobre minha quilha letra pontiaguda contra
minhas reticências

concede-me um desejo
deixa que eu me torne aos poucos o teu avesso
e colha de ti a flor-de-fogo que arde na pedra
do meu peito

Fruta-lâmina

I

pelo gume

da faca caminho

sem pressa

a hora fatídica

me decepa

II

dou exemplo

aos outros apesar

de não o ser

espalho pela

cidade os meus

pedaços

III

a língua antes lambia

agora pulsa

ao invés do coração

respira em

contra-partida

ao pulmão

promove a

digestão mais que

o estômago

a língua injeta

no mundo

o metal bárbaro do

inominável

IV

tomo tua carne

ó palavra

recebo-te em

minha boca

nosso sacrifício

fruta-lâmina

hóstia de aço afiada

entre os dentes

V

trago enfim

no grito

o golpe e a
hemorragia

o sangue em
flor se revela

viver é se doar
se doar releve

Santos Santos

17 anos, nascido em Salvador e naturalizado cidadão do mundo. Não é de hoje que sou apaixonado pela escrita. No entanto, algo me diz ser, enfim, chegada a hora de fazer algo de mais concreto a respeito. Nada publiquei, nenhum livro escrevi. Verdadeiramente, nunca tive um poema sequer a ser exibido em plataforma pública. Enfim, espero que esse seletto compilado de relatos trans-reais e surreais (nem por isso menos reais), do topo - ou fundo - de sua sinceridade social (como gosto de chamar), seja de alguma consonância com o trabalho da revista Caxangá.

A verdade arrebatadora dentro de nós

Hoje é um daqueles dias de extensa reflexão em que a conclusão alcançada não é a que desejávamos, mas a que, contrariados, assumimos ser aquela que precisávamos concluir.

Não quero ser prolixo ou sinuosamente titubear para chegar ao ponto, mesmo que “o ponto” machuque mais que qualquer outra realidade. Direi logo, sem tergiversar. Direi, por conseguinte, de uma vez por todas. Arrancarei brevemente o “band-aid” para que não nos excedamos em nosso desventuroso sofrimento.

Devo, antes, apenas por consideração à tua pessoa, advertir que a notícia que carrego é terrivelmente trágica e que não sinto nenhum mórbido prazer ao dirigire-la. A verdade é que até náuseio - só de pensar, por um segundo, em fazê-lo. Experiencio o desagradável sentimento de aperto em meu coração, de tal modo que nunca o faço. Hoje, no entanto, hei de fazer. Por isso acomode-se e prepare-se! Porque isso que estou para te contar deixar-te-á de cabelo em pé.

Pseudônimo: Santos Santos

O desabaraço e suas outras quimeras

Averbaria, sem dúvidas, em tais tendências a minha pessoa - não fosse o veredito de Clarice Falcão, em Capitão Gancho.

Não complicasse tanto, a criptografia da biblioteca de Babel, que tanto esconde os futuros ditados populares, estaria eu no centro do miolo do olho do furacão.

Não fizessem, a seu modo, tão rudes os retirantes, a verdadeira panspermia cultural, trazendo de Hollywood a cajuína que eu precisava para me refrescar, ao pé da soleira da sociedade iria eu, implorar por uma ou duas migalhas de pertencimento.

Tão sempre te dizendo pra viver um dia de cada vez, mas é muito fácil pra esses cabeça de vento esquecer que um dia tem 24 horas; mais fácil ainda é esquecer que num dia tem 8 bilhões de pessoas, 5 continentes, 7 mares, 100 anos de solidão e muito mais estrelas do que podemos contar.

Não vamos perder de vista que o que realmente importa não faz diferença nenhuma, ok, amiguinho?

Internar-me-iam. Blindados às minhas súplicas, levar-me-iam e abusar-me-iam, sob a inegável força psicológica que concedia a expectativa da alternativa forca.

Mas tanto me amastes! Esbravejaria, em outro tempo, uma tora de carvão, antes de carbonizar completamente em uma fogueira da inquisição. Seus lábios, ainda orgânicos, revoltar-se-iam, impotentes, contra a injustiça cometida pelos que um dia os beijaram.

Não é que importassem, brutos e inconsequentes, os pensadores do início e do final, fazendo a cabeça da pífia parcela do povo que ainda insiste em se “inteirar” - e, no molde da incompletude, abdicar da orgulhosa e inegável herança do relento.

Pseudônimo: Santos Santos

Statement político

Entre as rosas, eleita a preferida.
Como rosa, o melhor pé de chuchu.
Ei, Bolsonaro,

Pseudônimo: Santos Santos

Salomão Vieira

Salomão Vieira , 36 anos , reside em Florianópolis/SC . Possui graduação em Licenciatura - Letras Italiano pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018). Atualmente é técnico em enfermagem do Hospital Universitário - UFSC . Tem experiência na área de Educação, atuação em pré-escolar, anos iniciais e educação básica.

Cine

Astor

Só se ouvia gritos, gritos e algazarras.

Era para ser uma sessão de cinema, onde todos poderiam sair repetindo falas das personagens, mas isso era impossível, já que o único som que enchia a sala era dos espectadores, gritos, choros de crianças, pedidos de silêncio, objetos caindo por terem sido lançados ao ar, pipocas e latas de refrigerante.

O filme era de um herói dos quadrinhos, empenhado e com super poderes, mas mesmo assim aquele grande salvador não conseguiu salvar aquela sessão.

O cine Astor, tradicional cinema da cidade, que antes recebia a alta sociedade, com poder aquisitivo para pagar a entrada, que se mantinha calada e prestando atenção ao que se passava na tela, o que em si já era um diferencial já que nem todos poderiam retirar o valor do ingresso de seu orçamento doméstico ou mesmo que economizasse para ir, o ambiente era distinto, encarado como algo que exigisse uma solenidade, cultura que exige um respeito. Respeito ao seu dinheiro e dias de trabalho, ou respeito às outras pessoas que ali estivessem. Era algo para ricos, para quem entendesse o valor de partilhar o ambiente, não interferir no outro, no civilizado contato com o outro. E caso algum desavisado, ou animado frequentador quebrasse a lei do silêncio era retirado do ambiente pelos “lanterninhas”, funcionário que andava com uma pequena lanterna, prontos para ajudar algum atrasado a encontrar seu lugar ou aquele que precisou de uma rápida ida ao banheiro ou mesmo ir na bomboniere, o único som permitido era os das mandíbulas triturando a pipoca, isso era chic, porque até mesmo o barulho dos sacos plásticos na tentativa de abrir um chocolate ou bala era recriminado, arrancava olhares fulminantes, prontos para lançar raios de destruição. Plateia interessante, já que o cheiro amendoado e forte de perfume patchouli e o doce dos “pó de arroz” das maquiagens se misturavam com o cheiro dos cigarros e charutos que produzia aquela luminosidade próximo ao rosto dos espectadores em

contraste com a luz refletida do projetor na tela, o que para quem alcançou a capacidade de refletir a luz do politicamente correto, facilmente chegaria a conclusão de que essa mescla de cheiros incomoda bem mais que o som de uma bala sendo retirada da embalagem. Mas não para eles, não para aquele tempo, junto com a fumaça a virilidade dos homens também era sentida, assim como queimava nas mulheres a inveja deixada pela elegância das damas representadas na tela.

Pois bem, esse requintado local, teve seus solenes frequentadores soprados pelos ventos do progresso, outros cinemas foram criados na cidade, sala com mais recursos, mais conforto e com ingresso mais caro, e para o cine Astor que para sobreviver foi obrigado a eliminar ou mesmo mudar a rotina de trabalho dos “lanterninhas” e reduzir o valor da entrada, sobrou os considerados periféricos, sem educação e pobres miseráveis que na tentativa de transformar o dia de sua família em algo “diferente” e de aproximar os filhos e a si mesmo aos solenes, sem que tivesse que esperar o filme pirata vendidos nas ruas do centro da cidade, pagavam o ingresso da sessão, aquele dinheiro, mesmo que agora o valor era mais acessível ainda assim fazia falta no orçamento no final do mês. E esses frequentadores faziam jus aos adjetivos que lhes eram empregados, pois embora lá estivessem, do grande herói, história garantida pela compra do ingresso, pouco se ouvia.

Os ventos dos novos tempos são impossíveis de parar, no sopro seguinte o Cine Astor confrontado com as baixas bilheterias, novamente fez mudanças. Fez mudanças na arquitetura, decoração, produtos disponíveis para venda e gênero dos filmes.

O que antes era uma grande sala com um telão e uma sala de projeção na parte superior, deu espaço para 3 ambiente, a grande sala com telão se manteve ainda que com menos fileira de poltronas que provavelmente ocupou o segundo

ambiente, que retirou os equipamentos já ultrapassados de projeção de filmes, para ganhar um tela e um acesso por escada, o terceiro ambiente é um anexo do segundo, onde a iluminação é alimentada apenas pelo pouco flash das cenas dos filmes. Cores vermelhas e pretas, com cartazes dos filmes nas paredes decoravam o lugar. Balas, gomas de mascar, chocolates, cigarros, bebidas alcoólicas de diferentes teor e preservativos agora eram facilmente encontrados na bomboniere. E os filmes nos seus novos espaços, que contam sobre grandes heróis, têm personagens com performances prolongadas com domínio, sensualidade e atributos físicos avantajados.

Com faixa etária restritiva respeitada os demais frequentadores dos outros momentos do Cine Astor, receio que sejam os mesmos a comprar os bilhetes e rolar sua catraca, na diferença que esse rolar de catracas passou a ser rápido e com rostos ruborizados ou levemente encobertos.

Os barulhos de embalagens sendo abertas, gritos e palavrões de efeito, mãos e nudez não são mais recriminados, pelo contrário passou a ser incentivados, o único contrato de cavalheiros presente é que a ilusão que acontece ao passar a bilheteria que possibilita se deleitar com a luxúria, seja mantida sigilosa.

Paulatinamente é uma palavra que com certeza não expressa os últimos ventos soprados em direção ao Cine Astor, mas rápido que um ciclone bomba, um pandemia, fechou as portas de todos os estabelecimentos que promovem aglomeração de pessoas.

As portas do Cine Astor estão fechadas, até quando ? Não posso dizer...

Quanto aos seus frequentadores, não duvido que seguem na clandestinidade .

Sammmis Reachers

Nascido em 1978 em Niterói, mas desde sempre morador de São Gonçalo, ambos municípios fluminenses, Sammmis Reachers é poeta, escritor e editor, autor de oito livros de poesia e dois de contos, organizador de mais de quarenta antologias e professor de Geografia no tempo que lhe resta - ou vice-versa.

A ilha

Depois de apenas três meses esqueci o meu nome. Não me ocorreu escrevê-lo: Estava ocupado, sobrevivendo.

Os anos não podia esquecê-los, pois há comigo um Patek, um relógio que roubei sob certo sol, em certo mês de primavera, em alguma cidade do subcontinente que fora um dia chamado América do Sul - e este, sabe-se lá o porquê, é dos poucos dias de que recordo.

*estronda e tomba o tempo,
luz lilás,
obscuro óbito,
carretel de coisículas enrodilhadas em escaravelhos.
estrondestranhoastro brilha e berra no sobreorizonte
Eu, Gregor Samsa, Heinrich Faust,
Rodion Românovitch Raskólnikov, Leopold Bloom
estelionatário confesso-me:
Degredem-me.*

Nesta ilha em que me acoitei, amontoei-me de lacunas: Além do comprometimento do sistema respiratório, o vírus tinha um outro efeito, não colateral, mas secundário e utilitariamente sádico: Apagar memórias.

Exempli gratia: Não sei mais como cheguei aqui. Lembro de cenas numa lancha, e isso finda o memorial.

Nesta pequena ilha encontrei uma imensa casa e oito cadáveres espargidos em sua estrutura. A ausência de ferimentos pode indicar que foram mortos pelo vírus. Avento hipóteses; era eu o dono do lugar? Um funcionário? Um amigo, parente do proprietário? Tudo que tenho é o estar-aqui, tudo que sei foi que aqui cheguei.

Na pequena biblioteca, livros em diversas línguas. Na única que conheço ou penso conhecer, uma coleção dita “Clássicos da Literatura”. Suas páginas sedimentaram-se como minhas únicas companhias, aqueles poucos livros em capa vermelha, seus personagens, suas personas. Suas biografias e transenlaces na vida passaram a ser os meus, eu o desmemoriado, eu o de pulmão fulminado por um vírus que não me lembro onde peguei e que deveria ter me matado mas não matou (sei apenas que uma guerra grande mastigou as coisas humanas, todos contra todos).

*Já nascemos com a turbada gravidade
de sobreviventes de um naufrágio
Raça desmemoriada
quimiocontrita no corpo de um,
tênue tempestade nas folhas,
vírus multicelular em busca de não sei*

*Sparrings sem rosto no ringue do Tempo
Tentando encaixar um soco
encaixar um soco no Tempo sem rosto*

*Sorvo o cheiro de adocicada humidez
do mar poluído
suas águas, biografia físsil
heteronomia
deixo para trás
um cabaré de dias
carrossel das frivolidades seriadas optativas
sou o morto memorial da aldeia*

Há algum tempo me ocorrem poemas. Era poeta? Não sei. Mas acredito que não. Tanto que quando escrevo, nem me sinto: É como uma possessão. Será então a poesia, ou a atividade poética, uma demência das faculdades cerebrais?

Lá fora houve uma guerra, uma guerra de finalmente acabar com tudo. Meus frangalhos, a ilha, o lixo feito de lixo e destroços que o mar traz, dão conta do que não lembro e no entanto sei que aconteceu.

*Lá fora:
Lá na imbricação dos mesmerizados
lá onde o progresso deflorou as virgens esfaimadas
que se lhe apresentaram;
progresso, demônio que aluiu os homens
lá fora
lá em Lugarnenhumlalaland,
Lalaland, Lalaland, Landautecland...
Terras de Tsobororo e Anfrau, expurgai-me*

O barco que me trouxe jaz sem combustível; os geradores à diesel da ilha morrem da mesma sede. As frutas que como, as pequenas aves e répteis, talvez suportem meu pequeno consumo, mas e daí? Eles virão? E quem são eles, e quem sou eu? Como temer um passado que ignoro? O esquecimento, falsa liberdade ou paz provisória, me trai: Lembro ter roubado um relógio. Fui ladrão? Antes ou depois da ruína do mundo, dos mundos? Talvez tenha roubado por fome, talvez por vingança.

Alguém lá no além da ilha, ou no tudo dito *além de mim* (pois sem um nome, entendi finalmente o estigma que nos conforma, e contra o qual relutamos com a arma que pudemos, adaga cega que resolvemos chamar História: se sou um *homem*, tudo é *além*), deflagrou uma guerra universal, e ele talvez ainda esteja lá, e ele talvez ainda me encontre. Ou já me tenha encontrado e esquecido, nesta ilha-mausoléu, neste Alzheimer biodeflagrado por um vírus genocida.

Escrevo palavras na areia, ou poemas, essa forma primitiva de civilização das palavras, e cismo: Talvez não tenha existido uma Segunda Guerra Mundial, ou uma Primeira. Sequer os morticínios, enquanto eventos isolados, de Ruanda ou do Kosovo. Talvez seja tudo uma única e ininterrupta guerra, da morte de Abel ao Armagedon. Sem dias de trégua.

*Ilha feridenta,
antologia de chagas
Calangos e fragatas desintesteados e assados,
culinária de dramas, axiologia
do que é poético, capuz que ao homem encerra
cutelo que o penetra na cavidade cardíaca,
estaca de nulificar vampiros*

*Ilha tropical e sua mansão deserdada,
saguís sangram em seus saguões
e não lhes há aviões,
não há fuga
da nave-desespero em que o Homem
nadaformou a Terra.*

Carta a cidade *engrandecida*

Triturandário

Labirintopia

Indústria encapatória

Saloon dos Emancipados

Grande cabeça-de-ponte-para-trás, retorno ao útero

Caixa rotatória

Skyline das mais altas

empáfias

veneno de rato pra finalizar os pequenos

marsupiais

chamados de empatia

ultraurbe

gestante duma gravidez de risco

cujo parto nunca acontece

mas todo dia quase

o dia todo um susto

saciado a pão e circo e cocaína

(r)efervescência, prostituição

do espaço em esmerada arquitetura

prostituição dos últimos,

teus pilares:

quebra sistêmica da cadeia fraternal

ilha fiscal

solidão arquitetada

fogo frio

heterotumba de LED

dos mortos-vivos

despátria púnica

Carta à chuva

Coração do ciclo
escada de Jacó
sagrado elo dos elos da atmosfera

maré vertical
megaérea foz

vivificadora dos que vivem
lânguida metralha

terapia de tudo
imperatriz perfuratriz
perfuumidificadora

poliárquica beijoqueira
reordenadora dos relevos
facilitadora dos aconchegos

debeladora das chamas da morte

apressadora dos desavisados
festim dos pueris, dos pu(e)rificados
de idade ou espírito

cascata multitudinária
catarse líquida

não aparte de nós
sua presença transitiva
nem sobeje
sobre nossas ruas impermeabilizadas

Carta à praça

Acontecedouro

Marco urbano, campo de insurgência

Do matagal

Lugar de apoio

De outros tantos tão lugares

Amortecedouro

Do fluxo antrópico

Canino, felino

Depositário de efígies

Historial da micro-história

Educandário da paz vadia

Grande taba destapada

das aldeias de paralelepípedo e asfalto

Lugar-cratera em meio aos não-lugares

Civilizado maldito depósito humano

Toda urbe é um acidentado, um corpo maculado

de mil ranhuras, fraturas, lacerações

- Praça, esparadrapo estético

Encobrimdo da urbe as cicatrizes -

Topofrenagem,

ilha d'oceanos secos que não sangram

Área de praticagem

Do futebol com o ansiado ou inesperado filho

Do primeiro beijo do jogo de damas do primeiro

trago num cachimbo de crack

e noutros tombos da liberdade

Sergio Shargel

Mestrando em Literatura pela PUC-Rio, mestrando em Ciência Política pela UNIRIO. Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo e Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, ambas pela PUC-Rio. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas amplos como fascismo, autoritarismo, populismo, pós-memória, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau. Publicou em veículos como Nexo, Cantareira, Dignidade Re:Vista, Ribanceira, Valittera, HanzemAG, e outros, além de diversas traduções para a Folha de S.Paulo. Apresentou trabalhos em eventos como Seminário do fim para frente, Mostra bosque, CLAEC, Póscom, entre outros. Organizou a vigésima sétima edição da Revista Escrita.

Plágio

Contemplando o infinito

(O horizonte, a morte, a beleza)

Penso num poema

Mas já foi escrito

Assim como o infinito também o foi

Que pena

Procrastinação

Com muito medo,

Da chuva, procrastinei.

E fiz um haikai.

Thamires Andrade

Thamires Andrade é psicóloga e psicanalista. Cria do interior de SP, vive na capital mas nunca deixou de ser caipira. Publicou “Meus melhores poemas eu não escrevi e esqueci” (Patuá, 2019) e tem poemas em revistas, prêmios e antologias diversos.

Mundo grande

o mundo é tão grande
impressionante o tanto de
já não cabe mais

será preciso empilhar mundos
grandes
uns sobre os outros
com grandes pontes e escadas
entremundos e nos vãos
depósitos verticais

vai ter um mundo só de gente procurando uma segunda chance
entre um depósito de sapatos
e outro mundo de reza que o cansaço emudeceu

o mundo é tão grande não cabe
tanto hoje
um mundo de telefone
hotel de luxo
tanta história de esquecer

vou fazer uma torre
de mundos gigantes
vai ter um todo só de lixo sobre
um de senhas de banco
outro embaixo só de livros

que ninguém vai ler

Para nenhum fim

imediatamente

parar

depois de provar

da fruta mais doce

mesmo que seja o início ou

nenhum gosto

será mais que apenas:

um, e

como se fosse tudo

fazer sempre de conta:

é tudo

e é agora

e depois partir

correndo

como os cães na praça

que brincam ensaiando cio

Ouro

almas são feitas de oco

só o dito

- mesmo mal dito

há:

a palavra é de prata

o silêncio é ouro

de tolo

Urgente

urgente

precisamos de mais armas

vocês demoram muito

e dão muito gasto

antes de morrer

Thiago Batista

Professor, graduado em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2016). Poeta e Fotógrafo desde 2008. Em 2014 participou da Antologia Poesias, Crônicas e Contos, do IV Prêmio Proex/UFPA de Literatura. Atualmente pesquisador no GREAMAZÔNIA - Representações da Amazônia na Literatura, no Audiovisual e na Canção. E-mail: euthiagobatista@gmail.com.

Crônica

C

á

u

a

d

s

On

v

mnemônicas

o

de ti

e em ti

se esvaem

d

e jazem

r

todas

as

l

e

e

m

n

b

r

a

n

s

ç

a

a

s

s

O

esse nosso destino

de ser humano

não rutila ante a escuridão pálida e senil desses monstros engravatados
sorrindo cínicos em seus cadafalsos
indignos de mãe pai e pátria

esse nosso destino de ser

humano

pra vida & pra morte

para se nada for feito
agora

salto para a vida

uma criança

esperança

aquela

(dos olhos verdes)

suicida

toda derrota

uma rota

em toda escrita

o risco

da cripta

Thiago Gonçalves

Thiago Gonçalves Souza Alencar é nascido em Belém, Pará. Tem 35 anos e, depois de tudo, continua insistindo em ver e escrever o mundo através da poesia. Tem publicado o livro *Poemas abertos para janela e paisagem*.

Balada do cidadão de bem diante do catador de latinha

Do fundo do cesto do lixo
ele sacou um olhar.
Eu, que vinha tranquilo,
tratei de entocar meu celular...

- Tio, tem um trocado?
- Não, hoje não tenho;
(A carteira está no meu bolso;
e no meu peito, o que eu tenho
é medo, muito medo).

- Que isso, tio. Eu tenho fome,
eu tenho raiva e essas latinhas.
Um dia eu tive um nome,
hoje eu reviro quentinhas
que outros deixam pra mim:

o resto

que os cães também querem comer.

- E eu, com isso, que tenho eu a ver?

Tomo meu rumo.
Digo a mim mesmo:
o que é que posso fazer?
Se me deixo pensando muito,
latejam-me as dores do mundo
e me sinto adoecer...

Que tenho eu a ver?
Que é que posso fazer?
Já me sinto adoecer -
O que tenho, te disse!
E não quero ter que ver!

Faz cinza no dia de sol

O dia mais bonito
em semanas: o mau tempo insiste,
insuportável,
e por isso a flor, tão bela,
está morta.

A flor está morta.
O tempo insiste.

Canção da vendedora

A mulher percorreu o dia.
Cruzou o caminho da rua.
Desviou dos gestos que negam,
não quis desviar-se da lua...

Na boca da noite,
calada,
a sós descansou,
na calçada.

O pouco dinheiro contou
e o tanto de raiva passada:

baixou a cabeça,
dormiu ali mesmo,
indo pra longe desse mundo de merda.

Tiago Figueiredo de Sousa

Tiago Sousa é um estudante de medicina português com 21 anos. A sua escrita foca no seu psiquismo individual e na tragédia inerente à condição humana, afogado num sentimento niilista e misantrópico ante a blasfémia que é a Vida.

A ostra

O corpo nas mortalhas dissolver-se.

Como pérola, borbulhar nas ondas;

e ser da areia uma temida amante,

que vai e vem, com os preceitos da negra chuva.

Alavanca da celestial hidratação:

controlada pela lua;

e os dentes me vão com o dia: um colar de diamantes.

À noite, cada um se dá e se cintila,

sublimando por entre as nuvens como torpe animação.

Se o amor é prostituir-se, Baudelaire, porque será que sinto no meu peito, a vontade de mais não ser?

Ubirajara Gomes

Nascido no povoado de Sítio Novo, localizado no município de Jussara - Bahia. Graduando em medicina pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Teve os textos “Memórias de Natal” e “Na Cidade” selecionados para coletâneas do Projeto Apparere e publicados pela Editora Perse. Outro texto selecionado para participar de uma coletânea foi “O Distanciamento Familiar”, pela Produtora Mirenax. Atualmente publica alguns dos seus textos na Comunidade Literária Trema.

O Jantar Com Uma Amiga

Eu estou parado na porta de um restaurante e claramente muito nervoso. E esse nervosismo é compreensível, pois essa noite é mais do que especial. Ainda não posso dizer se esse relato será um romance com final feliz, ou se será uma tragédia com um final melancólico. Mas antes de tudo vale a pena contextualizar.

Já faz dois anos e meio que trabalho no telemarketing de uma grande empresa. E sinceramente não gosto nem um pouco do que faço, mas tem um motivo que ainda me prende lá. O nome desse motivo é Bárbara, minha colega de trabalho que chegou por lá há cerca de um ano. E foi já no seu primeiro dia de trabalho que ela me conquistou, sendo preciso apenas passar por mim e sorrir. Nunca antes um sorriso havia me balançado assim.

Eu sempre tive dificuldade em me aproximar das mulheres que me interessavam, mas dessa vez o universo me deu uma forcinha. Eu fiquei encarregado de ajudá-la nas primeiras semanas e, como ela parecia me achar divertido - ela sempre sorria quando conversávamos -, acabamos ficando próximos desde então.

Quando ela já tinha seis meses na empresa, percebi que me cumprimentava todos os dias e no horário de almoço sempre vinha conversar comigo. E nesse ponto meu dilema começou. Ela estava sendo legal por sermos amigos ou estava dando sinais? Na dúvida, acreditei ser apenas amizade. Desde então fui ignorando o que eu sentia por ela, apenas aproveitando a boa amizade que tínhamos.

Ontem à noite isso mudou e o que sinto por ela finalmente reacendeu. Isso aconteceu depois do trabalho enquanto eu a acompanhava até o ponto de ônibus, como faço quase todos os dias. Sempre aproveitamos esse momento para conversarmos sobre o que vier a mente. Não me lembro exatamente como aconteceu, mas quando chegamos no ponto estávamos falando sobre namoro.

- E quando foi a última vez que você namorou? Ela me perguntou.

- Eu tinha meus 17 anos ainda, foi com uma colega do ensino médio. 1 ano e dois meses de namoro - respondi. - E você?

- Quando comecei a trabalhar aqui estava namorando. Mas ele não gostava muito da ideia de namorar uma mulher que sai todos os dias para trabalhar - ela falou meio cabisbaixa. - Três meses foi o que o idiota aguentou.

Geralmente ela é quem mais tem assunto e sempre interrompe os momentos de silêncio, mas de repente ela ficou pensativa e parecia hesitar. Então, avistamos o ônibus dela virando a rua e começamos a nos despedir. Eu estava me virando para ir para casa, quando ela fala:

- Ei!

- Sim - me virei em sua direção.

- Você já quis algo a mais do que amizade comigo? - Ela manteve uma calma e segurança que me deixou impressionado.

Tentei responder, mas não sabia o que falar. Meu coração parecia querer sair da caixa torácica. Eu já tinha imaginado um cenário parecido várias vezes, mas com certeza não estava preparado.

O ônibus dela para. Ela me olha e parece arrependida da pergunta que fez, então se vira para pegar a condução. No desespero consegui falar algo:

- Olha... Minha amizade sempre foi sincera, eu juro. Não falo com você com segundas intenções, nem nada do tipo - falei quase gaguejando.

- Eu sei - ela disse com um sorriso compreensivo. - É que... Você é um cara legal. Achei que talvez... Talvez a gente pudesse sair e conversar um pouco. Sei lá... Gosto da sua companhia. E não tá fácil confiar em homens - ela estava nervosa e parecia insegura, o que eu não imaginava ser possível. - Mas... Esquece.

Eu sempre gosto de avaliar e pensar com calma antes de tomar uma decisão. Mas existem momentos na vida em que não temos esse tempo. E geralmente me arrependo das coisas que falo quando me sinto pressionado. Porém, dessa vez foi diferente, pois falei quase tudo certo.

- Eu quero! Vamos sair! Pode ser amanhã à noite? Podemos ir naquele restaurante italiano que você disse ser o seu preferido.

Ela deu um sorriso e pareceu aliviada. Concordou balançando a cabeça, não disse nada e entrou no ônibus.

Enquanto avistava o ônibus se afastar, meu corpo permanecia em êxtase. Não conseguia tirar meu sorriso bobo do rosto. Em seguida, fui caminhando em direção a minha casa e me perguntando se aquilo era mesmo real. Finalmente fui presenteado da melhor maneira possível. Mas, quando chego na porta de casa me veio um pensamento não muito bom. “No restaurante italiano? Onde eu estava com

a cabeça por sugerir um dos restaurantes mais caros da cidade?” Não gosto de pressão.

Ela me ligou hoje de manhã e marcamos de nos encontrar no restaurante às 20 horas. Agora aqui estou eu, na porta do restaurante. Coloquei todo o dinheiro que achei em casa dentro da carteira, pois não sei o tamanho do rombo que terei hoje. Mas essa nem é a minha maior preocupação, estou ansioso mesmo é para saber no que isso vai dar. Espero não estragar tudo.

Entro no restaurante e no mesmo instante um funcionário chega até mim e pergunta:

- Boa noite, senhor. Posso te levar até uma mesa?

Ao percorrer os olhos pelo restaurante, avisto quem eu tanto procurava. Bárbara está perto de uma janela com vista para a rua. Ela segura uma taça de vinho e parece inquieta.

- Eu já avistei quem eu estava procurando - digo de forma educada. - Com licença, ela está me esperando.

A cada passo em que me aproximo da mesa, mais eu fico nervoso. No momento em que ela me avista, parece relaxar. E sou recebido com esse sorriso que não me canso de admirar.

- Eu já estava achando que você não viria - ela fala sarcasticamente.

- Eu só me atrasei cinco minutos. Você sabe que isso é uma evolução - eu brinco. Ela dá uma risada leve e muito gostosa. Comecei bem. Me sento em uma cadeira de frente para ela.

Um garçom se aproxima. Ele pega o vinho que estava na nossa mesa e coloca um pouco na minha taça. Em seguida, avisa:

- Quando decidirem o que pedir, é só me chamar. - Logo depois, ele vai em direção a outra mesa.

- Nunca fui tratado tão bem em um restaurante antes - falo em um tom de estranheza.

- Pela gorjeta que eles pedem depois, isso é o mínimo - ela fala com um tom irônico. Rimos juntos depois do que ela disse, mas por dentro eu me preocupo de verdade com o valor dessa gorjeta.

- Lembro de você ter me falado que gostava de vinho uma certa vez - ela me diz apontando para a garrafa de vinho na mesa. - Então pedi esse pra gente. Espero que não se importe.

- Tudo bem. Eu adorei esse vinho. - O vinho é realmente muito bom, mas com certeza não é barato. Não é que eu seja um “mão fechada”, pois não me importo de gastar todo o meu dinheiro para estar aqui com ela. Mas agora me preocupo se vou conseguir pagar a conta com o dinheiro que tenho.

- Eu estava olhando o cardápio antes de você chegar. E vou pedir... *Gnocchi* - ela diz apontando para o cardápio. - Agora só falta você escolher o seu prato.

- Eu sinceramente não tenho muita experiência com comida italiana. Mas confio em você, então vou querer o mesmo. - Falei isso sem olhar antes o cardápio, o que foi um erro. Pois quando resolvo ver a foto do prato, o que me chama atenção é o preço. Com certeza eu não terei dinheiro pra pagar por isso tudo. *Quem me dera ter tido mais tempo pra economizar dinheiro.*

- Você vai gostar. - Ela chama o garçom e pede para anotar nosso pedido.

Enquanto a comida não chega, nós ficamos conversando. Ela parece sempre ficar muito tranquila pra conversar comigo sobre qualquer coisa, a impressão que eu tenho é que ela não se sente assim com mais ninguém. Eu pergunto se a família dela tem raízes na Itália, já que ela gosta tanto de comida italiana. Ela diz que não, que simplesmente comeu uma vez e não conseguiu mais parar. A partir daí, o assunto da nossa conversa passa a ser nossas famílias.

- Meus pais não gostam que eu ainda esteja solteira com 25 anos e muito menos que eu more sozinha. É novo pra eles uma mulher ser independente - ela diz com sua cara de deboche.

- Sabe... No começo me senti meio que “intimidado” por você. Mas hoje vejo que isso que era besteira e só consigo admirar a mulher incrível que você é. - ao escutar isso, ela dá um discreto sorriso.

A comida chega com uma impressionante apresentação e, felizmente, o sabor também é agradável. Conversamos e rimos muito até acabarmos de comer. Então o garçom se aproxima.

- Vejo que terminaram o jantar. Hoje sugerimos como sobremesa a *panna cotta*, é um dos nossos maiores sucessos.

- Não, obrigado. Estamos satisfeitos - respondo rápido.

- Fale por você - ela diz rindo. - Pode trazer um pra mim, por favor.

Com um sorriso sem graça eu dou de ombros. Eu tinha me esquecido que ela não brinca em serviço quando o assunto é comida. Poucos minutos depois a sobremesa chega e ela começa a se deliciar. Nesse momento dá vontade de também comer essa tal de *panna cotta*, mas eu sei que não posso pedir mais nada.

Enquanto ela está tão distraída com sua sobremesa, resolvo fazer as contas e verificar o meu dinheiro. A grana que eu trouxe e o limite que eu ainda tenho no cartão devem ser o suficiente. Porém, quando coloco a mão no bolso o pior acontece. *“Cadê a minha carteira?”*

Eu revisto todos os bolsos da minha calça pelo menos umas três vezes. Sinto minhas mãos suarem e tremerem. A sensação que tenho nesse momento é a própria definição do desespero. Torço para ela comer mais devagar, enquanto penso em uma solução.

Talvez eu possa falar com o garçom em particular, aí ele pode me entender e pendurar a conta. Ou então eu posso falar a ela que vou no banheiro, sair de fininho e ir de táxi até em casa para pegar a carteira. E se eu me oferecer pra lavar os pratos durante o mês todo?

Nada me parece muito viável. E eu já estou constrangido por antecipação. Minha cabeça está a mil. *“Mas qual a surpresa? Se eu não fizesse alguma merda pra estragar a noite, não seria eu, né?”*

- Sabe, é sempre divertido estar com você - ela interrompe meus pensamentos. - Acho que a gente pode pegar outra garrafa de vinho e continuar a conversa na minha casa.

Sinto uma pontada no meu peito e me seguro pra não deixar cair uma lágrima do olho. A noite que tinha tudo para ser perfeita, agora parece uma tortura. Eu quero contar a verdade a ela, mas não tenho forças. Aparentemente ela entende o meu silêncio como um consentimento, então chama o garçom e pede mais um vinho e a conta.

Eu não posso ser injusto com ela, preciso contar a verdade. Estou certo de que isso vai estragar nossos planos, mas não há mais o que fazer. Agora é contar a ela e depois conversar o garçom para achar uma solução. No momento em que abro a boca pra falar, ela abre a sua bolsa.

- O que você tá fazendo? - Pergunto.

- Ué. Estou pegando o meu cartão pra pagar a conta - ela fala como se fosse óbvio.

- Então... você vai pagar a conta? - Fico claramente surpreso. - Mas...

- Ei - ela me interrompe. - Nem ouse se oferecer pra pagar, pois fui eu que te chamei. Se quiser pagar a próxima, vai ter que me convidar.

Ubirajara G. Santos

Vanderlan Santana

Natural da cidade de Redenção/PA, atualmente morando em Formosa de Goiás; cursando Filosofia-EAD e formado em Direito e Pedagogia; tendo como paixão extemporânea a escrita de contos e crônicas, administrador do blog: <http://estoicosemnocao.blogspot.com>.

EU O PAPAÍ E A MAMÃE

Graças a seus olhos vivos, a sua língua afiada e a um raciocínio fluido, papai se tornou um exímio “vendedor” de leveza, detendo como ninguém a sabedoria de transformar o ambiente em que se encontrava em lugar santo, onde facilmente expurgava com sua alegria todas as miudezas que levávamos conosco. Não à toa que, em um diminuto espaço da Feira Coberta de Redenção, muitos se rendiam à barraca de verduras e ervas do “Seu Matias”, pois sabiam que voltariam para seus lares mais bem humorados do que na saída.

Em casa, somávamos cinco sobre a tutela de uma rígida e amorosa rotina, os dois filhos mais velhos ficavam encarregados exclusivamente de seus estudos - papai não cansava de afirmar que tinham potencial para viverem as vidas que bem entendessem; mamãe se encontrava encarregada da casa, almoço e lavaduras diversas, coisa que ela fazia em silêncio, mas notadamente feliz por ter a vida resumida ao mundo doméstico; papai cuidava dos negócios e das finanças da casa e, eu o acompanhava em tudo.

Lembro-me que, todo dia, às 5 horas em ponto, papai me acordava com suas cantigas, tomávamos o seu café amargo e íamos cuidar da horta: aguar as plantas, catar o mato que nascia amiúde e separar os melhores produtos para os dias de feira. Eu levava jeito para as coisas simples da vida, dizia ele. Aliás, isso me dava muita alegria, sentia que naquele mundo eu também era especial.

Acho que nunca fui de brincar, correr feito barata tonta, fantasiando mundos mirabolantes ou mover carrinhos de um lado para o outro como as outras crianças. Desde que me entendo por gente, o mundo de papai era o meu mundo. Só pensava em crescer e estar ali. Aliás, preferia mil vezes permanecer em casa, lendo todos os livros de filosofia, história e botânica de papai do que ir à escola, pois, longe de casa, o conhecimento parecia vago e sem sentido, um tanto quanto desnecessário para mim.

Sem dúvida, o meu maior interesse de menino era o de ajudar papai. Inventava de tudo para permanecer ao seu lado, sentir-me útil na vida prática. Tanto que, enquanto os outros dois estudavam sem sequer colocar os pés no chão sujo, era eu quem plantava as sementes e mudas, capinava, lavava as verduras, jogava veneno nas pragas, enfim, fazia o possível para resguardar a saúde debilitada de papai e enchê-lo de altivez.

Infelizmente, no dia do meu décimo terceiro ano de vida, o tempo engrossou. Pela manhã, não fui acordado por meio de alegres cantigas e nem pelo aroma saboroso do café de papai, nada disso. Naquele dia fui acordado pelos gritos desequilibrados de mamãe, dizendo que Matias era um covarde por escafeder-se do mundo e que jamais seria perdoado por um ato tão vil e repentino. Imediatamente, soube que dali em diante seríamos somente nós dois a sustentar a família. O que eu não soube na hora, foi que papai levaria consigo também a melhor parte de mamãe.

De lá para cá, os anos se passaram em dias sem fim, mamãe somou suas atividades às de papai, tendo eu como seu assistente diuturno, já que os outros, cumprindo as expectativas, foram viver a vida que queriam e nem me recordo da última vez que vieram nos ver. Não os culpo, há muito mamãe se fechou no trabalho e na arte de amaldiçoar o marido e além, enquanto eu, venho permanecendo sem vigor, incapaz de florescer.

Os dias de feira se transformaram nos mais longos e pesados. Mamãe sempre sisuda, no “toma lá dá cá”, mal olha para os clientes. Ela, sentada, fala os preços e sem se levantar, recebe as notas minguadas. Não é raro eu a pegar olhando com olhos marejados para as senhoras que transitam alegres com seus maridos a tira colo. Isso deveras parte o meu coração, mas por covardia não interfiro, finjo ser cego.

Engraçado que, embora papai ostentasse um lado misterioso, era muito tagarela, sem esforço algum podia-se ler suas ideias, seus anseios e sentimentos. Certamente, foi a criatura mais autêntica que já conheci. Quero dizer, conquanto, eu tenha herdado as qualidades de mamãe, não o julgo por suas preferências, penso que é desolador o preço a se pagar quando se ignora a lei da afinidade. Veja mamãe, que nunca fez distinção entre nós, no seu mundo somos apenas pessoas que a sociedade convencionou chamar de filhos, mas desprovidos de conceitos afetivos.

Não à toa reflito tanto sobre o que restou no coração dela, o que habita sua mente solitária e como fazer para superar nossas conversas de poucas e precisas palavras sobre o labor diário. Às vezes, imagino que sua existência foi completamente preenchida pela dor na ausência da única criatura que lhe valia nesse mundo, onde a vida é apenas um fardo que se acostuma a carregar ou uma tarefa divina que o senso de responsabilidade obriga a cumprir, mas sem colorido algum feito a escola dos meus tempos de menino.

Creio que tanto ela como eu chegamos ao limiar existencial no qual há possivelmente três opções: acampar na encruzilhada, aguardando que alguém escolha o nosso rumo; voltar ao início, percorrendo uma vez mais todo o caminho, ou romper a fronteira da ignorância, alcançando o *status* da compreensão e satisfação existencial. Por ora, indubitavelmente, estamos acampados na encruzilhada.

Vinícius Oliveira

Formado no Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design, pela UFJF. Cursa o Bacharelado em Cinema e Audiovisual na mesma instituição. Por criação, é de Resende Costa, cidade interiorana de Minas Gerais conhecida pelos teares centenários. Publicou seu primeiro conto, intitulado "As mulheres de Sangagré", na antologia "Bruxas", da Revista Conexão Leitura.

CERRAÇÃO BAIXA

Manoel de Miraúrbe era pintor pouco conhecido entre os artesãos que populavam Cruzadas. À época, ainda cidade de proporções médias que vivia do artesanato. A cidade possuía por suas veias teares, argilas, pedras e telas, além de turistas que perambulavam à procura de artefatos peculiares.

Tal qual contam, Miraúrbe não carregava outro desassossego senão o trabalho diário. Ritualisticamente, laborava oito horas, do início da manhã ao final da tarde, fixado entre as paredes de sua oficina-loja. Deixou-se correr pela ampulheta vital empregando, ao ofício, humilde ética que outrora fora do pai, pedreiro: construções sem assinatura; não eram por quem as fazia, eram pelo que eram.

Em algum momento, decidiu Miraúrbe, hora de se aposentar. Mas, como não sabia viver além do afazer, decidiu, também, ser hora de empregar o acúmulo de ideias em um feito derradeiro. O único que assinaria.

A janela solitária da oficina, moldura singela da paisagem que escolhera ser tema de tal empreendimento, denota uma Cruzadas em crescimento, apoiada nas memórias de Manoel de Miraúrbe e de tantos outros que ali viveram e ainda vivem. Na idealização do trabalho derradeiro, sabia que as memórias eram entrave. Desejava que sua última obra o impulsionasse ao futuro. Escolheu, então, se apoiar no fugidio agora como material pictográfico, se diferenciando de tudo o que tinha feito... consumado passado.

Nos primeiros dias de aposentado, montou o chassi da tela, a última, e esticou seu melhor pano. Tratou-o com os melhores materiais e pôs-se a pintar. No mesmo ritual que permeou sua vivência até então - trabalho -, construiu a paisagem urbana perfeitamente como a via. Tudo arranjado minimamente como era. Percebeu, entretanto, quando terminou em última pincelada empolgada ao

resultado, que já não era a mesma cidade. A empolgação se desfez, desmaterializou-se do rosto. A luz era diferente, os carros estavam em outros lugares, passantes já não passavam, e aquilo era passado. Era registro, no todo. Manoel de Miraúrbe, reflexionando o resultado, teve epifania de que não procurava registro, contudo. O que procurava não era marcar o presente em direção ao passado, mas o agora. Tão fresco quanto a tinta que ainda exalava o quadro. E o agora pintou.

Todos os dias, buscava exaustivamente a apreensão da paisagem, da manhã ao fim da tarde, em todas suas variações - luzes, nuvens, carros, pessoas. Qualquer elemento mínimo, fenômeno aleatório, que se dispunha oticamente para o obsessivo pintor, era notável de presenciar-se em tela. Notou que, no montante dos dias, havia pintado as transformações instantâneas das condições visuais que atravessavam a janela, mas perdeu de vista o crescimento de numerosos prédios, casas que haviam sido pintadas ou reformadas, lotes que foram limpos e terraplanados. Pôs-se a pintar novamente, retificando tais modificações e remoeu, calado, toda sua falta de atenção diante a paisagem, e cobrou-se por preguiçoso. Este erro não mais haveria de sua parte, assim cumprindo.

Pendurada na parede, a tela não sustentava mais seu peso, com as inúmeras camadas de tinta impregnadas na superfície, que aumentavam ao sinal mais sutil de transformações que Cruzadas denotava. A pintura, antes lisa, em perfeito nivelamento e respeito às regras de representação tridimensional sobre superfície bidimensional, desenvolveu sulcos e profundidades abissais que tocavam o pano. Também, adquiriu projeções vorazes que só não atacavam o espectador por falta de vontade, que ainda lhe faltavam - o que não demoraria a ter, se os desejos do pintor pudessem ser saciados de imediato. Este desejava vida absoluta.

Manoel de Miraúrbe, então, colocou a tela no chão. De cima a pintava, como Michelangelo às avessas. Um olhava ao teto, celestial e divino, e se tornou cego por

tal; este, só olha para o chão, imediato e mundano, minucioso quanto ao olhar, como criança aprendiz da andança, não deixando passar diferença sequer do relevo em que pisa, para não cair.

Cada ínfima transformação, lá estava retratada na pintura: os miúdos pássaros que cruzavam, as luzes se modificando a partir das estações do ano, os carros que iam e vinham, pessoas que transitavam, prédios que brotavam como plantações e o distrito industrial que mudaria o estado da cidade, de média para grande, em pouco tempo. Tudo estava lá. A perseguição pelo eterno-agora de Cruzadas conduziu Manoel de Miraúrbe por uma jornada pictórica de mais de uma década. Passados tantos anos entendeu, degladiando-se consigo e seu impossível objetivo, que para manter a pintura sempre no agora, teria de pintar ininterruptamente, até o dia final. O que, ao caso, fez. Contudo, foi tomado por medo crescente, pois sabia que um dia - o final - seria o que seu empreendimento não resistiria à força incomensurável do passado, e lá se colocaria, escorado à história - podendo, definitivamente, nem ser lembrado por ela -, sem qualquer agente capaz de contemporaneizá-lo, apenas uma vez mais. A pintura final, da Cruzadas que tanto ama, perderia vida ao menor sinal de passagem do tempo. Seu agora pictórico, sonhado ininterrupto, seria sonho, parte do passado, mais e mais distante, sem seu esforço. Entretanto, não havia porquê de pensar nisso, tinha de voltar a pintar.

O quadro, no chão há anos, definitivamente esmagado pela enorme quantia de tinta depositada na superfície, adquirira texturas tão próximas à realidade, que as duas dimensões espaciais próprias da pintura foram se tornando três, de algo que não se sabia o que era. Vista de lado, se tornara uma torre de pigmentos, de fatias de agoras coloridos e pulsantes, em extrema abstração, que só o acaso do tempo comprimido, daquele jeito, exclusivamente, poderia presentear-nos com tamanha beleza. Para Manoel de Miraúrbe, a construção era o que era, não

importava o que. Pintura ou torre escultórica, abstração lateral ou figuração frontal, bela ou não bela, a única característica procurada era o eterno-agora cruzadano. Assim cresceu, sem medir limites ou esforços do pintor. Este, teve de fabricar escadas mais altas, pois a altura do acúmulo de tinta sobre a superfície da tela já superava sua própria altura, da escada e dos andaimes que dispunha. Sempre haveria de aumentar o posto de pintura para a eternidade da elevação material que sua obra derradeira adquiriria.

Quanto à representação, só podendo ser vista do alto, obtinha caráter mágico. Pulsava como a própria vida, além-janela, que acontecia e era observada por Manoel de Miraúrbe, diariamente, ao longo de todos os anos de trabalho. A grande torre, colecionava todos os momentos, sem exceção, da Cruzadas que respirava o orvalho da manhã e temia as chuvas pesadas do verão. Colecionava, sucessivamente, agora distintos comprimidos que sempre se sobrepunham aos novos. Era a tragédia e beleza da obra, consonantes. Era a tragédia e razão-de-ser de Miraúrbe, perseguidor incansável das cruzadas invisíveis, logo visíveis: ao surgir dos amanhãs, das horas à frente, dos minutos próximos, dos segundos a passar; este miserável e ínfimo momento, entre o previsível e o memorável. Maldição do tempo, terrível à percepção humana.

Duas décadas se correram. A torre almejava atingir os céus, e Manoel de Miraúrbe cumpriu a promessa de, até seu último instante, estar pintando. Foi achado caído, de olhos colados ao chão. De súbito, passara mal e ali mesmo depositou seu último suspiro. Era o fim, o agora havia se perdido. No agora, o pintor estava morto. No próximo, seria enterrado. Adiante, apodreceria calmamente na terra cruzadana, única para ele. Em diversos outros, só se constataria que a memória de si estava, cada vez mais, se perdendo. Não tinha família, pouquíssimos amigos e o quadro. Ah, o quadro...

Sobre o que aconteceu com o quadro, pouco se sabe. A não ser pelo curioso resultado do último agora - passado -, quando ainda espremia as cerdas na superfície pictórica. Infelizmente, os que acompanharam ficaram todos tristes, pois Manoel de Miraúrbe morreu exatamente quando acabara de pintar a cerração baixa da manhã. Tudo era um borrão cinzento, apenas. Uma nuvem densa, perfeitamente representada por aquele acúmulo de pretos e brancos, misturados. Estava perdido o enorme trabalho de Manoel de Miraúrbe, pensaram. Tantos anos para um borrão cinza.

Felizmente, prefiro arriscar, ao contrário que acham, o arremate não poderia ser melhor ao obsessivo pintor. Em sua eterna apreensão de agoras distintos, e no crescente medo de ter seu trabalho escorado ao passado letal, o borrão cinzento afirmava resultado justo ao empenho. Acontece que, mesmo sem Manoel de Miraúrbe saber, o borrão cinzento era o agente de contemporaneização constante de seu trabalho, diariamente, tal qual um relógio parado, que acerta duas vezes ao dia, ao menos. A pintura não tinha a sorte do relógio, mas o pintor podia se contentar com um agora representado, todos os dias. Claro... não poderia captar a todos os agoras, como no trabalho constante e ininterrupto, mas uma pequena fração destes era possível, concentrados àquele humilde borrão cinzento, que eram suficientes.

Como sabido, em todas as manhãs de Cruzadas a cerração abaixava, densa, por algumas horas, e nada mais para representá-la perfeitamente contemporaneizada, que aquele resultado. Os prédios haviam crescido, viadutos emaranhavam-se à vista, o distrito industrial pulsava fumegante e a população crescia sem controle. Era outra Cruzadas à de Manoel de Miraúrbe, mas de algum modo, ainda era a cidade que amara em vida, e que fizera jus, ao confrontá-la, às manhãs, com o borrão cinzento de sua representação. O mais curioso, é que

pareceu conhecer seu destino. No canto inferior direito do virtual retângulo, há seu nome.

Yara Coelho

Yara Coelho Guimarães Garcia é mineira, estudante de engenharia de produção, assistente administrativo e musicista. Aos 23 anos, ela se encontra na música e nos versos. Após o falecimento de sua avó, encontrou a poesia em meio ao caos e esta vem sendo sua parceira nos bons e mais sombrios dias.

Lá no quintal

Quem diz ser o que não é
Omite a verdade ou se ilude com a vaidade?
Esnoba as vestes do varejo
Ou se pinta de dourado em prol de um trocado?

No quintal da casa ela exhibe sua novela
Cada riso, um personagem
Cada história, um roteiro ensaiado

O chão frio da casa assiste os passos
De uma genuinidade feminina
Que corre para se esconder atrás da cortina
Enquanto o enredo se expõe
Lá onde a luz do dia brilha
Lá no quintal
Outra vez

]cxg[

